3 1761 07136148 9

PQ
9231
C36P6

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/poemashericosd00cam

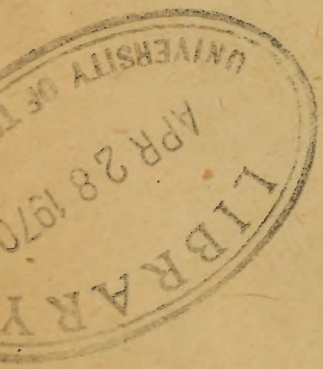
: : POEMAS HEROICOS DE SIMÃO VAZ DE CAMÕES : :

Da mesma geração de Luiz Vaz de Camões, cantor dos «Luziadas», recentemente encontrados por

MARIO SAA

LVMEN
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA
LISBOA — PORTO — COIMBRA
Séde — 132, Rua do Ouro, 138
—
1921

PQ
9231
C36P6



Composto e impresso na Tipografia F. França Amado, Sucessor,
R. Ferreira Borges, 103 a 111 — Coimbra.

Introdução aos poemas

LIBRARY
NOV 8 - 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

O Padre Simão Vaz de Camões

: : : : e os seus poemas : : : :

Na velha povoação de Cabeço-de-Vide, imperadora de planicies do Alto-Alemtejo, vila antiga e pequena, nasceu o Poeta Simão Vaz de Camões, de nobre gente, em março de 1629. Foram os paes Antonio Vaz de Camões, e sua mulher, Isabel Figueira do Couto, outrosim naturaes da mesma terra; o avô paterno, Antonio Vaz de Camões, era irmão do tabelião Luiz Vaz de Camões; o materno, Julião Lopes do Couto, era tambem tabelião de Cabeço-de-Vide, e genro dum outro tabelião! Havia, portanto, inclinação para a escripta, o que não é comum a todas as familias, cuja sintese se havia de formar em Simão de Camões!

Tinha o Poeta um irmão, Luiz Vaz de Camões, que vivia de sua lavoura e de suas herdades, e um irmão, Julião Lopes do Couto, por quem a geração se continuou, trazendo a varonia até ao Presente. Esta esplendida ninhada de Vaz de Camões, até hoje profundamente ignorada, não

obstante voltejar em tôrno do grande Camões, um dos Poetas maiores da cristandade, é, sem duvida, a unica varonia camoneana! O que tenho podido exhumar do Passado, adiante o tratarei com circunstancia.

O Poeta Simão Vaz de Camões entrou em fevereiro de 1648 na Companhia de Jesus, colegio d'Evora; aos vinte e um anos fazia voto simples.

É a sua obra, pelo menos de dois Poemas: *Primaz do Êrmo,* onde faz o elogio do ideal ascético, com a vida de São Paulo, primeiro eremita, poema em oitavo real e sete cantos; *Ave Peregrina*, encantador Poema em cinco cantos, referido áquele extase amoroso de certo Abade Pedro, portuguêz, que floresceu no mosteiro de Vilar, junto a Barcelos, adormecido por espaço de setenta anos, sob a influencia do cantico duma ave; mais uma obra, tambem em oitava rima, de que resta apenas um pedaço, sem principio nem fim, e que ao cabo deste livro deixo inserido sob a designação de *(Fragmento)*: São estas oitavas a descripção dum banquête mitologico.

Era Simão Vaz de Camões parente não afastado de *Luiz de Camões,* ambos nascidos do poeta *Vasco Pires de Camões,* o primeiro que deste apelido veiu para Portugal. Tenho a honra de

entregar ao culto camoneano estes poemas, que Simão, descendente de Vasco e primo de Luiz, e tambem primo de Gonçalo Vaz de Camões, outro poeta, — deixára sepulto em poeira antiga donde o exumou a minha curiosidade!

Cantou Luiz Vaz de Camões em oitava real as glorias do Portugal profano; cantou Simão Vaz de Camões em oitava real uma das glorias do Portugal religioso! Não quero achar paralelismo entre um e outro no tocante ao tamanho das cerebrações; não é minha intenção rasar o abismo que aparta naturalmente os dois parentes; mas é minha intenção achar de comum certas qualidades psicologicas, tais como o amôr ao *paradoxo,* a forma literaria do *trocadilho,* igual tipo de *sintese* e *balanço de frase.* De ora ávante, não diremos *temperamento do Camões,* porém: *temperamento dos Camões!...*

Simão foi um poeta seiscentista e um dos mais inteligentes do seu século: aqui e além assomam disticos, frases subtis, engenhos ardilosos de pensamento que pelo intenso da sintese e vária estranhêza se poderão afigurar de *gongorismo.* Não é, contudo, exhumado dessa influencia, aliaz benefica, porque trouxe a liberdade ao dominio da arte (se porventura ha liberdade onde ha influencia!...). Para exemplo, do quanto foi tocado, aqui citarei a estancia II do canto 3.º da *Ave*

Peregrina, quando o poeta se refere ao cair do orvalho e ao seu desaparecimento pela manhã:

Aquele pranto, aljôfares, vertido,
Que bebe o sol em púcaros de rosa,
Pérolas — com que a flôr borda o vestido,
Grão de cristal á ave calorosa;
Mimo do campo, chuva sem ruido,
Nectar, de que Apolo ao sair gosa;
Da Auróra digo, o pranto celebrado,
A quem o sol enxuga, enamorado!

Não só os trocadilhos e paradoxos são do espirito gongórico; tambem o são estas arrojadas imagens e mil exageradas descrições, por assim dizer expressões de realce, que alêm da vantagem mnemónica, agradam ao espirito como invulgares *achados* de subtilêzas e engenhosas maneiras de dizer. Entre os muitos exemplos que poderia citar, aqui porei mais um, a estancia XII do mesmo canto, ao contar a anciedade dos monges do mosteiro de Vilar quando por toda a parte procuravam o adormecido Abade Pedro; vêde o exagêro como expressão de realce:

— Adonde vaes? — nos dize sem cuidado,
Que não te encontrem, sim, porque é forçoso
De nosso pranto o curso desatado,
De nossos ais o vento saudoso!
Agua e vento farão, sendo admirado,
O caminho, em taes passos, perigoso

Com que a nosso clamôr, que se acrescenta,
Tornarás obrigado da tormenta!

Contudo Simão de Camões é mais um movimento proprio que um reflexo do espirito do seu tempo. Muito embora a acção de Luiz de Góngora haja cavado feição nos temperamentos, tambem essa influencia e essa feição seriam plastisados de modos diversos, segundo os diversos temperamentos; e uma *escola,* que vem a ser para alguns um motivo de superficial engenho, de locazes efeitos dissiminantes, poderá, comtudo, ser para outros, uma nova indicação, um novo metodo de temperar a formulação do pensamento. E nestes ultimos que influencia a *escola* exercerá, que não seja a de despertar uma afinidade latente? — Assim sucedeu, sem duvida a Simão de Camões: a *escola gongórica* foi para ele — o despertar duma afinidade latente.

O tipo *trocadilho-paradoxal* é da indole individual, não pertence á epoca; pode comtudo ser acordado pela indole da epoca. — Que diriamos então de Luiz de Camões, quando muitos anos antes de Gongora, escrevia este Soneto?!:

O amôr é um fôgo que arde sem se vêr;
E' ferida que doe e não se sente;
E' um contentamento descontente;
E' dôr que desatina sem doêr.

E' um não querer mais que bem querer;
E' solitario andar por entre gente;
E' um não contentar-se de contente;
E' cuidar que se ganha em se perdêr.

E' um estar-se preso por vontade;
E' servir a quem vence o vencedor;
E' um têr com quem nos mate lealdade.

— Mas como causar pode o seu favôr
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrário o mesmo amôr?!

Isto é bem um gesto gracioso, uma maneira elegante em trocadilhos de esplanar uma ideia em paradoxos, tanto á feição de Luiz de Camões. Vêde óra estas estrofes de Simão de Camões:

Duas mortes, aqui, nos transe forte
Oferecendo-se estão nesta partida:
Tu, a morte terás na mesma morte,
Eu, a morte terei na despedida!
Mas ai, que desigual está a sorte!
Que em tua Parca tens, tu, tua vida,
E eu fico no amargo apartamento
Morto ao viver, e vivo ao sentimento

(*Primaz do Êrmo,* canto 5.º, estrofe IX)

O encerramento da oitava é bem subtil; refere-se ás palavras de desespero que põe o

auctor na boca de Santo Antão, quando São Paulo no êrmo lhe pedia que se ausentasse, porque havendo tido o presentimento da morte, desejaria vêr-se só nesse momento.

E logo na estancia a seguir ele continua:

Não quere Deus, Paulo diz, que nossas palmas
Se equivoquem, aqui, nesta partida:
A tua vida importa muitas almas,
A minha vida importa pouca vida.
. . . . . .

Assim tornava Paulo ao desesperado discurso de Antão; porque Paulo, sentindo-se velho, via a nulidade da sua existencia, emquanto bem entendia que a vida de Antão, poderia ser salvadôra de muitas almas.

Ai, disse Antão, e como em mal tão forte
Me deixas aqui, só, nesta partida?
Ou sustentes a vida contra a morte
Ou a morte me alcances contra a vida!

Isto escreve o auctor na estrofe V do mesmo canto e poema *Primaz do Èrmo;* maneira elegante em trocadilho de apresentar a doloridade dum apartamento; isto é: — «faze que a tua vida se prolongue, ou seja abreviada a minha vida». — E como espirito de sintese, que tanto

caracterisa Luiz de Camões, poderemos vêr o resto da precedente estancia:

> Mas já a Parca sinto em tua sorte,
> Ó, já a vêjo em tua despedida!
> Assim, que escuso aqui tua piedade,
> Pois morrerei de inveja e de saudade!...

Ficava Antão no desolamento aqui descripto, apoderado da *inveja* e da *saudade,* porque Paulo deixando-o, subia ao Ceu. Magnifica sintese de sentimentos que róem a alma do que vê ausentar-se uma pessôa querida, para uma felicidade ainda mais querida! Se o poeta fizera sonetos ou se os fêz, seriam comcertêza admiraveis. Com efeito, devendo o soneto terminar no ultimo tercêto o pensamento que esboçou na primeira quadra, devendo ser inteiriço e não desconjuncto (o que mais vulgarmente se tem escrito não são sonetos, são quatorze versos; o soneto requere-se um pensamento, não um feixe de discontinuos pensamentos, sem pensamento!...) devendo ser finalmente arrematado por uma fórma redonda e imprevista, tem todas as necessárias condições nas oitavas reaes de Simão de Camões; elas são mais *sonetos* que muitos sonetos! As *parelhas* finais das suas estrofes, blocos uniformes e indivisiveis, camoneanamente sinteticos e dicididos, reve-

lam mais um laço de parenteseo entre os dois poetas cotejados.

Porêm, não fugindo á apreciação sob o ponto de vista dos trocadilhos e paradoxos, aqui citaremos mais exemplos, como aquele em que, no mesmo poema *Primaz do Èrmo,* canto I estrofe XIII, transparece Antão buscando Paulo atravez os desertos do Egito:

Conculcando das penhas a dureza,
Rompendo do carrasco o toque esquivo,
Buscava a descobrir sua fineza
Uma luz sepultada, um morto vivo,
. . . . . .

No mesmo canto, estrofe I, diz o poeta referindo-se a Santo Antão:

. . . . . .
Aquele que plantou por luzes belas,
No ceu boninas e no campo estrelas;

E logo na estrofe II:

. . . . . .
Que um imperio fundou em um deserto
Èrmo, aonde criou, por maior palma
Féras com sugeição, flôres com alma.

Não só sob o ponto de vista paradoxal, o poeta é caracteristico; sob esse ponto se patenteia

sobretudo o paralelismo com Luiz de Camões. Outras qualidades tem, como a de ser acima de tudo muito inteligente; é mesmo mais inteligente do que artista. Nem tão pouco é grande poeta, mas é bom pensador. Nem em toda a extensão dos seus poemas, o auctor usou do coração e do bom gôsto; bastas vezes se mostra falho de tecnica, pobrissimo de rima; ás vezes segue num portuguez dificil em virtude duma concordancia *alatinada* (e gongorista); outras vêzes desenvolve-se em considerações demasiadas e prolixas, não obstante uma forma sintetica literária. A metrica é muitas vezes forçada, com o emprego de adverbios e palavras superfluas, especies de *cunhas,* que servem a completar o numerario das silabas! Transcreverei alguns exemplos de adverbiação. No poema do *Primax do Êrmo:*

Canto 2.º, estrofe IV:

O rouxinol entôa, a pomba geme,
O galo canta, *sim,* o leão teme.

Canto 3.º, estrofe V:

As aves, *sim,* o prato lhe serviam,

Canto 4.º, estrofe V:

A pura rosa, *sim,* foi desfolhada,

Canto 7.º, estrofe IX.

Por sinal, não da furia mais potente,
Mas por lamento, *sim*, da pena féra,

Estrofe XVII:

Não faças destes timbres, *não*, memoria,

Vamos agora ao poema *Ave Peregrina*.

Canto 1.º, estrofe IV:

Não canto, *não*, a doce despedida
Do arminho das aguas *em tal sorte*,
Que tal se conhecesse o que é a vida
Nos ultimos diliquios canta a morte;
Não narro, *não*, do cisne a despedida,
Sonóra parca, *sim*, no transe forte;
. . . . . .

Estrofe VIII:

Mimo da terra, *sim*, raio do mundo.

Estrofe XIV:

O canto, *sim*, da dôce filomena;

Estrofe XV:

Nenhuma tem inveja, *não*, da rosa

Estrofe XXVII:

Homem na essencia, *sim*, penha no trato!

Estrofe XXXI:

A alma, *sim,* da vida dividida,

Canto 2.°, estrofe XV:

Cresce perigo, *sim,* nasce doçura.

Canto 3.°, estrofe XII:

Que não te encontrem, *sim,* porque é forçoso,

Canto 4.°, estrofe II:

A traça, *sim,* mordaz, que tudo estroe,
. . . . . .
A lima surda, *sim,* que sempre róe;

Tive o cuidado de transcrever copia de exemplos de adverbiação de que o poeta se servira para a formação da métrica décassilábica, e tive o cuidado estes versos em que entra o adverbio *sim,* porque é como que um *estribilho* de Simão de Camões e que tanto caracterisa os seus escritos; e como espalhado está pelos dois poemas, bem mostraria a sua unidade e a mesma autoria, áqueles que duvidar ousassem desta verdade. E para maior confirmação desta verdade, além da simples leitura dos dois poemas e do *Fragmento,* bastaria recordar certos versos e frases paralelos, como por exemplo:

No *Primaz do Êrmo,* canto 1.º, estrofe I:

Do Inferno o assombro mais temido

Na *Ave Peregrina,* canto 1.º, estrofe VIII:

Da Africa o assombro mais temido,

No *Primaz do Êrmo,* canto 2.º, estrofe III:

Orfeu de azas, Anfião de pena

Na *Ave Peregrina,* canto 1.º, estrofe III:

Desse Orfeu entre as aves não relato
Os dôces ecos, graças superiores;
O Anfião com azas não retrato,
Clarim da Auróra, musico das flôres;
. . . . . .

Ainda no tocante á tecnica dos poemas, o seu auctor repete-se muito; estão exemplos flagrantes no canto 3.º da *Ave Peregrina.* Muito teria que dizer se me propozesse estender a massa do defeito da *metrica conformidade* de Simão de Camões; ele observava com rigor as regras da metrica, como o poderia fazer um conventual, ou um estudante de estilistica e de rectorica!... que sempre são uma desgraça, uma verdadeirissima

desgraça! Tambem Simão de Camões, não só na forma, mas até, quando se propõe seguir á risca as narrações e prescrições do *Flos Sanctorum* para a composição dos seus poemas, é outra imensa desgraça, duma vulgaridade, duma insipidêz que nos agasta! Porém, o seu triunfo, são as optimas notas da paisagem e os optimos conceitos e paradoxos: é paisagista e conceituoso; não se sente bem na reproducção exacta das descrições biograficas dos santos (como ninguem afinal), encontrando-se, comtudo, muito á vontade nas esplanações pessoais, *filosofadas,* paisagens e amoresidades: é assim o feitio de Luiz de Camões.

Como já disse, Simão de Camões, é mais inteligente do que poeta e artista; comtudo, escreveu ele admiraveis bucolismos, soberbas geiras de tinta, divinas metáforas. Como lirico, no rigoroso sentido deste vocabulo, toca, por vêzes, a extrema do genio!

Antes de analisarmos o filosofo, analisemos o colorista; para apreciarmos a palêta do pintor, retina do pintor, ahi vão alguns exemplos:

Deu o Fauno a correr, penhas trepando,
Pé de cabra, ligeiro como o vento;
Quando Apolo, os loureiros abrazando,
De Dafne se despede macilento;
E no coche, que o filho ia quebrando,
Inclina para o mar o movimento,

Adonde Tétis dá, por desafôgo,
Camara de cristal a um deus de fôgo.

(*Primaz do Êrmo*, canto 1.°, estrofe XVII).

Ainda, como exemplo do sentimento colorista de Simão de Camões, vae mais o seguinte:

Já Febo tres carreiras tinha dado,
Já do dia terceiro o sol se via,
Quando um monte divisa, que elevado
Gigante de esmeralda ao ceu subia!
O seu vêrde pescôço levantado;
A cabeça na esfera presumia
Tão arrogante, *sim*, que a sublimar-se
Intentava de estrela coroar-se!

(*Primaz do Êrmo*, canto 2.°, estrofe VII).

Abro aqui um parentesis para fazêr notar que o verso primeiro desta estancia, lembra um pouco aqueloutra que nos *Luziadas* é o comêço do episodio do Adamastor, e que abre assim:

Porém já cinco soes eram passados
Que d'aqui se partiram.....
.....

Ha uma outra estrofe de Simão de Camões que mais exatamente lembra esta passagem dos *Luziadas*:

.....
E depois de tres soes sêrem passados,

Seu domicilio vê, mas com desprêso,
Porque lhe pareceu, e não o erra,
Aquela cova ceu, tudo o mais — terra!

(*Primax do Êrmo,* canto 7.°, estrofe XIII).

Enfim, Simão de Camões recebia a influencia do seu parente, porque amava a obra do seu parente. — Mas poderá conjecturar-se que aquele caracter *trocadilho-paradoxal,* de que atraz tanto escrevi como defeninte do temperamento dos Camões, não seja do temperamento mas resultado de sugestão, de influencia literaria? — Não. O espirito *trocadilho-paradoxal,* o *conceituoso,* o *sentencioso,* define um espirito, não define uma forma de educação, não é efeito duma escola; não é caracter adquirido, porém herdado. E quando fôsse aprendido, mais directamente influiria Gongora sobre o Padre Simão Vaz de Camões, que o auctor dos *Luziadas.*

Mas encerrando o parentesis, continuo com a apreciação do colorista:

. . . . . .
E a filomena, dando-lhe a alvorada,
Amôres só lhe canta e não queixumes;
A flôr, do verde catre levantada,
Sacrificio lhe faz de seus perfumes;
. . . . . .

(*Primax do Êrmo,* canto 5.°, estrofe II).

Na estrofe que a seguir transcrevo, além do mesmo senso paisagista, vê-se o filosofo:

Se para o ceu te partes, victorioso,
Não me deixes na terra maguado;
Liberal sê comigo de teu gôso,
E te será maior comunicado.
Eu fico neste páramo saudoso
Para reverdecer seu bronco estado,
Pois darei pelos sêcos horizontes,
Mios aos êrmos, aos penhascos fontes!

Alcança-me, de quem tudo se alcança,
A morte dôce, não a vida amarga:
Troque-se já na posse a esperança
Que mais me oprime quanto mais se alarga;
Porque não serve a quem ao lôgro avança
Nem curta fé, nem esperança larga;
— Ó, ficarei estando como d'antes,
Chorando séculos e contando instantes!...

(*Primax do Êrmo*, canto 5.º, estrofes VII e VIII).

Não ha nestas estrofes uma só ideia, mas um turbilhão de ideias com diversos modos de formulação; não ha um verso a mais, e cada um tem a sua intenção simbolica.

Vêde, ora, as encantadoras estrofes, que se referem á morte do Eremita Paulo; notae as

estranhas imagens e a saudade espalhada por todos os versos:

Flores, que madrugaes na manhã fria
A vêr nascer o pae de Fäetonte,
Não saiais do botão a vêr o dia
Porque o sol se apagou neste horizonte;
Escondei essas côres de alegria
Que de luto se veste todo o monte;
Tu rainha das flôres, lá no prado,
Não te vejam vestida de encarnado.

Aves que penetrais a esfera pura,
Ramalhetes do ar.....
.....

(*Primaz do Êrmo,* canto 6.º, estrofes XIII e XIV).

Do mesmo poema, do canto 5.º e estrofe XIX, pode extratar-se este genial fragmento:

.....
As arvores, nos ramos descaidas
E até, no duro tronco, quebrantadas;
E o ar lhe pareceu, que tanto admiro,
Se transformava todo em um suspiro.

No poema *Ave Peregrina,* ha egualmente muitos versos que merecem menção.

Assim temos, canto 1.º, estrofe XIII, na des-

crição do rio Prado que banha o Mosteiro de Vilar:

. . . . . .
Torno a dizer que o Prado ao pé lhe ata
Fivéla de cristal, cinta de prata.

E a elaquente perfeição dos versos que seguem, já do canto 2.º, estrofe II?

Correu o veu opaco noite escura
Ao bastidor florido de Amaltea,
Donde Flora debuxa á sombra impura
Quanto a Auróra descobre á luz febea.
Diana só deixou sua figura
Na açussena. . . . . .
. . . . . .

A serenidade, eloquencia, côr e tecnica desta estancia, é muito bem da indole camoneana; não destoaria na obra de Luiz de Camões.

— E as diliciosas oitavas XXX e XXXI do canto II?

Tu, Prado, cujo intrépido ruído
Para lima das pedras se desata,
Pára um pouco, te peço, adormecido,
Se é que o mesmo prodigio te não ata!
Manso, sereno, quasi não sentido,

Toca suave a citara de prata;
Suspende o passo, ó rio, a teus rumôres,
Que descança o amôr sobre estas flôres!

O' tu fonte, que tersa e cristalina,
Os incendios do sol matar procuras,
Adonde a bela ninfa peregrina
Sólio tem nos cristaes das aguas puras;
Tu, que toda a montanha, disto indina
Tantas contas lhe dás do que murmuras,
Prende a lingua de prata.....
.....

E no canto 3.º, estrofe XXI:

Sagrados mares, cuja esféra pura
E' espelho do ceu, do sol mortalha;
.....

Estas fantasias deliciosas, acompanhadas mil vêzes de mil ternuras, deixam na alma uma sensação subtil de delicadêza: assim sucede naqueles versos que descrevem os ultimos suspiros do Abade Pedro; E' ele que fala, o moribundo:

O divo amor, na hora formidavel,
No transe grave e ultimo suspiro,
Tão benigno se mostra, tão tratavel,
Que espirando de mim, nele respiro!...

Se quereis, pois, no dia lamentavel
Não temêr o rigôr, como refiro,
Servi e amai, e seja com extremo;
Que eu amei e servi... e ainda assim temo!...

— «Tão benigno se mostra tão tratavel...» que emoção, que beatifica suavidade!...

Já no *Primaz do Êrmo,* canto 4.º, a oitava XV reza assim:

Já para o breve sono, não trocára
A terra dura, pela branda pena;
Nem dera pela estancia mais preclara
A cova escura pela paz serena;
Pela abundante meza não deixára
Na palma vêrde a tamara morena,
E como o *Êrmo* ceu me parecia,
Ao ceu pelo Ceu só trocaria!

Que pelo inefavel ceu do *Êrmo,* só trocaria o divino ceu, a bemaventurança junto a Deus. Eis ahi mais uma oitava, sinteticamente e camoneanamente encerrada. Assim falava Paulo, fazendo a Antão o elogio do seu retiro. Simão de Camões cantou sempre o amôr ao ascetismo.

A alma do Poeta era mui branda; amansado talvêz no fundo do Claustro, mansa, talvêz, por coisa inata; no entanto coloria-se brandamente.

Para finalizar os meus reparos ao tempera-

mento lirico e colorista do poeta Simão Vaz de Camões, ainda acrescento:

Ali a fonte de cristal corria,
Que filha dum penêdo, rebentava,
Adonde Paulo, a agua que bebia
Em lagrimas de amôr logo pagava.
A margem, verde junco guarnecia,
Vêrde cordão — que aljôfar enfiava;
A sombra, fria está, porque vos conte,
Com lágrimas de amôr sêr fria a fonte.

(*Primaz do Êrmo,* canto 3.º, estrofe III).

O auctor foi padre, e portanto cantou São Paulo Eremita, porque se êle não fôra padre tambem outro galo nos cantaria!

Quando o padre não vae subordinado ao *Flos Sanctorum,* não simulando, portanto, um entusiasmo, que só pode sêr enorme sendo profano, e livremente brinca a voz do instincto, ei-lo que parece um outro homem!

Apesar de ser padre, aquele mistico amôr, cujo louvor lhe ocupa, quasi a totalidade da *Ave Peregrina,* aquele excesso, perfeitamente escandaloso a olhos religiosos, não é senão uma errada interpretação do amôr profano que incendiava o coração do seu auctor; (esta tendencia amorosa é dos Camões; sofreu por isso Luiz de Camões, e

um outro seu primo tambem chamado Simão Vaz de Camões, fidalgo de Coimbra), não é senão uma errada interpretação do amôr profano, dizia eu, ou intencional mistificação, com o fim de ocultar em divina nuvem uma vocação para o amôr da terra. Não nos esqueçamos que era jesuita (e com isto não me quero reportar ao *dissimúlo*, porém aos rigores e votos do Claustro). Quem sabe mesmo, se as 24 oitavas que inseri no final deste volume sob o titulo de (*Fragmento*) e que se referem a um banquete amoroso do deus Neptuno (incontestavelmente do mesmo auctor), quem sabe, dizia eu, se o desaparecimento do restante, não fôra o resultado duma censura, não fôra saneamento do Convento? Nestas oitavas tão interessantes, é que verdadeiramente reconheço o Poeta. Fóra delas, salvo uns fragmentos aqui e além, é um narrador mais ou menos feliz do *Flos Sanctorum*.

Nessas oitavas do banquete divino, vem muito decantada a formosa *Nila!* Será isto ninfa do Nilo, ou anagrama da terminação de algum nome de mulher? *Nila* compõe-se das letras do sufixo *lina*, diminuitivo ou terminação de alguns nomes proprios de mulher.

Assim, haverá nisto romance de amôr?

Aqui transcrevo a estrofe (XXII) do (*Fragmento*), quando *Nila*, pescando descuidada, ouviu

uma voz; (lembra certa passagem do canto IX dos *Lusiadas*):

Um dia que pescava, oficiosa,
Ouviu que lhe diziam na marinha:
— « Olha o meu coração, *Nila* formosa,
Prêso na rêde o tens, e livre vinha! »
Logo arrojou a rêde, vergonhosa,
E com ira a pisou, que assim convinha.
— « De fazer teu reparo, aqui, não deixes,
Pois pisa corações quem busca peixes! »

Neptuno, quando no banquete apresentar *Nila* perante deuses e invejosas ninfas convidadas e a despeitadissima Tétis, — foi desta forma, cantada em a estancia XIII:

— « Esta é a beleza, que escondida,
A nossos olhos seu recato teve,
Quando em sua purêza defendida,
Qual pérola na concha, oculta esteve,
— Neptuno diz, — e a fiz aparecida
Qual o sol que se põe por tempo breve,
— Para que visse o deus que assim falava,
Que tudo aqui faltava, se faltava! »

Um jesuita poderia amar uma mulher, e sobretudo um poeta; mas um jesuita, só tinha o direito de amar pela saudade; e quem sabe se d'ahi essa predilecção pelo *Êrmo,* predilecção por a meditação longe dos homens?! O seu amôr ao *êrmo,* o

ideal ascético, percebe-se bem atravez dos seus poemas: o titulo de *Primaz do Êrmo* é por si mesmo uma evocação.

Canta o poeta na estrofe XIII do canto 4.º:

Fui gostando da doce soledade,
Companheira da vida mais segura,
Adonde o ceu se tem na saudade,
E a terra se possue na verdura;
.....

Aqui claramente ele anuncia que na saudade ha um ceu um inefavel ceu, amôr subjectivo, posse subjectiva. Simão de Camões adorava os êrmos; e esse amôr tão proprio dos poetas, é nativo naqueles que muito amam como Luiz de Camões amou *Natercia,* dos que são embargados em suas paixões. Os captivos dum amôr infortunado, leva-os o impulso para longe dos homens, amam o desterro e os êrmos lugares.

Daqui, passei a excessos elevados,
De tantos largos anos pretendidos...
E nos laços de amôr mais apertados
Penetrei os segrêdos escondidos.
Os favôres, que estavam represados,
Aqui arrebentaram de oprimidos!
— Quantas vêzes me vi morto de amôres,
Pedindo fructos e rogando flôres!

(*Primaz do Êrmo,* canto 4.º, estrofe XVII).

Não é o Poeta que fala, ou antes, é o poeta que fala, interpretando os dizêres de Paulo Eremita. Quando nesta oitava escreve:

Os favôres, que estavam represados,
Aqui arrebentaram de oprimidos!

mostra-se sabedor da psicologia dos desejos; na verdade, a maior sensualidade é a sensualidade reprimida; pinta a vivo a sensualidade dos ascétas, o ardôr dos corações que moram nos êrmos!

E logo na oitava a seguir:

Quando saía o sol do seu profundo
Já me achava ao ceu arrodilhado;
Quando tornava de dar a volta ao mundo,
Em o mesmo logar me achou parado!
E sentindo o ardôr com que o confundo
Vendo-se em sua luz quasi apagado
Sem que o dórico carro ouse a mover-se,
A meu peito chegou, por acender-se!

A intensidade lúbrica desta estrofe, misturada com a tecnica dos dizêres, formam aqui uma muito bela estrofe.

O ardôr, erótico e mistico é uma das caracteristicas dos Camões; e digo erótico e mistico, porque um, no outro se transforma; toda a vibra-

ção desagua no espasmo; todo o amôr objectivo, em subjectivo; em saudade, e em ternura.

— Como ele resume o extasi amoroso num dos seus inimitaveis fins de oitava!:

. . . . . .

Pouco a pouco o varão, bebendo alentos,
Os sentidos perdeu nos sentimentos! . .

(*Ave Peregrina*, canto 2.º, estrofe XIX).

A *Ave Peregrina* é uma dissertação sobre o amôr mistico, que claramente se entende *movimento adquirido* em o amôr profano. O divino canto daquela ave foi talvêz a lembrança de alguma hora amorosa de Simão de Camões! Este poema está repleto de pedaços encantadores, grandes sentenças e aforismos amorosos muito interessantes;

Por exemplo:

Neste ilustre Moisés contemplativo,
Todas as perfeições, creio, estudavam;
. . . . . .
No fôgo de seu peito nunca esquivo,
Liam lições de amôr, que praticavam:
Que de amôr na sciência em tanta chama,
Não ensina quem sabe, mas quem ama!

(*Ave Peregrina*, canto 1.º, estrofe XXVI).

A estrofe XXXII do mesmo canto e Poema, é tão camoneana, tão formosa que não resisto á tentação de a transcrever:

Coração, que teu mal, penando intimas,
Olhos, que vendo sombras luzes crêdes,
Ausente de teu bem, para que animas?!
Sem vêr a quem quereis, para que vêdes?!
Afogado no pranto te lastimo,
No fôgo daes corrente a tantas sêdes!
Ai! que abrazam o monte, em taes abrolhos,
Agua do coração, fôgo dos olhos!...

— Que ternura, que arte, que inteligencia!... Simão de Camões, não tendo a intensidade heroica de seu primo, é duma inefavel doçura muito chegada!

Do mesmo teor é a estrofe XXXVII:

Mas ó gloria de amôr incompetida,
Quem ousou a exprimir-te, não acabe!
Como no coração terá cabida
O que no coração, dizem, não cabe?!
Olhos, não podem vêr a luz subida,
Ouvidos, de teus ecos nada sabem...
Quando em teus braços, me verei, constantes,
Logrando séculos e contando instantes?!

Ainda aqui a mesma suavidade a par dum pensamento requintado; tambem é interessante a

expressão de realce dada á intensidade dum tempo de amôr que sempre dure, feita na forma, como acima está escrita o final de oitava: *logrando seculos e contando instantes;* dá, por um lado, a ideia de imensidade, e por outro lado a ideia de intimidade, de avarêza com que se quere gosar cada momento! Esta forma de dizêr, marca bem a extensão nos dois sentidos: no inverso e no intimo, em espaço e em tempo! E' enfim a lata expressão da *totalidade.* Simão Vaz de Camões era um intuitivo; e por intuição compreendia a psicologia dos *contrastes.*

Mas não fica por aqui o lirismo amoroso do nosso poeta, (que ele disfarçou, de amôr divino!) vou transcrever uma graciosa oitava, muito lirica, quanto bem talhada, e bem elegante:

Neste mar de doçuras se engolfava,
Donde as enchentes são impetuosas;
Ali, maré de rosas navegava,
Porque é maré de amôr, maré de rosas!
O ar que nele, brando, se assoprava
Respirações de amôr são, amorosas;
Assim, que ao alto norte estando atento,
Um amôr se bebia em cada alento.

(*Ave Peregrina,* canto 2.º, estrofe XXV).

O poeta mostra-se entendido em coisas de amôr; e apesar de se tratar dum amôr pelo

divino, é ele que diz, referindo-se ao Santo Abade Pedro:

. . . . . .
Olhae, que um portuguêz enamorado
Descança á sombra do seu *bem* altivo!
Calae, guardae-lhe o sono com segredo,
Que o mesmo amôr, na boca põe o mêdo!

(*Ave Peregrina,* canto 2.º, estrofe XXXII).

Não vem este pensamento muito a proposito duma ardente afeição pela essencia divina, mas viria a proposito se se tratasse abertamente duma inclinação terrena.

A's vezes a amoresidade do Poeta, torna-se histerica, violenta, como a de Santa Tereza de Jesus; escreve na estrofe XXXX do canto IV, *Ave Peregrina:*

Donde o raro varão (que tal estava!),
Agua gemia, fôgo suspirava!...

Mas porque nos admiramos desta ardencia, se é ele, que na estrofe XIX do canto 3.º, nos explica?

Que é braza, até, a cinza de quem ama!

E a pouco e pouco, toda a violencia amorosa se transmudava em sensibilidades doentias, em

espasmos de lagrimas, em volupias; este ideal camoneano da vida ascética, é outro espasmo, é outra feição de ideal amoroso. Tambem Simão de Camões amava o *Ermo* e enfermava de agitação cardiaca! — Quão mal se sentiria entre os confrades? E quantas vêzes, não fôra isso motivo, fonte de lagrimas?!...

E em tanta solidão, em pena tanta,
Lagrimas chora quando psalmos canta!

(*Primaz do Ermo*, canto 7.º, estrofe IV).

E a par da agitação amorosa, ao tecer o elogio dos *Ermos*, canta mais esta estrofe, tão inteligente e tão sintética (tudo o que é sintético e inteligente) de que sómente extrato os versos finais:

. . . . . .
E na guerra do amôr, que em sangue o banha,
O campo se passou a ser campanha!

(*Ave Peregrina*, canto 1.º, estrofe XXIV).

Enfim, para terminar a análise ao estro amoroso do Padre Camões, aqui tornarei a dizêr com ele na estrofe VI do canto 5.º da *Ave Peregrina*:

E se de amôr nas chamas relevantes
São os vitaes alentos apurados,

Seja vossa eleição morrer de amantes
Que é melhor que viver de descuidados;
. . . . . .

Mas deixemos o erotismo do Padre Camões e passemos á analise do poeta-filosofo, expressado no aforismo, na sentença, entretido pela graciosa forma dos trocadilhos e paradoxos.

Mas podem perguntar-me: — não será essa forma de escrever o fructo duma epoca ou duma influencia? — Não, — responderei; é antes o fructo de todas as epocas em que floriu a alma do filosofo, do que o é, antes de tudo, por intuição; porque o filosofo tem o seu espirito e a sua alma, e a maneira de temperar os ditados da alma. E quando quere expressar a *alma do espirito,* quando o filosofo é artista, o seu engenho é a *sintese,* frase sintética, balançada, ardilosa, provocante. *Trocadilho* e *paradoxo* são deste modo os arrimos usuaes do pensador e nos quaes se vae estribando no campo da arte. O *engenho verbal* dos pensadores, é o de cavalgar nesses torneios; e até o de revestir-se de certos incognitos, *verbi gratia,* o processo simbolista.

O trocadilho, o paradoxo e o simbolo, em frase de sintese, são sempre um achado para o pensador; ahi ha de tudo: — balanço, charada e pensamento. — O trocadilho é o balanço da frase em

duas porções; o paradoxo é o sentido da frase em dois sentidos; o simbolo é especie de excitante, pandega literária, e portanto mnemónica que torna, por este modo, a ideia inapagavel!... Eis os gestos de que um pensador se serve para se insinuar bailando; e adora imensamente este bailado, bailado da palavra ao toque do cerebro. O proprio bailado é mnemónica, formulação de pensamento, portanto indelevel. Porque aquele que escreve em pensamento, pretende ser decorado; e só se é decorado e sugestivo quando se alcança o que fica dito. Esta fórma literaria é a mais saudavel; é o espirito da sentença, por vêzes gracioso e brincalhão, indiscutiveis caracteristicas de Luiz de Camões, e de todos os homens de genio; é talvêz um pedaço do tipo judaico.

Outras vêzes os filosofos conceituosos, os Camões, adóram realçar as suas ideias pelos exagêros bem inverosimeis; estes exagêros são como o simbolo, maneiras de vincar o pensamento, por um modo sorridente em *ar de chalaça;* diz Simão de Camões com referência ao Santo Abade Pedro e seus confrades, na *Ave Peregrina,* canto 1.º, estrofe XXIII:

. . . . . .

A mesma solidão, em seu retiro,
As lições do silencio lhes ha tomado,

Parecendo os varões em tanta calma,
Almas de pedra, não, — pedras com alma!

É, com efeito, uma expressão de realce, que toca o inverosimil, porém gostosa, a quem lêr, e tornando uma ideia inolvidavel.

Simbolismos deveras camoneanos, são tambem estes que vão seguir-se:

No dourado brazeiro incenso fumo
A idolatra mão, dá com afôgo;
No gentilico templo tudo é fumo,
No catolico peito tudo é fôgo
. . . . . .

(*Primaz do Êrmo*, canto 4.º, estrofe VII).

Isto é bem ritmado, é bem bailado, e o simbolo é expressivo pelo exagêro.

Os monges do Mosteiro de Vilar, debalde, anciosamente, buscavam por toda a parte o abade Pedro e era assim que diziam:

Se foges nossos êrros ofendido,
Vendo que tua luz não persuade,
. . . . . .
Se de perdida ovelha vais ferido
Por não veres seus deslises com verdade,
Olha que o bom pastor em taes assombros,
Não as costas lhe dá, senão os ombros!

(*Ave Peregrina*, canto 3.º, estrofe XIV).

Estas frases eram muito do feitio de Luiz de Camões, o valentão que muito graciosamente afirmava em simbolo que jámais alguem lhe vira as sólas dos pés.

Bem longe vae a ardencia simbolica de Simão de Camões em persuasivas instancias de que extratarei mais uma, a VII do canto VI do *Primaz do Ermo;* trata-se de narrar a morte de São Paulo, *Primaz do Êrmo*, e a grande magua de Antão seu companheiro. Antão, subitamente, olhando o ceu, percebeu uma divina apoteose ao Santo Paulo entre canticos celestiais e divinos córos:

Olha Antão, vê angelicas creaturas
. . . . . .
Com Paulo glorioso ao ceu subiam
. . . . . .
Apostolos, profetas, lhe são guia,
Que entre os de mais valia tem valia.

Agora são descritos os dois sentimentos: gloria e pesar, — que simultaneamente se sucediam no coração de Antão: é a oitava seguinte: a tristeza e a alegria do amigo, que vê fugir-lhe o amigo no sentido da gloria:

Quanto á vista da gloria, — enaltecido,
Fica á vista da perda — magoado;

O fôgo, que no peito se ha crescido,
Com a agua do pranto ha mitigado:
No coração se sente entristecido
E nos olhos se vê glorificado;
A celestial visão desaparece,
A gloria diminue, a pena cresce.

Aqui, a par da intensidade do simbolo, a feitoria da estancia é admiravel!...

Grandes pensamentos, escreveu tambem Simão de Camões no jaez daquele, que já transcrevi

Que de amor na sciencia em tanta chama,
Não ensina quem sabe, mas quem ama!

resumo colossal que continua a assignala-lo como aforistico, o precioso sintetico das finaes parelhas das oitavas.

Vêde, ora, esta magnifica estancia, a XXXI do canto 1.º da *Ave Peregrina*:

Se é o amado, por razão sabida,
Do amante — alma e vida — por mais palma,
— Qual a alma estará sem vêr a vida?
— Qual a vida estará sem vêr a alma?
A alma, *sim*, da vida dividida,
A vida separada em tanta calma;
— O' amôr, ó saudade, ó mal esquivo,
Dize, — sem alma e sem vida como vivo?!...

E remontado a esplanações teologicas (tanto em vaga no seculo XVII) Simão de Camões embrenhado nas rêdes da metafisica, formulava perguntas como esta:

Se ante ti, formosura sempiterna
Dizem ser a constante eternidade
Qual o dia de hontem, sendo eterna,
Como a gloria será dessa deidade;
— O dia que passou, a gloria interna!
O dia que já foi, a firme idade!
— Que dizer, rei David, como ha podido
Sêr a gloria que é, dia que há sido?!...

(*Ave Peregrina*, canto 1.°, estrofe XXXV).

O grande enigma patenteava-se ao espirito do Padre Camões: — Como era possivel ser a efemeridade da existência humana capaz de conquistar uma gloria eterna? Visto que, no rigososo sentimento da justiça (como o deverá ser a divina justiça) o prémio é equivalente ao merecimento, — o premio ha de ser pois o proprio merecimento!... E deste modo interroga o filosofo Simão de Camões: — *Como ha podido ser a gloria que é, dia que ha sido?*

A par de banalidades sem nome, ainda é o Padre Simão Vaz de Camões, um dos mais interessantes do seu século.

Sua obra inteiramente ignorada até ao presente estou que muito em breve se acrescentará pela recolha de fragmentos despersados, e se tornará conhecida.

Este livro servirá de inicio ao estudo da antropogenética em Portugal; vêja-se o homem atravez da feição da familia do homem, e a familia do homem atravez da obra. Faça-se a integral averiguação da raça humana a que pertence o genio, e ahi temos filiada e averiguada toda a tendência do mesmo genio. Sirva isto á futura composição dum retrato antropogenético de Luiz de Camões, o qual será nascido da observação dos presentes e remotos Vaz de Camões.

: : Um caso bibliográfico : :

No velho arquivo paroquial de Cabeço-de-Vide encontrei certo dia o termo do baptismo dum *Simão,* em 1629, filho de Antonio Vaz de Camões e de sua mulher Isabel Figueira. Sabia da existência dum poeta, jesuita, o Padre Simão Vaz de Camões, nascido em *1539 (!)* filho de Antonio Vaz de Camões e de Isabel Figueira. Achei logo o êrro, na mesma data escrita pelo visconde de Jurumenha.

Então, no velho arquivo de Cabeço-de-Vide averiguei a geração do Padre Camões, e reporteime em seguida á *Biblioteca Lusitana,* de Diogo Barbosa Machado; e do tomo 3.º consta o seguinte:

P. SIMÃO CAMÕES natural da villa de Cabeço de Vide da Provincia Transtagana, e filho de Antonio Vaz Camões e Isabel Figueira do Couto. Recebeu a roupeta de jesuita

em o Noviciado de Évora em o primeiro de Fevereiro de 1648, quando contava 17 anos de idade. Teve genio natural para a Poesia vulgar, compondo

> *Vida do glorioso S. Paulo, primeiro Erimita. Poema sacro em cinco secções. 4. S. M.*

E' tudo o que a proposito de Simão de Camões, consta da obra de Diogo Barbosa Machado.

Sabido é, que as iniciaes *M. S.* significam que o poema apenas ficára manuscrito; *4.* é o formato do papel.

— Como havia de encontrar este poema? — Vali-me, do seguinte raciocinio: — Sendo o P. Simão Vaz de Camões um jesuita iniciado no Colegio d'Évora, é natural que ahi houvesse passado uma bôa porção de sua vida; estaria, portanto, o poema manuscrito, na Biblioteca do Colégio d'Évora, a qual, em certo tempo fôra vasada nas estantes da Biblioteca da Mitra que em Evora fundára o celebrado frei Manuel do Cenáculo Villas-Bôas? a Biblioteca da Mitra é hoje a Biblioteca Publica d'Evora: aqui deveria existir o poema do P. Simão de Camões. E com efeito, recorrendo ao catalogo dos Manuscritos da Biblioteca d'Evora, ordenado por Cunha Rivára, e continuado e impresso por Teles de Matos em

1850, — do tomo II, pagina 100, consta o que segue:

PRIMAZ DO ÊRMO. S. Paulo eremita; poema heroico em 5 cantos pelo Padre Simão Camões.

COM. — Aquele grande nunca encarecido
Porque todo o louvor lhe he limitado

Cod. $\frac{\text{CXIV}}{1-24}$ 1 vol., 4.º

Desci da estante o respectivo codice e transcrevi-o; mas achei nele uma grande confusão: não era paginado, e materialmente fraccionado em desligados versiculos de 12 paginas, contendo cada pagina duas estancias, muitos destes versiculos lhe faltavam. E tambem achei que no assunto do Poema havia descontinuidade para o fim; percebi, em resumo, que se tratava de dois assuntos, um passado no Egito e outro em Portugal. Só mais tarde averiguei, não contivéra apenas um poema, porem dois, *o primeiro em sete cantos e o segundo em cinco:* e que faltando o final do primeiro poema e os primeiros cantos do segundo poema, tudo dava a entender no dito volume, que se tratava dum unico em cinco cantos; *tanto mais, que o frontespicio do livro desapa-*

receu; e poderia mesmo o frontespicio referir-se apenas ao primeiro poema e não ao segundo. O primeiro era o *PRIMAZ DO ÊRMO, S. Paulo Eremita,* e o segundo *AVE PEREGRINA, em cuja musica esteve extatico setenta anos o S. Abade Pedro; oitava rima, em que se poetisa este excesso mental.* Isto averiguei-o mais tarde noutro lugar. Havia, mais, avulso pelo meio do volume um dos fasciculos, exactamente contendo 24 estancias, (duas por pagina) cujo assunto, que é a descripção dum banquête mitologico, não se adapta a qualquer dos dois poemas.

O manuscrito apresenta ser escrito por bom caligrafo, mas por inculto e mau ortografo.

Com as sequestrações e truncaturas de que acima falei se iludiu o auctor do *catalogo dos manuscritos da Biblioteca Publica Eborense* e quiçá o auctor da *Biblioteca Lusitana* com as suas informações, este ultimo em 1753, e aqueloutro em 1850, julgando que o manuscrito seria um unico poema em 5 cantos.

Tendo eu, copiado o manuscrito e estando em vias da sua publicação, fui certa manhã surprehendido por uma noticia particular, que me chegava do ilustre homem de sciência, o Senhor Doutor José Leite de Vasconcelos, a quem eu lera as estrofes de Simão de Camões, dizendo ter encontrado, quando em pesquizas da sua especia-

lidade, o poema do *Primaz do Êrmo,* impresso em miscelania, num livro antigo, de 1733, e sob a auctoria de Marina Clemencia, pseudonimo como se sabe, de Maria do Ceu! Ahi estava agóra um problema bibliografico. Este achado que nos surprehendeu bastante, precisaria dum estudo muito aturado; a verdade, é que na miscelanea impressa sob o titulo de *A PRECIOSA, obras de Mizericordia, Elogios de Santos em varios cantos Poeticos e Historicos,* não se expressa claramente a auctoria da obra, mas unicamente diz: — *Expendidos* por Marina Clemencia!

Quem é pois o auctor: Simão de Camões ou Marina Clemencia?...

Note-se comtudo, que Simão de Camões precedeu de muitos anos Marina Clemencia.

: : Suposta auctora : :

« PROCESSO CONTRA MARIA DO CEO »

Em 1715, aparecia em Lisboa, editada pela oficina real Deslandesiana, uma obra intitulada:

FENIX, aparecida na Vida, Morte, sepultura, e milagres da gloriosa S. Catharina, Rainha de Alexandria, virgem, e martyr, com sua Novena, e peregrinação ao Sinay, — escrita por Marina Clemencia, Religiosa de São Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel. Lisboa. Na Officina Real Deslandesiana, MDCCXV, com todas as licenças necessárias.

A' parte o não haver na Ilha de S. Miguel nenhum Convento de S. Francisco (*Revista dos Açores,* tomo I, pag. 162), a suposta religiosa, que claramente se entende ser pseudonimo, afirmava-se pela vêz primeira como uma notavel escriptora. Mereceu a obra os aplausos dos criticos d'então. No entanto estranhava-se que a

auctoria fôsse de mulher e não d'homem, porquanto, toda a obra apresentava qualidades viris, sentenças, agudêzas alcançadas na esperiencia da vida, e um modo elequente e tão robusto, que seria por tudo e em tudo muito mais proprio de frade que de freira!

Antes da impressão da obra, foi em manuscripto, como era de costume, á apreciação dos censores; taes apreciações era uso serem impressas á maneira de prologo, logo ao abrir das primeiras páginas. Fôram os censôres, o mais elogiosos que é possivel, porém todos estranhando ser a obra de mulher, e não de homem; inclusivamente, um poeta Luiz Godinho de Niza, ahi insiriu um sonêto em versos como estes:

Escreveis e cantais, douta Marina,
. . . . . .
Vós, assombrando as lyras Mantuanas.
. . . . . .
Escreveis e cantais, que a toda a inveja,
Pasmo sereis em varonis alentos,
Fechada em Claustro, doce Filomena.
. . . . . .

O mesmo auctor, se permitiu ainda a liberdade de lhe dedicar um epigrama em latim, com o mesmo sentido admiratorio:

. . . . . .
Seu dulce cloquiũ, seu dulcia carmina vincũt

Ingenii vires, ingenique viros.

. . . . . .

Outros versos se seguem no mesmo teor mas d'outro auctor, em os quaes claramente se diz o espanto que a todos causára o engenho de Marina Clemencia e ainda maior espanto por não ser obra natural do sexo!...

Denunciam que o livro tem qualidades viris; no entanto, não duvidam um unico instante, não obstante admirados até ao cúmulo, que o livro não seja obra duma freira.

Quanto aos versos, poderiam ser feitos por intermedio do editor!

Padre D. José Barbosa, censor em nome do Desembargo do Paço, inseria o discurso da sua licença a 11 de setembro de 1714, e nestes termos:

Senhor. Por ordem de V. Magestade vi a vida e Novena de Santa Catharina, que quere imprimir *Soror Marina Clemencia, Religiosa de São Francisco no Convento de São Miguel*. . . . . .

. . . . . .

Santificou a eloquencia que pudera estragar com escandalosa imitação em discursos improprios a seu estado. Merece tambem a licença que pede, para que vêja o Mundo, que no

reynado Felicissimo de V. Magestade florecem tambem as Luizas Sigeas, e outras insignes mulheres.....

Todos os outros censores dão a entender estarem plenamente convencidos da existencia da freira Marina Clemencia, sem atribuirem o nome a pseudonimo, nem a auctoria a outra pessoa.

Mas em 1731, aparecia nas livrarias de Lisboa uma outra obra da mesma auctora:

A PRECIOSA, Alegoria moral, oferecida á Excelentissima Senhora D. Maria Ana das Estrellas, religiosa do Mosteiro da Esperança de Lisboa e publicada por D. Jayme de La Te e Sagau, cavalleiro da Ordem de S. Tiago. Sua authora é Madre Marina Clemencia, religiosa de S. Francisco no Mosteiro da Ilha de S. Miguel. Lisboa Occidental, na officina da Musica. Anno de M.DCC.XXXI. Com todas as licenças necessarias. Vende-se na mesma Officina.

Tal é o rosto desta segunda obra de Marina Clemencia.

A proposito deste D. Jayme de La Te e Sagau,

escreve Inocencio da Silva no seu *Diccionario Bibliografico:*

> *D. Jayme de La Te e Sagau cujo nome aparece repetidas vezes nos rostos e dedicatorias de varias obras impressas na primeira metade do seculo XVIII, era de nação estrangeira, ao que parece, e tipografo ou proprietario da oficina da Musica, uma das melhores de Lisboa n'aquele tempo. A seu respeito diz Francisco Xavier d'Oliveira* (Cavalheiro d'Oliveira) *nas* **Memorias**, *tomo II, pag. 317, que «era homem de genio e patarata: por fora cordas de viola, por dentro pão bolorento.»*

Devemos notar, que *A Preciosa,* publicada em 1731, e um outro 2.º tomo da mesma obra, publicada em 1733, foram impressas na oficina da Musica, sendo editor (no 2.º tomo sob pseudonimo Silvano das Ondas) este D. Jayme de La Te e Sagau, o tal *patarata,* que é como quem diz *trapalhão,* de que fala o cavalheiro de Oliveira. E a primeira *trapalhice,* patenteia-se imediatamente pela leitura da dedicatoria a D. Maria Ana das Estrelas, que escreveu o editor D. Jayme Sagau; nas primeiras paginas de *A Preciosa,* diz com efeito:

> *Não foy cosualidade, mas foy disposição*

da Providencia Divina, o modo por que chegou á minha mão este livro que escreveu uma religiosa *de grandes merecimentos,* professora do mesmo instuto de V. Excellencia, *para que eu o livrasse do perpetuo carcere do esquecimento:*

Enfim, aqui diz Sagau que a auctora do livro era religiosa no mesmo instituto de D. Maria Ana das Estrelas, isto é, no convento da Esperança, Lisboa, segundo se lê no rosto da obra; ora, no mesmo rosto diz que a auctora é Marina Clemencia, religiosa de São Francisco, na Ilha de São Miguel!!!

Que Marina Clemencia era pseudonimo e que o convento de São Francisco em São Miguel viera aqui para reforçar o pseudonimo, já nós calculavamos; mas o que nós não calculavamos, é que viesse o tal *patarata* patentear uma tal contradição logo uma pagina a seguir ao rosto da obra; foi imprevidencia! Pegaram logo na *deixa* os proprios censores, e agora são eles proprios que mandam imprimir as suas licenças, em que positivamente dizem ser auctora uma Soror Maria do Ceo, disfarçada em pseudonimo Marina Clemencia! Com efeito, havia nesse Mosteiro da Esperança, (onde vivia a D. Maria Ana das Estrelas), uma tal Maria do Ceo, que foi abadessa, e se dedicava a trabalhos literarios. A essa se dirigiram, pois,

todas as desconfianças do publico censor, suscitadas pela *imprevidencia*, ou talvez intenção, de D. Jayme de La Te e Sagau. E as coisas arranjaram-se de tal maneira, que se fosse Maria do Ceo a propria auctora destas obras, e se quisesse conservar o incognito, achar-se-hia deveras embaraçada, comprometendo assim a sua modestia, pois eram os proprios censores que abertamente o declaravam. O anonimato era como se não existisse. Numa alocução aos leitores diz ainda o editor D. Jayme, que a auctora, consultando a modestia, deixara ficar escondido este precioso tesouro, apenas manifestado á confiança *de algum religioso segredo;* mas que o remorso que a auctora então ia sofrendo por privar o proximo destas lições fez com que consentisse em que ele, D. Jayme de La Te e Sagau, participasse desse segredo, dando-lhe autorisação de imprimir o livro, mas com o cuidado de ocultar religiosamente o verdadeiro nome da auctora, para que assim não padecesse a sua modestia.

Era, pois, a *autorisação* da freira, a tal *disposição da Providencia Divina,* que dizia D. Jayme, no modo como o manuscripto lhe chegou ás mãos! Mas é estranho que, sendo a auctora viva, fosse ele dedicar em seu nome, dele, D. Jayme, á tal D. Maria Ana das Estrelas. A não ser que houvesse nisto combinação.

Mas se a freira Maria do Ceo pedia o sigilio do seu nome, não sei como consentiu em que o livro fosse posto á venda, com todas as infracções a este segredo! Na verdade os prologos aprovatorios dos censores e qualificadores do Santo Oficio, não ocultavam desta vez a sua desconfiança; estavam fartos de supor, e davam-no a entender, ser Marina Clemencia pseudonimo de Maria do Ceo. Aquele censor do Desembargo do Paço, o Padre D. José Barbosa, que em 1714, quando fôra da sua aprovação ao primeiro trabalho de Marina Clemencia, religiosa de São Francisco, confirmava esta auctoria, — escrevia agora, a respeito do 2.º trabalho de Marina Clemencia, e ainda como censor do Paço:

...Já por ordem do Desembargo do Paço, vi ha alguns annos a vida de Santa Catharina com o nome desta mesma religiosa (Marina Clemencia); *e admirado de eloquencia tão casta, e de tão elevados pensamentos, achey que o nome era suposto.....*

.....

Não padeci agora este engano, porque a sua profunda modestia desculpa esta affectada supposição. Pouco importa que se queira occultar, se o mesmo segredo, que pretende, lho está estragando a elevação do seu juizo.

Não podem subir tão alto os que a natureza abateo com a inferioridade do nascimento, e por isso a authora, satisfazendo natural, mas involuntariamente ao Ilustre do seu berço, *discorre com vôos tão altos que parecem d'Aguia* . . . . . .

Se em 1714, passava a authora por Marina Clemencia, desta vez, já todos declaravam abertamente ou quasi abertamente ser a auctora Soror Maria do Ceo. O que quinze anos antes não se afirmava, fazia-se agora categoricamente.

D. José Barbosa, no discurso da sua licença, fala no *ilustre do berço* da auctora. Referia-se, com efeito, a MARIA DO CEO, pessoa nobre, nascida em Lisboa em 1658 (Simão de Camões nasceu em 1629) de Antonio Deça e de sua mulher D. Catarina de Tavora, ambos ilustres pelo nascimento. A 27 de Junho de 1676, contando então 18 anos, deu entrada no convento da Esperança, em Lisboa, onde foi Mestra de Noviças e chegou a ser duas vezes Abadessa. Dedicava-se a exercicios intelectuaes, lia imenso, e compunha poesias. Usou sempre o pseudonimo de Marina Clemencia. Parece que ainda vivia em 1732 (!). Era, pois, a esta Maria do Ceo, que os censores e qualificadores se referiam. D. Antonio Caetano de Sousa, pelo Santo Oficio, fazia da obra os mais grados

elogios, e acrescentava a proposito de Marina Clemencia:

> *E se o nome não fôra diferente, o estylo me obrigava a afirmar que estas obras eram d'outra Religiosa da mesma ordem, não Insulana mas Luzitana, a qual por não mortificar a sua modestia..... não nomeio.*

Dá a entender conhecer o *estilo* de uma freira da Esperança, não em São Miguel, mas em Lisboa (Maria do Ceo) e que estes livros de Marina Clemencia, se não fôra a diferença do nome, ia jurar serem daquela!

Sob estas ironias graciosas, bem se entende que Maria do Ceo mostrava os seus manuscriptos a este D. Antonio Caetano de Sousa, salvo este ultimo, que ele reconheceu pela *forma literaria,* mas que por não ofender a modestia da freira, a não nomeia, apesar de ser ela *tão conhecida na Côrte pela pessôa, como estimada pela virtude.* Declara mais D. Antonio Caetano, reconhecer *pelo estilo,* serem as duas obras publicadas por Marina Clemencia, fructo dum mesmo e unico engenho. Nestas obras veem á mistura imensas poesias, e muito *especialmente em oitava rima.* D. Antonio Caetano de Sousa, continua ainda com as suas apreciações, *sentindo* não publicar, ela, dita freira

da Esperança, *as muitas obras que tem escripto!* Caetano de Sousa lia, pois, os manuscriptos de Maria do Ceo, e esta era bem conhecida em Lisboa. Segue-se uma admiravel apreciação por Frei Boaventura de S. Gião, outro qualificador do Santo Oficio; é digna de nota, não obstante prolixa.

Passados dois anos, em 1733, publicava-se outro volume de *A Preciosa:*

A PRECIOSA, obras de mizericordia, em primorosos e misticos Dialogos expostas: Elogios de Santos, em varios canticos Poeticos, e Historicos: Expendidos por Marina Clemencia, Religiosa de S. Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel; Mandados á impressão e offerecidos á Mãy Santissima do Carmo, Maria, Senhora Nossa, Por Sylvano das Ondas. Segunda Parte. Lisboa Occidental, na officina da Musica. M.DCC·XXXIII. Com todas as licenças necessarias. Vende se na mesma officina.

Cá temos a oficina da Musica, sendo editor Silvano das Ondas, que assim, como D. Jayme de La Te e Sagau, devem em tudo e por tudo ser

pseudonimos do mesmo individuo, tanto mais que é *A Preciosa* uma só obra em duas partes.

Diz Silvano das Ondas na dedicatoria á Senhora do Monte do Carmo:

> *Devendo pois chegar ás sacras aras de vossos sacratissimos pés com alguma offerta,* me deparou a sorte a desta obra, *que pelo mystico da materia, devoto da forma,* sexo da authora, *não parece estranha da vossa Real grandeza, protecção segurissima. Foy primoroso, e curioso lavour de Marina Clemencia nas vacancias da sua almofadae bastidor.....*

E mais adeante, num prologo *A Quem lêr,* diz o mesmo editor:

> *Não me poderás negar, leitor amigo, o desenteresse da amizade, que comtigo professo; pois* chegando á minha mão, por fortuito acontecimento, *estas Obras de mizericordia e brevissimas Historias de alguns Santos,.....*

Dá-o a entender, Silvano das Ondas, que fôra um subito e imprevisto achado seu, o manuscripto que vae lançar á publicidade, o que de modo algum é crivel, atendendo que na 1.ª parte de *A Preciosa,* declara ele ter-lhe a auctora confiado o

original. E porque havia de ser desta vez fortuito acontecimento (se aqui não ha errada interpretação da minha parte!)?!... Esta minha mesma interpretação ás palavras *fortuito acontecimento,* lhe deu D. Antonio Caetano de Sousa; com efeito, um pouco mais adiante escreve:

> ...*e huma tal Authora que acredita as suas obras com a sua vida; e bem parece que lhe não levão estas attençoens, pois não merecendo ser engeitadas* andarão discorrendo por diversas partes sem abrigo, *até que o acharão agora na estimação de Sylvano das Ondas, que querendo fazer este beneficio ao publico, as eterniza pela impressão.*

E' nesta 2.ª parte de *A Preciosa,* que foram inseridos e impressos, os dois poemas que vão neste livro, *PRIMAZ DO ÊRMO* e *AVE PEREGRINA.* São ali pouco mais ou menos como no manuscripto d'Evora. Data a impressão de 1733.

É nesta 2.ª parte, que, sem rebuços, se desmascara o pseudonimo; o Doutor Manuel Baptista de Castro, qualificador do Paço, é muito explicito:

> *Senhor. Estas prodigiosas composições escriptas em Mysticos Dialogos, e Poeticos*

elogios dos mais relevantes Astros da Santidade, de que V. Magestade me manda entrepor parecer, supposto serem com o nome de Marina Clemencia, he a Authora destas obras, *e de outras muitas que tem escripto Sor Maria do Ceo Religiosa no virtuosissimo Mosteiro da Esperãça desta Corte, sem embargo de virẽ desconhecidas com este nome.....*

. . . . . .

Eis ahi uma afirmação mais clara, sem suposições nem ironias, como na mesma data usaram outros qualificadores, por exemplo frei João do Sacramento:

Precindo da averiguação, de ser a Authora desta obra (toda pela materia — celeste —) Insulana, ou algum animado Ceo da nossa Corte, viva gloria da nossa cidade; porque poderia dessa profiada curiosidade resultar, que tropeçando a penna na escrita diminuisse algũa letra do nome de Marina, e descobrisse algum Ceo, a cuja religiosidade fôsse sensivel a incauta desattenção, por antes se querer occulta, que manifesta.

E assim usa o qualificador do *Ordinario*, deste gracioso *calembourg*, para insinuar que conhece o

verdadeiro nome da auctora. Serviu-se do mesmo sistema o qualificador do Santo Oficio.

Em resumo se apura ser Maria do Ceo a tida e havida como auctora destas obras e ser ela tambem que as publicava na *Oficina da Musica,* por intermedio do proprietario, por pseudonimo D. Jayme de La Te e Sagau ou Silvano das Ondas. Mas se na primeira obra, em 1715, vem no rosto: *escrita por Marina Clemencia,* e se na segunda e primeira parte de *A Preciosa,* vem no rosto: *Sua authora a Madre Marina Clemencia,* já nesta ultima, e segunda parte de *A Preciosa, não teve rosto* para tanto, e consentiu sómente em que se puzesse: *ESPENDIDOS POR MARINA CLEMENCIA*... termos ambiguos, que tanto podem significar a auctoria como uma mera compilação!... É que nesta segunda parte de *A Preciosa* vinham os poemas de Simão de Camões! E tambem é notavel o constante jogo de pseudonimos em que sempre andou Maria do Ceo, ela e o editor egualmente, homem com reputação de intrujão. — quando afinal, nas licenças para a impressão dos seus proprios livros se dizia em *letra redonda* que *Marina Clemencia era Maria do Ceo!* Para que era então este disfarce, e o que é mais, a *continuação* deste disfarce?!...

Que Marina Clemencia fôsse o pseudonimo de

Maria do Ceo, duvida não ha; mas que seja *A Preciosa* de Marina Clemencia, duvidas ha!

A ingressão ahi dos dois poemas *Primaz do Êrmo* e *Ave Peregrina,* correspondem a um furto literario, em o qual, o criminoso, ou criminosa, para se eximir a *inteiras* responsabilidades, usou do subterfugio: *Expendidos por...* (maneira, que eu saiba, nunca usada!).

Temos, pois, que o poema *Primaz do Êrmo* foi publicado por Marina Clemencia (expendido) em 1733. Mas o auctor do *Primaz do Êrmo* o mesmo é que o da *Ave Peregrina,* como já demonstrei no capitulo anterior, e já porque se encontravam os dois de conjuncto, no mesmo volume manuscripto, na Bibliotheca Publica de Evora. E egualmente, quem escreveu o *Primaz do Êrmo* e *Ave Peregrina,* escreveu os versos da primeira parte de *A Preciosa; verbi gratia* do poema *Ave Peregrina,* canto 4.º, estrofe XXXII:

Oh amor, oh amor, já te hei achado,
Pois em dizer amor, te hei explicado.

E agora, duma dispersa oitava a pagina 317 do tomo I de *A Preciosa,* edição 1731:

Coração, coração, não ha desculpa
Que para culpa ser, basta ser culpa.

O parentesco é evidente; e como este, ha numerosos exemplos.

Vinte anos depois, em 1752, Diogo Barbosa Machado, publicava o seu terceiro tomo da *Bibliotheca Luzitana,* e ahi inseria a noticia a proposito de Simão de Camões, dizendo ter deixado um poema manuscripto, com a vida de São Paulo, primeiro Eremita, em *cinco secções* 4.º. Aqui tomou, Diogo Barbosa, o sub-titulo pelo titulo (talvez que soubesse isto por informação imperfeita). Efectivamente, em Évora, jaz o manuscripto do *Primaz do Êrmo,* atribuido pelo catalogador a Simão de Camões: e apresenta-se sob a feição de 5 cantos e *egualmente em 4.º* (formato).

A letra do manuscripto d'Evora é do seculo XVII, e *A Preciosa* de Marina Clemencia, que, com algumas modificações encerra os poemas do manuscripto, — *é do seculo XVIII.* Que a letra é do seculo XVII, afirmaram-no (por copia textual que apresentei da forma ortografica) paleografos eminentes, e entre eles o Senhor Pedro Azevedo, da Torre do Tombo.

O *manuscripto d'Evora,* precede, portanto, a publicação de *A Preciosa.* Mas a seguir á analise

dos poemas, impressos e manuscriptos, concluimos que:

I — O Manuscrito precede a publicação de *A Preciosa*.

II — E não só precede, *como até lhe serviu de original!*

Serviu-lhe de *original,* e nem sempre bem interpretado, como por exemplo a estrofe XXVIII do Canto 5.º da *Ave Peregrina;* é a estrofe final do Poema, em que o Poeta incita o leitor á oração. O manuscrito resa assim:

Pois amante te mostras no progresso,
— *Óra* — se queres escutar suave
A voz do amôr no dissimulo d'ave!

Canta com efeito a *Ave Peregrina* o extasi amoroso no cantico duma ave celestial, e em que, durante setenta anos esteve embebido, e sem dar acordo de vida, certo abade dum mosteiro do Minho. E nesta ultima estrofe, incita o poeta á oração, para se conseguir o fim do Santo Abade!

Pois no volume de *A Preciosa,* vem mal interpretado o vocábulo *óra,* que é, nem mais nem menos que o imperativo do verbo *orar;* deram-lhe a significação de adverbio de tempo, e

como dessa fórma não entendiam a frase do verso, substituiram-a por *agóra!* e ficou assim impresso:

> Se quer agóra escutar suave
> A voz de amôr, no dissimulo de Ave.

ficou o sentido inteiramente alterado. Se não houvesse outro exemplo, (que são ás dezenas, tendo eu tido o cuidado de os anotar atravez a publicação destes poemas), este só nos bastaria para afirmarmos ter servido o manuscrito d'Evora como *original* de obra poetica impressa em *A Preciosa.*

Outras vezes as emendas, que Marina Clemencia fêz, (quasi sempre prejudicando, ora o sentido, ora o ritmo) teem o intento de abrandar a intensidade profana de certas passagens, que se lhe afiguraram de menos ortodoxas.

Verbi gratia, Ave Peregrina, canto 5.º, estrofe XXVI.

> E tu, ditoso Pinho, que elevado
> Sobre a palma transcendes excessivo;
> . . . . . .
> Tu, que nos proprios signos exaltado,
> Sobre as Estrelas sobes *semidivo*. . .
> . . . . . .

Marina Clemencia teve o cuidado de substituir no seu livro, o vocábulo *semidivo* (semi-divino)

por um dissonante *todo altivo!...* era necessário arranjar rima, fôsse lá de que maneira fôsse! No seu entender, não se deveria abusar do vocábulo *divo* ou semidivo, que em verdade só compete á divindade, não podendo ser adjectivo qualificador duma arvore!

Outro exemplo; na estrofe XXI, substituiu o adjectivo *deificada* (de Deus) por *iluminada.*

No manuscripto:

> Urna, digo, ficou, da cinza amada,
> .....
> Colosso de grandêza *deificada.*

Outro exemplo; em vez de escrever a proposito de São Paulo como se encontra no manuscrito d'Evora, *Primaz do Êrmo,* canto I, estrofe IV,

> Um composto de barro e *devindade*

pôz ela assim, sempre na ideia de quebrar o sentido á letra:

> Exemplo da mais rara santidade!

Mas o mais flagrante é o existir *a mais* no manuscrito d'Evora, um *fragmento* que encerra a narração dum banquete mitologico, em que é versado o tema: *amor e ciume.* Não sei de que todo

faria parte; a verdade é que *está truncado,* e mesmo o que sobrou não foi impresso no volume de *A Preciosa*! Não me parece ele, tema *muito religioso para uma freira;* contudo é absolutamente o estilo das oitavas dos dois poemas. O autor daquele fragmento é outrosim o autor do *Primaz do Êrmo*!

Todas as obras de Marina Clemencia teem indicios de haverem sido escritas por homem e não por mulher.

A dedicatoria *da autora* em 1715, na *Fenix aparecida na vida*..... tem estas frases:

> ...*a Estrella não deslustra o candôr por luzir entre as sombras da noyte; assim tambem esta narração não perderá por mim, o que chega a merecer por vós. E a troco de que o Mundo recorde os vossos protentos* (a autora dirige-se a Santa Catarina), *me exponho a que note as minhas ignorancias*.....
>
> ...*se em chegando a fallar do Ceo, diz o Profeta Rei, que* todo o homem *mente, que muyto, que fallando-se de vós, se diga que todo o homem ignora?*

Aqui, falando-se apenas em homem, faz-me lembrar que sendo mulher não usaria deste modo, já por orgulho do proprio sexo, já por habito inhe-

rente aos habitos do sexo! Emfim, este argumento é débil; mas muitos débeis poderão prefazer um forte.

Logo na primeira pagina da primeira parte de *A Preciosa,* escreveu Marina Clemencia:

> *Se para sepultar seu corpo desceo do Ceo Espirito Angelico, porque não houve na Terra homem digno; como para fallar de sua alma, em suas obras, se atreverá* o mais indigno *da Terra?*

Não estará aqui no artigo definido masculino (o) e no adjectivo masculino *indigno,* a declaração do sexo do autor? E' que Marina Clemencia é um homem, aqui traído pelo habito do sexo! Ou antes a obra de Marina Clemencia é a obra dum homem, e Marina Clemencia é a Sor Maria do Ceo!

Mas tambem podia acontecer não se referir este artigo definido (o) à qualidade do sexo de quem essas linhas ia escrevendo, porém a uma designação geral, sinonimo de *coisa* ou *individuo;* e então teriamos: *o* (individuo, ente ou objecto) *mais indigno da Terra.* Mas como o escritor anteriormente se referiu ao substantivo *homem,* este artigo (o) não pode concordar senão com homem: *o* (homem) *mais indigno da Terra.*

Se fosse uma mulher a escrever, poria pronta-

mente *a mais indigna*. Emfim, Marina falava como poderia falar um Marino!

Toda a obra de Marina Clemencia é admiravel, e ao contrario do que costuma suceder com os trabalhos literarios das mulheres, é esta de Marina Clemencia mais farta de cerebro do que de coração; facto psicologico digno de nota.

Outra coisa: Porque falta o rosto ao manuscrito d'Evora? Aí constaria o autor; porque lho tiraram? Os autores do catalogo impresso dos manuscritos da Biblioteca Publica Eborense, em 1850, já lhe não encontraram rosto, nem designação de autor; mas como Cunha Rivara e Teles de Matos se serviam nestes casos de velhos catalogos da Biblioteca onde vinha a designação dos nomes dos autores, aí foram beber, com certeza, a informação que deram, ser *Simão de Camões* o autor daqueles poemas. Já em 1752, quando da publicação do 3.º tomo da *Biblioteca Luzitana*, o manuscrito não teria rosto; desapareceu provavelmente, quando foi da publicação de *A Preciosa*. Felizmente é o manuscrito anterior a esse volume de Marina Clemencia (ou alguem por ela), e desta forma se salvou a verdadeira autoria, a de Simão de Camões, porque já por outros lados andaria sabida. A obra do poeta Simão de Camões deveria existir nalguma Biblioteca, tão bem que os jesuitas conservavam os papeis que lhes diziam respeito; e

ora, apesar do poeta ser considerado, só se conhece em seu nome o manuscrito d'Evora.

Desapareceu o rosto ao original, porque ele comprometia Maria do Ceo, e era inconveniente (dado o caso de alguma investigação) fazê-lo substituir por um outro com o nome de Marina Clemencia! E assim ficou o *original* sem rosto, e truncado em grande parte das suas estrofes. Combine-se isto com o facto *prudente* de Marina Clemencia, ter usado do termo *expendidos por,* em *A Preciosa,* em vez de abertamente dizer: *escritos por Marina Clemencia*! Fugia deste modo Maria do Ceo a uma *inteirissima* responsabilidade!

Mas igualmente toda a obra de Marina Clemencia se me afigura constituir materia de furto! Por isso sempre usou de pseudonimo, e o seu editor tambem, não obstante ser conhecida e reconhecida, e tida universalmente por Maria do Ceo!!!... Não se poderia dizer que era para que não soubessem o verdadeiro nome, quando, afinal, toda a gente a dava a ela por *autora,* vendendo-se até seus proprios livros com *exactas declarações* nas licenças previas!!!...

Seja punida a memoria de Maria do Ceo!

: : : : Simão Vaz de Camões, : : : : ascendentes e actuais representantes

Já tratei largamente deste capitulo no meu livro *Camões no Maranhão*; explanarei aqui em traços gerais a genealogia deste ramo.

O primeiro deste apelido chamava-se

Vasco Pires de Camões; casou ele com a filha dum Gonçalo Tenreiro, capitão-mor que foi da Armada; Vasco Pires era um fidalgo galego que por motivo da luta civil entre Pedro o Cruel e o irmão Henriquc, se teve de refugiar em Portugal, em 1385. Aqui viveu na corte de D. Fernando, ganhando simpatias e mercês, e se tornando, alfim, o mais grado fidalgo destes Reinos. Quando morreu D. Fernando, ele seguiu a causa de Castela, contra D. João, Mestre d'Avís; por isso o Mestre, quando chegou a Rei, confiscou-lhe as mercês, apenas lhe deixando as herdades em Evora, Extremoz e Avís, de que seus descendentes fizeram

morgados. Vasco Pires era um homem versado em todas as sciencias, e notavel poeta trovador.

Teve os filhos: Gonçalo Vasques de Camões, que morou em Avís, dando origem aos morgados da Cámoeira, em Evora e Avís, cuja varonia se extinguiu no seculo XVII e ascendente de Gonçalo Vaz de Camões e Tadeu Luiz de Camões, ambos poetas; João Vasques de Camões, ascendente dos poetas Luiz de Camões e Simão de Camões; Constança Pires de Camões, mulher de Pero Severin, fidalgo francês que lutou em Ceuta, de quem descendem os escriptores Severins, de Portugal.

João Vasques de Camões, notavel homem, tanto na paz como na guerra, viveu em tempo d'el-rei Afonso V, a quem acompanhou às expedições de Africa. Morreu em Coimbra, onde exerceu os cargos mais notaveis. Tambem se distinguiu na batalha do Toro. Do casamento com Ignez Gomes da Silva nasceram Antão Vaz de Camões e Caetana de Camões e parece que Vasco Anes de Camões, bacharel em Cánones e Vigario Geral de Coimbra.

Antão Vaz de Camões, cavaleiro fidalgo e capitão-mor da Armada, viveu em Coimbra; tambem esteve na India onde acompanhou Afonso de Albuquerque e casou com D. Guiomar da Gama, da mesma geração de Vasco da Gama: foram seus

filhos João Vaz de Camões, herdeiro, conhecido em Coimbra por João Vaz de Vila Franca, e pai dum irrequieto, e amoroso, e aventureiro, Simão Vaz de Camões, que por ter escalado um convento de freiras foi condenado a perpetuo degredo para o Brasil, mas que conseguindo escapar-se da prisão, refugiou-se em Inglaterra; Pero Vaz de Camões, que viveu em Lagos e pelo qual a geração se continua: Simão Vaz de Camões, que tambem serviu na Armada, falecendo de naufragio em face de Goa, deixando a viuva D. Ana de Sá e Macedo e o glorioso filho *Luiz Vaz de Camões*.

Pero Vaz de Camões, vivia em Lagos, casado com Brites Gomes, em 1530 e 1539; aí era escudeiro do conde de Monsanto. Tambem foi conhecido por Pero Alvares e ainda por Pero Vaz de Coimbra. Parece que morou tambem em Cabeço-de-Vide, com o oficio de juiz das sizas. Foi, sem duvida, seu filho um Francisco Gomes de Camões, casado em Cabeço-de-Vide com Margarida da Silva, e Sebastião Alvares.

Sebastião Alvares, filho de Pero Vaz, viveu em Cabeço-de-Vide casado com Catarina Luiz; foi meirinho dos Clerigos e escrivão do publico e judicial na povoação limitrofe de Alter-Pedroso, cargos esses que renunciou em seu filho Luiz Vaz

de Camões. Teve, além deste Luiz que morreu sem descendencia masculina, Maria de Camões e Antonio Vaz de Camões.

Antonio Vaz de Camões, filho do precedente, viveu em Cabeço-de-Vide; teve em sua mulher Mecia Gomes, Leonor em 1582, e Antonio Vaz de Camões.

Antonio Vaz de Camões, nasceu em Cabeço-de-Vide em 1584, e aí casou em 1609 com Isabel Figueira do Couto, filha de Julião Lopes do Couto e de Maria Figueira; tiveram: Luiz Vaz de Camões em 1616, Julião Lopes do Couto, em 1618, o poeta *Simão Vaz de Camões*, em 1629, e Belchior Golaio de Camões, em 1636, e ainda outros, como Catarina Luiz de Camões.

Julião Lopes do Couto, filho de Antonio Vaz de Camões, era natural de Cabeço-de-Vide; foi casado por duas vezes em Alter do Chão; viuvo outra vez, e sem haver alcançado descendencia legitima, tornou à vila de Cabeço-de-Vide a perfilhar um filho natural.

Antonio Vaz de Camões, filho natural de Julião Lopes e duma mulher solteira, Maria Gonçalves, nasceu em 1649, na vila de Cabeço-de-Vide. Casou em Alter em 1675 com Maria Soeiro, filha

de Diogo Lourenço e de Maria Calado. Tiveram o filho Belchior Soeiro, afilhado de Belchior Golaio de Camões.

Belchior Soeiro de Camões, nasceu em Alter, e casou em 1700 na vila do Crato. De sua mulher Maria Gonçalves Matinca, filha de Francisco Gonçalves Pimenta e de Luiza Vogado, teve a Antonio Vaz de Camões e Simão Vaz de Camões, moradores no Crato.

Antonio Vaz de Camões, nasceu no Crato em 1711, e foi aí morador. De sua mulher, Francisca Rodrigues de Figueiredo, filha de Manuel Rodrigues, houve os filhos: Manuel, Elvira, Francisca, Antonia e Ana.

Manuel Vaz de Camões, capitão e proprietario no Crato, aí nasceu em 1744, *baptisado em casa por necessidade;* desta fraqueza originária, além do primogenito Antonio Vaz de Camões, nasceu-lhe o *surdo mudo* José Vaz de Camões. Casou em 1758 com sua prima D. Antonia Maria Mendes de Figueiredo, filha de José Afonso de Figueiredo e de Bernardina Calado.

Antonio Vaz de Camões, capitão e proprietario no Crato, nasceu em 1791. Aos onze anos casou

com D. Maria Rosa Pires, tambem de onze anos. Este foi o ultimo *Vaz de Camões* de Portugal, e tambem ultimo capitão-mor do Crato. Do primeiro matrimonio vieram Antonio Maria Pires Camões, Manuel Pires Camões, D. Ana de Jesus Pires Camões e D. Antonia Luiza Pires Camões; do segundo, que já foi em longa idade, nasceram mais três senhoras.

Manuel Pires Camões, homem excentrico, inteligente, sentencioso, valentão e nevrotico, foi viver na Aldeia-da-Mata, junto ao Crato, onde morreu ha mais de vinte anos. Casou, já além da idade propria, e teve um filho que morreu criança.

Antonio Maria Pires Camões, casou na Aldeia-da-Mata com D. Ana Godinho de Campos. Nasceu do matrimonio uma filha unica, D. Maria José Godinho Camões, falecida em 1915, e com descendencia em Aldeia-da-Mata.

D. Ana de Jesus Pires Camões, de famigerada beleza, foi casada em Galveias, povoação do concelho de Ponte-do-Sôr. Faleceu em 1911, com 84 anos de idade, deixando descendentes em Galveias, filhos e netos, que lá existem.

D. Antonia Luiza Pires Camões, casou com o Dr. Joaquim Augusto da Silva, cirurgião-mor no Regimento de Extremoz. Tem descendencia.

Como se vê, houve quebra na varonia dos Vaz de Camões, depois dos filhos de Antonio Vaz de Camões. Estes foram os ultimos directos representantes do poeta Simão Vaz de Camões, e do poeta Luiz Vaz de Camões. O tipo fisionomico que os caracteriza, é uma fronte elevada, nariz alto no meio e um tanto aquilino, tez muito alva, cabelo loiro, e *miopia,* uma notavel miopia que afectou todos os filhos de Antonio Vaz de Camões e penetra actualmente pelos seus netos, varões e femeas! Devemo-nos lembrar que houve nesta familia, no seculo XVI, um Lopo Vaz de Camões morgado da Cámoeira, que foi conhecido por alcunha de *O dos óculos*!...

Quanto ao tipo interior, impulsividade nervosa, e certa graça; note-se que não é pela inteligencia que devemos achar o parentesco nas familias, mas sim pela qualidade de temperamento. Não é a inteligencia, é o temperamento, que mais ou menos caracteriza as familias humanas.

Servem as arvores genealogicas à definição da raça a que pertence uma familia; porque um dia, através do proprio homem, se saberá o destino de cada homem: cada um tem esculpida no rosto a raça, e portanto as tendencias inerentes à raça; ora são as *tendencias* que abrem os destinos e

jàmais as fatalidades decantadas! Portanto este trabalho que acabo de fazer, é trabalho de sciencia, ou antes de futura sciencia. (E de resto, qual o trabalho, que apesar de ser executado para diversos fins, não é de sciencia?!) A heraldica, o trabalho vaidoso e vão, já começa de ganhar sentido — e muito em breve deixará de ser o trabalho vaidoso e vão... De resto, vão é tudo para todos os que não são para tudo!

FIM DA INTRODUÇÃO AOS POEMAS

Herdade de Pero-Viegas,
28-X-1919.

Mario Saa.

PRIMAZ DO ÊRMO

PAULO EREMITA

CANTO PRIMEIRO

O grande Antão do Ceu, pelo Deserto,
Sae a buscar a Paulo inda encoberto

I

Aquele grande, nunca encarecido,
Porque todo o louvor lhe é limitado;
Do inferno o assombro mais temido
E do ceu o varão mais exaltado;
Luzeiro do Egito esclarecido,
E neste, mais que o Nilo decantado;
Aquele, que plantou por luzes belas
No ceu boninas, e no campo estrelas;

Estrofe I: volume de *A Preciosa*, 1733, vem:

Aquelle grande *Heroi, alto, e subido,*
A quem todo o louvor lhe he limitado;
Por ser do inferno, assõbro *o* mais temido,
. . . . . .

II

Aquele, que voante em um suspiro,
Cortezão foi do ceu, no monte certo
Aquele, que habitante no retiro,
Prática foi das Côrtes, nunca incerto;
Aquele singular a quem admiro,
Que um império fundou em um deserto
Êrmo, adonde criou, por maior palma
Féras com sugeição, flôres com alma;

III

Aquele, nas verdades eminente,
Apolo da Tebáida luminoso,
Guia de tanta estrela refulgente,
Vencedor do Averno protentozo;
Capitão da Milicia Panitente,
Principe do Deserto, generoso,
Monarca de si-mesmo em tanta gloria,
Pois de si se alcançou tanta victoria;

Estrofe II. Em *A Preciosa:*

Cortezão *do ceo* foy no monte certo;

Estrofe III. Em *A Preciosa*:

Aquelle nas *virtudes* eminente,
. . . . . .
Vencedor do Averno *tenebroso;*

IV

Aquele, sempre igual, sempre sereno,
Que passeava a verde amenidade,
Homem celestial, anjo terreno,
Um composto de barro e devindade,
Que ali, no êrmo tôsco e vale ameno,
Tantos prodigios fez, e sem vaidade,
Do grande Antão vos falo e não prosigo,
Porque em dizer Antão, já tudo digo.

V

A este, pois, ermita soberano,
Estando em sua mente suspendido,
Lhe veio um pensamento, sem engano,
Da alta Providencia ali trazido :
Se naquele deserto algum humano
Lhe houvesse nas virtudes excedido ?!...
— Sim, lhe responde Deus, por raro tomem
Haver homem que exceda a tanto homem! —

Estrofe IV. Em *A Preciosa :*

Exemplo da mais rara santidade; (verso 4.º)

Estrofe V. Em *A Preciosa :*

— Sim lhe *respondeu* Deus, por raro tomem

VI

A este, pois, que no deserta ha sido
Em tempo e graças, mais avantajado,
Lhe manda Deus que busque prevenido
Porque de tal tesouro tenha achado.
Partiu logo a busca-lo, confundido,
Dos preitos divinos humilhado
Sem levar mais avio nesta ausencia
Que o bordão, o desêjo, a diligencia.

VII

Parte só, receiando os descaminhos,
Levando para guia seus fervôres,
Já a planta rompendo nos espinhos
Já curando as feridas com as flôres.
— Ah Paulo, adonde estaes em taes caminhos?
Dizia, com avisos superiores;
Mas só lhe respondiam nessas brenhas
Filomena no ar, éco nas penhas!

Estrofe VII. Em *A Preciosa:*

Já *rompendo a planta* nos espinhos

VIII

Caminhava, do frio trespassado,
A buscar quem o excêda sem desdoiro,
Das pérolas da auróra bem molhado,
Dos rubins da manhã vendo o tezoiro;
Quando Fébo, que o téme congelado
Uma capa lhe pôz de raios de oiro;
E no saiál de Antão, por doce frágua
Quanto em fogo lhe dá, lhe bebe em agua.

IX

Já não topava, já, a flor mimosa,
Que o êrmo, que pisava peregrino,
Desconhecia a púrpura da rosa,
A inocencia do jasmim menino;
Sua vista, confusa, ali só gósa
Páramo deshumano, ceu benino,
Porque na tôsca via não ha nela
Uma flor que compita a uma estrela.

Estrofe VIII. Em *A Preciosa*:

A buscar quem o *excede* sem desdouro;

X

Meia estação do dia era passada
Sem suspiro de humano Sêr ouvido;
Quando, seguindo Antão sua jornada,
Disse, em sua esperança divertido:
— Confio em Deus que nesta via amada
Me ha de mostrar seu Servo prometido,
Que são suas palavras invenciveis,
Possiveis vencedores de impossiveis! —

XI

Quando, de sua fé pedia o fructo,
As penhas sua fúria estremecendo,
Um semi-homem viu, um semi-bruto,
Na figura centauro parecendo.
A este perguntou Antão, astuto,
O caminho direito já sabendo;
Que para tal jornada, tal intento,
Té de um bruto se espera entendimento.

XII

Com a mão lhe apontou a via certa
E deu logo a correr pela espessura;
E com ser a ventura tão incerta
Antão já se fiava da ventura,
Ainda que, em esfera tão deserta
Só de féra encontrava a estampa dura,
Chegando a seu ouvido, em temor grave,
Bramido de leão por canto de ave.

XIII

Conculcando das penhas a durêza,
Rompendo do carrasco o toque esquivo.
Buscava a descobrir sua fineza
Uma luz sepultada, um morto vivo,
Sem o segredo achar, na ligeireza,
Porque estava aguardado em seu arquivo, —
Quando um vivente vio, pela verdura,
No vulto homem, raro na figura! —

XIV

A grenha selvagina, a testa armada
Na ponta aguda com que o cometia,
Os olhos, duma luz como eclipsada,
Chato o nariz, que pouco ou nada erguia;
A boca, nas orelhas rematada,
A dentadura nela não cabia;
Veloza a tês, de cabra o pé terrestre,
— Assim apareceu o homem agreste!

Estrofe XIII. Em *A Preciosa*:

Porque estava *guardado* em seu archivo,

Estrofe XIV. Em *A Preciosa*:

Na ponta aguda com que *acometia*

XV

Se a camponêsa Ninfa tal o vira
Se a Naiáde silvestre o encontrára,
Primeiro em seu espanto ali fugira
Do que sua esquivança arretirára;
Mas Antão que taes monstros não admira
Pelo Servo de Deus lhe perguntára,
E ao nome de Deus, porque vos conte,
O bruro fala e estremece o monte.

XVI

Como se conhecesse a Divindade,
O Fáuno, respondeu sem mais profia;
Antão, que o ouvio com claridade,
Um suspiro lançou, que ao ceu feria;
Chorando do Mundo a falsidade,
Os penhascos do êrmo enternecia,
Dizendo: — O' Deus, por maravilha o tomem,
Que te conhece o bruto, e néga o homem! —

XVII

Deu o Fáuno a correr, penhas trepando,
Pé de cabra, ligeiro como o vento;
Quando Apolo, os loureiros abrazando,
De Dafne se despéde macilento;
E no coche, que o filho ia quebrando,
Inclina para o mar o movimento,
Adonde Tétis dá, por desafogo,
Camara de cristal a um deus de fogo.

XVIII

O doce canto deixa o passarinho,
Sofre o leão a fála rigorosa
Porque a ave caminha para o ninho,
A féra para a gruta pavorosa.
A noute cobre a Terra, sem alinho,
Do luto, que a deixa tenebrosa
Pela ausencia do sol, (é a meu vêr),
Que o mesmo é ausentar-se que morrer!

XIX

Mas Latona, que é hora em que domina,
Vendo a Fébo nas aguas apagado
Manda ao Mundo uma tocha matutina
Com que deixa ao Mapa alumiado
Encostando que ali não predomina
O scétro o rei, o rustico o cajado,
E em braços de Morfeu e seus favores
Descançam todos, (se não teem amores). (1)

Estrofe XVIII. Em *A Preciosa:*

Emmudece o Leão na voz ruidosa, (verso 2.º)
. . . . . .
Pela ausencia do Sol, *que o retirar-se*
He o mesmo morrer, do que ausentar-se.

Estrofe XIX. Em *A Preciosa:*

Ao Mundo manda tocha matutina,
Com que *o deixa todo* allumiado:
Em constando, que ali não predomina,

(1) O velho dictado: *Quem tem amores não dorme...*

XX

O Santo peregrino, na espessura
O abrigo procura duma brenha,
Servindo-lhe de leito a terra dura,
E de reclinatório a tôsca penha,
— O pensamento, lá, por essa altura,
E o corpo no rigor que não desdenha —
Em brandos ais, e em ásperos abrolhos
Abriu o coração, cerrou os olhos!

CANTO SEGUNDO

Descobre Antão no sitio desejado
Ao Primaz do Êrmo raro achado

I

O crepusculo ruivo, a Alva pura,
Amante, espéra já pelos alvores;
Ela rindo-se sae e mui segura
Que como tibia está, zomba de amores;
A desmaiáda luz, pela verdura
Derrama, sem tratar de outros ardores,
— Diana da manhã e tão isenta
Que o sol se abraza porque a não aquenta! —

II

De ouro e gran a Auróra revestida
Sae, dando luz a um e outro pólo;
E Tétis, que tão cedo a vê vestida,
Por fazer-lhe pezar detem a Apolo;
A furto de Peléo, destemida,
Já tálamo lhe faz do manseolo;
A auróra orvalha o Mundo mas presume
Que chóra pouco porque tem ciume.

III

Das pérolas a flor se vae toucando,
A ave do seu ninho vae saindo;
O pastor o seu gado vae buscando,
Antão o seu caminho vae seguindo;
O sol pelos outeiros, apontando,
De ouro entre-rosado os vae vestindo,
Quando a gala lhe canta a filomena,
Orfeu de asas, Anfião de pena!

IV

A rosa tira o véu á formusura,
Rompe o cravo o capúlo para vê-la;
A fonte já da sombra não murmúra,
Á erva corre a lés, para pasce-la;
Solta a féra o bramido em fala dura,
Torna o Homem a taréfa que o disvéla,
O rouxinol entoa, a pomba geme
O galo canta, sim, o leão teme.

Estrofe IV. Em *A Preciosa:*

Á erva corre a *rez* para pacella

V

Assim amanhecia; e a deserta
Esféra, permanente Antão seguia
Tendo em sua esperança a posse certa
Quando adonde busca-la não sabia.
Na segunda jornada a não acerta;
Poz-se o sol, foi-se a luz, morreu o dia,
E ele, só, pelos êrmos deshumanos
Em dois días contava muitos anos!

VI

Suas luzes mostrando radiantes,
Torna ver a Diana o firmamento,
Rodeada de flores, de diamantes,
Com que adorna o celeste pavimento;
Umas firmes estão, outras errantes,
Mas em todas igual o luzimento:
— Falo aqui das estrelas peregrinas,
Que desse campo azul são as boninas. —

Estrofe V. Em *A Preciosa*:

E elle só pelos ermos *inhumanos*,

VII

Já Fébo tres carreiras tinha dado,
Já do dia terceiro o sol se via,
Quando um monte devisa, que elevado
Gigante de esmeralda, ao Ceo subia!
O seu verde pescoço, levantado;
A cabeça na Esféra presumia,
Tão arrogante, sim, que a sublimar-se
Intentava de estrelas coroar-se!

VIII

Do verde promontorio lhe sucéde
Vêr baixar uma loba ao vale ameno,
Que na lingua que mostra diz a sede
E vem buscar a fonte no terreno.
Logo Antão a seguio (que nunca céde!),
Mas ela se escondeo, e ele, sereno,
Continua constante, e no reverde
Homem celeste busca em campo verde.

IX

Ao pé de um monte encontra, sem ver gentes,
A boca de uma gruta pavorosa,
— Que as unhas do leão terá por dentes —
Presume, quando a vê tão horrorosa!
Ousa que seja ninho de serpentes;
Espreita, mas sem luz, só sombra gosa;
Nela entra destemido e confiado,
— Que um santo é mais valente que um soldado!

X

Mãe da noite, parece, a cova escura,
Porqne suas entranhas são horrores!
Porem Antão que nela tudo apura
Segue a opáca via sem temores!
No passo mui quieto se assegura
Pizando horror como quem pisa flores,
Quando uma luz divisa, e mais se assombra
Vendo a filha do sol, do cáus na sombra!

Estrofe IX. Em *A Preciosa :*

Ou já que seja ninho de serpentes . .

No *manuscripto d'Evora*, vem tambem :

Ou ja, no começo do verso, mas sem assento no *a* ; conclui que seria *ouja*, por *ousa*, tendo portanto sido mal copiado o manuscripto para *A Preciosa*.

XI

Alvoraçado já, na luz que via,
Apressa o passo, mais do que lhe importa,
E ali tropéça numa pedra fria,
Memória viva desta fé não morta.
Ao ruido que fez, quando caia,
Uma incognita mão cerrou a porta!
Vendo Antão seu trabalho em tal desmedra,
Como pedra ficou, junto da pedra!

XII

Torna a alevantar, e chama maguado,
Mas era combater um forte muro;
Porfia e não responde, o encarcerado,
Que é em sua defensa mui seguro.
— Abre, diz, que a meu pranto desatado
Esta pedra se abranda e tu estás duro! —
Chama Antão, cala Paulo, e na porfia
Começando a manhã, meou o dia!

Estrofe XII. Em *A Preciosa:*

Alento toma, e chama magoado,
. . . . . .
Gastou nos rogos meya parte o dia (8.º verso)

XIII

— Já sabes quanto andei, só por buscar-te,
Quem sou e a que venho — Antão reclama —
— Não sou digno de ver-te nem falar-te,
(1) Porem quem mais merece é quem mais ama!
Qual tesouro escondido, venho a achar-te
No campo, e te descobre tua chama!
Abre! porque é politica sevéra
Serrar ao Homem quem abriu á féra.

XIV

Aqui nesta demanda tanto importa,
Té morrer estarei por tanta medra!
Mais constante serei que a tua porta
Que ela de páu será, e eu sou de pedra!
Se não queres ceder a quem te exorta
Defunto me acharás em tal desmedra;
E darás a meu corpo sepultura
Menos dura que tu, sendo tão dura.

(1) *Vide* o temperamento afectistico de Simão de Camões

XV

Aqui a porta abriu, o homem divo,
Com que pausa se poz á doce briga;
E em um sorriso brando, não esquivo,
Disse: — Com ameaças não se obriga;
Nem tão pouco injuría o pranto vivo,
Que com este a nenhum se desobriga! —
Disse assim; e ouvi, por cousa nova,
Como Paulo saiu da sua cova:

XVI

Os cabelos, nas costas estendidos
E com a mesma neve equivocados;
Os olhos, já do tempo estão fundidos,
Mas de uma luz divina agraciados;
Do seu semblante a côr traz denegridos,
Mas de melhor Apolo iluminados;
Tão seco, o corpo, no rigor sem termo,
Que raiz parecia do seu êrmo!

XVII

Tão grave no semblante aparecia
Que infundia respeito nesta Esféra;
A barba até ao peito lhe descia,
Veneravel porção dos Alpes era;
O vestido das palmas o tecia,
Que no tear das mãos o compozéra,
Inventiva a quem outra não iguala,
E a um Deus enamorou com esta gála.

XVIII

Assim que os dois se viram, se enlaçaram,
Prisão que em si aperta a graça pura.
Por seus nomes ali se saudaram,
Sem sabe-los de humana creatura.
— Vez aqui, disse Paulo, o que buscaram
Teus passos com trabalho e amargura?!
Barro mortal que logo em um momento
O verás desfazer qual pó ao vento!

XIX

Aqui tens este barro pretendido,
Ao rigor e do tempo já quebrado,
Por quem chegas de espinhos bem ferido,
Para ser de uma gruta mal curado.
Olha bem para mim, e enternecido,
Verás qual haja sido o teu achado,
A quem a idade tem em tal figura,
Que inda vivo o convida a sepultura! —

XX

Disse Paulo; e entrou na estancia cara
Com Antão, a visita portentosa;
A que o scétro juntou com a tiára,
Sem duvida, não foi mais gloriosa.
E ali deu, na caverna já preclara,
Principio em estação tão prodigiosa
— A visita — mais grave e mais fiel
Dispois da de Maria a Isabel!

Estrofe XX. Em *A Preciosa*:

A visita mais grave, *santa, e pia,*
Depois da que em judea fez Maria.

CANTO TERCEIRO

Hospéda Paulo a Antão, e o fez certo
Com o maior banquete do deserto.

I

Caverna, mas do sol mal defendida
Porque Fébo, na aberta que a descobre,
Não lhe quiz perdoar por escondida,
Como tambem a não deixou, por pobre:
As paredes da penha empedernida,
Para quem em sua guarda haja o que sobre,
Assim estava, parda, tosca e dura,
Sendo concha da pérola mais pura!

II

Neste retiro, pois, em doce calma
Uma verde palmeira ao ceo subia;
Hontem, sustento foi, e hoje palma
Dos triunfos, que nas folhas escrevia.
E querendo premiar, como com alma,
As batalhas que Paulo a si vencia,
Contando pelas folhas as victorias,
— Menos as folhas são, e mais as glórias! —

Estrofe II. Em *A Preciosa*:

Neste retiro, pois, *com* doce calma

III

Ali a fonte de cristal corria,
Que filha dum penedo, rebentava,
Adonde Paulo, a agua que bebia,
Em lagrimas de amor logo pagava.
A margem, verde junco guarnecia,
Verde cordão — que aljofar enfiava;
A sombra fria está, porque vos conte
Com lágrimas de amor ser fria a fonte.

IV

A cadeira se fez de pedra dura,
A tarimba, de lenhas, mal cortada;
Por alcatifa, estava a terra pura,
Porem, não de boninas matisada.
Era de verde musgo a colgadura;
O pavimento, a penha mal serrada.
Este é o palacio decantado,
Donde o Primaz do Êrmo foi achado!

V

Os rouxinois, seus musicos, se ouviam,
As féras, racionais, o cortejavam;
As angélicas turbas o assistiam,
Lá da meza do ceo o alimentavam:
As aves, sim, o prato lhe serviam,
As arvores, a gala lhe cortavam.
Este o retiro é, caso profundo,
Que esconde o mundo ao melhor do mundo.

VI

Aqui Antão e Paulo já sentados
No pardo lenho on na pedra clara:
— Se estão fieis, os tempos, se inda errados,
Se humano sacrificio tinge a ára,
Se é Deus ou são os deuses adorados,
Se soa voz escura ou doce metro,
Quem sustenta a tiára, e quem o Scétro?...—

VII

Deu-lhe Antão a noticia que ha pedido,
De seu ardente zelo estimulado;
Ouve o erro do cego, enternecido;
Quando da Cruz os triunfos, inflamado;
Do contumáz nestorio, escandecido;
De seu oposto heroico, edificado;
Servindo-lhe de premio nesta historia
De Constantino a fé, de Roma a gloria.

VIII

Da noticia do mapa nesta esféra,
A praticas passaram superiores,
E como amigos já, sem mais espera,
Um ao outro se contam seus amores:
A terra que até ali sem matiz era
Aos alentos do amor brotou em flores,
Cada qual tão purpurea, bela, e fina,
Que um cupido se vê cada bonina.

IX

Aqui olhando ao ceu, vê que voava
Ave negra a buscar um lenho verde,
E na arvore que ali se avisinhava,
Baixa a fazer seu ninho no reverde:
No duro, e firme bico sustentava
Um branco lindo pão, que nunca perde,
Tal que até qui nenhum tem apurado,
Se na terra ou no ceu foi preparado.

Estrofe VIII. Desta estrofe em deante, até ao canto IV, estrofe XII, exclusivé, falta no *manuscripto* d'Evora; sigo pois segundo em *A Preciosa*, com igual pontuação. Não vae a ortografia da época.

X

Daqui a ave, corvo na entidade,
Aos Eremitas vem em vôo brando,
E deixando-lhe o pão, com brevidade
Essas puras esféras vae cortando:
Ao soberano autor desta piedade
As graças Paulo dá glorificando,
Vendo na sua meza ha tantos dias,
Prato que serviu ao grande Elias.

XI

Haverá sessenta anos, Paulo conta,
Que esta ave meio pão me traz constante,
Hoje, que hospede ha de tanta monta,
Vem dobrada a ração, porque te espante:
Da alta providencia que os remonta,
Um mapa e outro mapa alegre cante,
Pois estende piedades sem desvio
Desde a torrida zona ao pólo frio.

XII

Ao partir do pão os dois se escusam,
Que tambem ha politica em o deserto,
E depois que um, e outro assim o uzam,
A porfia, por fim, vem a concerto:
Ambos pegam no pão, já não recusam,
E dele o que lhe toca, levam certo;
Com que nesta contenda, em que demoram,
Sendo vencidos, vencedores foram.

XIII

Do corvo o pão, da fonte a agua fria,
E' aqui o banquete em tal tezouro,
Com que preço não tem, nem tem valia
Os nectares do Mundo em copas douro,
A mão de prato e pucaro servia,
Dando lição ao mapa sem desdouro,
Quando soberbo apuram seus intentos,
Para uma meza só, quatro elementos.

XIV

Para este banquete sem segundo
Ao bruto não sangrou a arma féra,
O peixe não saiu do seu profundo,
A ave não saiu da sua esféra:
Nem da cana o licor que adoça o mundo,
Serviu, nem o manjar, que antes flôr era,
Baco e Pomona, vendo-se inferiores,
Esconderam seus frutos e licores.

XV

Aqui da gula o mestre nunca avaro,
Não apura no prato que lhe agrada,
A indiana espécie em mixto raro,
Do trigo a flôr em folha delicada;
Não pica a rez, nem busca sem reparo
No sangue branco a doce regalada,
Nem traz a guarnecer a iguaria,
O filho, e pae da ave que o cria.

XVI

Aqui para a bebida não mistura
O torrão doce com o pomo azedo,
Nem do licor de Baco em copa pura,
Um, brindes, e outro, brindes dá sem medo;
Nem do americo pardo a vez escura,
Que da alta ambrosia é arremedo,
A indiana traz, que em tal tesouro
Aos banques sáe, de azul e ouro.

XVII

Parou o sol a ver a hospedagem,
Em vesperas das luzes matutinas,
E ao mover o coche de passagem
Ia dando as noticias peregrinas;
Os tritões que as ouviam na paragem,
Fazem êrmos nas selvas neptuninas;
E para orna-los, tem, nestes seus montes
De coral troncos, e de aljofar fontes.

XVIII

Antecipar-se quiz a noite escura,
Quando estrelas por olhos prevenia,
Por ver aquela meza, em que só pura
Agua, pão e milagre é iguaria:
A Latona convida mui segura,
Mas o sol que de longe a presentia,
Um raio lhe atirou, e pode tanto,
Que cortou branca veste, e negro manto.

XIX

Se o Coroado esta visita vira,
Se o homem semi-Deus a espreitára,
A espada e sceptro, que é poder, e ira,
Com soberbos erarios despresára;
A veste, que em seu langue o peixe ungira,
Pela folha da palma ali trocára,
Vendo com reflexão em tal estudo,
Que só naquele nada está o tudo.

XX

Logo que os dois em termo agradecido
Deram graças ao ceu pelo pão raro,
Antão a Paulo pede encarecido,
Lhe diga seus sucessos sem reparo;
A causa que ao Ermo o ha trazido;
Nada lhe esconda como amigo caro,
E o que de si lhe conta Paulo Santo,
Já começa a dizer o quarto canto.

CANTO QUARTO

Refere Paulo Santo a sua historia
Que deixou ao futuro para glória.

I

Da Asia no terreno mais subido,
Trono dos Prolomeus levantado,
Ali donde um Abraham foi advertido,
Ali donde Moisés foi admirado:
Donde o povo de Deus foi perseguido,
E o filho de Jacob foi exaltado,
Empório, a cuja côrte por mais graça
Um Alexandre veste, um Nilo calça.

II

Egipto que em cidade proeminente
Hospicio foi de um Deus na melhor hora,
Berço de Catarina refulgente,
Tumulo de Faustina vencedora;
Auróra de Maria penitente,
Teatro de Cleópatra abrazadora,
Aquela a quem picaram com rigores
Aspis nos braços e no peito amores.

III

Aqui (diz Paulo) de familia ilustre,
Nasci nas partes da Tebaida alta,
Se é que á nobreza se conhece lustre
Enquanto das virtudes não se esmalta:
Nas letras ensinado sem deslustre,
A's aulas fui, a quem o Mundo exalta,
Mas em um dia só de desenganos,
Subi mais que de escola em oito anos.

IV

Por este tempo, quando já gozava
A Igreja, da fiel oblação pura,
Décio, que todo o Orbe dominava,
Empunhou contra a fé a paixão dura:
Do ministro cruel que a executava,
O fiel nem na gruta se assegura,
Tanto, que o que habitava junto ao Nilo,
Temeu ao Homem mais, que ao crocodilo.

V

Corria por Egito a dura espada,
Sem que perdoe ali seu féro corte
A' beleza de Venus não manchada
Ao valor do católico Mavorte:
A pura rosa, sim, foi desfolhada,
Despedaçado o cravo de mais porte,
E nas aras purpureas, porem belas,
Acabam flores a viver estrelas.

VI

No fogo se abrasava a neve pura,
O homem se deitava á féra horrenda,
No peito se estreiava a lança dura,
A Parca na inocencia está tremenda:
Sepultava-se a luz na sombra escura,
Que procurava o mal do bem emenda,
Quaes andavam verás neste episodio
Os poderes de amor, e iras do ódio.

VII

No dourado brazeiro incenso fumo
A idolatra mão, dá com afogo;
No gentilico templo tudo é fumo,
No católico peito tudo é fogo:
Este pedaços faz, e assim resumo
O simulácro vil com desafogo,
Perdendo no seu zelo a cara vida,
Quanto bem empregada, bem perdida!

VIII

Corria o ano quinze, minha idade,
Quando Egito passou taes descaminhos
Pouca malicia a tanta falsidade,
Poucas flores a haver, tantos espinhos:
Eu, tímido fugindo á crueldade,
Numa quinta parei em taes caminhos,
Que inocentes estavam meus temores,
Pois me escondi dos áspides nas flores.

IX

Aqui tive a noticia nunca incerta,
Que da cara irmã minha, o mau consorte,
Por ter na minha morte a herança certa,
De cristão me acusava para a morte.
Ó interesse vil! que não concerta
Contra a pura inocencia em mal tão forte,
Pois não perdoa sua iniquidade
O sangue, a lei, a honra e a amizade.

X

Eu, que nas leis de amor mal instruido,
Posto que nas da Fé bem doutrinado,
Ao lance fugi de mim temido,
Que me chamava a pôr-me laureado:
Não coube em meu temor o ser vendido,
Adonde achava o ceu como comprado,
Porque não reparava pouco forte,
Que mais que a vida ali, valia a morte.

XI

Ao mais ignoto páramo corria,
O lugar mais sombrio procurava,
Ainda sem saber, quando fugia,
Que me esperava nele quem me amava:
Nem as féras indómitas temia;
Porque dos homens só me receava,
Tal a malicia está na nossa esféra
Que teme ao homem quem não teme a féra!

XII

Pisando abrolhos, penhas conculcando,
A este ignoto, chego, sem mais tiro,
Adonde, cova, fonte, e palma achando,
A alta providencia em tudo admiro,
Pois sem duvida alguma, ia mostrando
Que para mim guardou este retiro
Deixando-me na palma, em tal tributo:
O vestido e o sustento, em folha e fructo.

Estrofe XI. Até esta oitava, inclusivé, falta no *manuscripto d'Evora*, por extravio.

XIII

Fui gustando da doce soledade,
Companheira da vida mais segura,
Adonde o Ceu se tem na saudade,
E a terra se possue na verdura;
As folhas, deixa a sorte na cidade,
E as raizes, no êrmo as assegura,
Mostrando-nos no bem deste reverde
No alto um ceu azul, como um ceu verde.

XIV

De mim proprio, venci batalhas duras,
Nos auxilios do Ceu, sem experiencias!:
O horror do Inferno, nas figuras;
Do tempo o mais cruel, nas inclemencias.
Já o mundo me brinda com doçuras,
O povoado, já, com assistencias;
Porem de todos, Deus, me deu a palma
Que é o rigor da vida o triunfo de alma.

XV

Já para o breve somno, não trocára
A terra dura, pela branda pena;
Nem déra, pela estancia mais preclára
A cova escura pela paz serena;
Pela abundante meza não deixára
Na palma verde a tâmara morena,
— E como o *êrmo* ceu me parecia,
Ao ceu, pelo Ceu só trocaria!

XVI

Neste teatro verde, contemplava
Seu soberano auctor em todo o dia:
Nas flores, a beleza que ocultava,
Nas aguas, as piedades que vertia,
Nas penhas, a firmeza que mostrava,
Nas aves, a doçura que influia!
E como, em tudo, assim se me afigura,
Te busquei, brando amor, em pedra dura!

Estrofe XV. Em *A Preciosa*:

A cova escura *com a* paz serena;
. . . . . .
E como o Ermo o ceo me parecia,
Ao ceo pelo ceo eu só trocaria.

XVII

Daqui, passei a excessos elevados,
De tantos largos anos pretendidos...
E nos laços de amor mais apertados
Penetrei os segredos escondidos.
Os favores, que estavam represados,
Aqui arrebentaram, de oprimidos!
— Quantas vezes me vi morto de amores,
Pedindo fructos e rogando flores!

XVIII

Quando saía o sol de seu profundo
Já me achava ao ceu arrodilhado;
Quando tornava de dar volta ao Mundo,
Em o mesmo lugar me achou parado!
E sentindo o ardor com que o confundo
Vendo-se em sua luz quasi apagado
Sem que o dórico carro ouse a mover-se,
A meu peito chegou, por acender-se!

XIV

A ave e féra, (porque tanto alcança
Quem por buscar o ceu nada repára),
Uma, na minha cova a furia amansa,
Outra, na minha mão o vôo para;
Uma, a cólera sofre em tal mudança,
Outra, despresa a liberdade cara!
Assim que para mim tem nesta Esféra
— A ave sugeição, piedade a féra!

XX

Anos setenta e outo, ó desenganos!
Ia que abito da cova as sombras frias!
Medidos pelo tempo, largos anos...
Medidos pelo amor, são poucos dias.
Ireis tu o primeiro dos humanos
Que me ha visto e vencido nas profias!
— Esta, a narração é, de minha historia
De que livro será tua memória.

Estrofe XX. Em *A Preciosa:*

De *quem* livro será tua memória.

CANTO QUINTO

Prediz Paulo ilustrado a sua morte,
Despede a Antão, e chora o varão forte.

I

Acabou Paulo a sua rara historia,
Quando a noute estendia o manto escuro
Donde, de Antão ficou, em a memoria
Melhor gravada, que em diamante duro.
A sombra sepultou, da luz, a gloria
Para resuscitar no dia puro.
E os dois sobem, orando, a outra esféra,
Ficando serafim o que homem era,

II

Té que do sol a precursora amada
Lhe oferece para luz seus brandos lumes,
E a filomena, dando-lhe a alvorada,
Amores só lhe canta, e não queixumes;
A flor, do verde catre levantada,
Sacrificio lhe faz de seus perfumes!
E amor que os suspendia em tanto afogo
Ao raiar da luz, afrouxa o fogo.

III

Com alegria, os dois, se saudaram;
E Paulo, a Antão, olhando com terneza:
— Ha largo tempo, diz, me revelaram
Que abitas destes ermos a dureza.
A visita, que os ceus nos prepararam,
Prometida me foi nesta aspereza,
Porque nela (que a vida já se apura!)
Possas dar a meu corpo sepultura.

IV

Torna a teu domicilio, e volta logo
A trazer de Atanazio o caro manto;
E nele envolverás, em tanto afogo,
Meu corpo em seu abrigo e em teu pranto.
Minhas cinzas, espéro, tomem fogo
Nas lagrimas de amor e toque santo;
E todos te dirão sem meu desdouro
Ter mais valor a guarda que o tezouro.

Estrofe III. Em *A Preciosa:*

A visita que os ceus nos *celebraram,*

V

— Ai, disse Antão, e como em mal tão forte
Me deixas aqui, só, nesta partida?
Ou sustentes a vida contra a morte
Ou a morte me alcances contra a vida!
Mas já a Parca sinto em tua sorte
Ó, já a vejo em tua despedida!
Assim, que escuso aqui tua piedade,
Pois morrerei de inveja e de saudade!

VI

Mas este teu intento em ir primeiro
Até das féras te será notado...
Olha que levas coração inteiro
E que me deixas coração quebrado!
Em tudo desigual, por derradeiro
Não queiras ser em tão diverso estado:
Pois te vaes a escutar o santo Santo
Não me deixes a ouvir o pranto Pranto!

VII

Se para o Ceu te partes, victorioso,
Não me deixes na Terra maguado;
Liberal se comigo de teu goso
E te será maior comunicado.
Eu fico neste páramo, saudoso,
Para reverdecer seu bronco estado,
Pois darei, pelos secos horizontes,
Mios aos ermos, aos penhascos fontes!

VIII

Alcança-me, de quem tudo se alcança,
A morte doce, não a vida amarga:
Troque-se já na posse a esperança
— Que mais me oprime, quanto mais se alarga;
Porque não serve a quem ao logro avança
Nem curta fé, nem esperança larga;
— Ó, ficarei estando, como d'antes,
Chorando séculos, e contando instantes!...

IX

Duas mortes, aqui, no transe forte
Oferecendo-se estão nesta partida:
Tu, a morte terás na mesma morte,
Eu, a morte terei na despedida!
Mas, ai! que desigual está a sorte!
Que em tua Parca, tens, tu, tua vida,
E eu fico no amargo apartamento
— Morto ao viver, e vivo ao sentimento! —

Estrofe IX. Em *A Preciosa:*

Porque tu, na tua parca tens a vida, (verso 6.º)

X

Não quere Deus, Paulo diz, que nossas palmas
Se equivoquem, aqui, nesta partida:
A tua vida importa muitas almas,
A minha vida importa pouca vida!
Este ardente desejo, em que desalmas,
Tua fineza deixa desluzida!
Torna a dar luz aos teus, (pois convem hoje),
E lá te espera o ceu, que o ceu não foge.

XI

Obedecendo Antão ao que ouvia,
(E no temor de Paulo se acabava),
Quanto com suas plantas bem corria,
Em seu desejo ardente mais voava!
De seu convento a via assim seguia,
Tão ligeiro que a terra não pisava;
E invejando os contactos superiores
São os ares ciumes para as flores!

XII

Chegou ao domicilio pretendido,
Trazendo, para fé do que ha andado,
O nacar em a face enardecido,
O aljofar na testa derramado.
Os que na sua ausencia teem gemido,
A recebe-lo sáem, com cuidado;
— Donde esteve — preguntam; na verdade
Que já deve a noticia — á saudade. —

XIII

Aos monges respondeu com um suspiro: —
— A Elias, ei visto no deserto;
A Bauptísta, encontrei no seu retiro;
A Paulo, contemplei no ceu aberto!
E de mim, quando admiro, mais me admiro,
— Pois tendo, de Eremita, o nome certo,
Comparado ao que vi, sou em tal calma
Homem sem coração, pedra com alma!

XIV

Tu, fama, que de mim, ao longe, soas,
As asas corta e o clarim retira,
Pois quanto deste ermo me apregoas,
Com o outro que vi, tudo é mentira!
Mas se parar não queres, quando vôas,
Canta só do prodigio que me admira,
E romperás, assim, por todo o Mundo,
O segredo que guardo em meu profundo!

XV

Ferindo o peito ao golpe penitente
Na cela entrou, com maguado pranto.
Logo desta saiu, em um repente,
Levando de Atanazio o dino manto,
Sem ouzarem prender sua corrente,
Os seus, que o advertiam com espanto;
Bocado não gostou, té da água céde,
— Que só de ver a Paulo tinha sêde.

XVI

E avisado em que a vida se lhe apura,
Tomou a mesma via sem demora;
— O' Parca, diz, suspende a seta dura,
— O' Ceu, detem a palma triunfadora:
Atropos o não corte tragadora,
Espera e ouve, que no transe forte,
Me leva a vida, ou lhe suspende a morte.

XVII

Da doce filomena a melodia
Vá teu rigor cruel adormecendo,
Da fonte o pranto na corrente fria,
Passe tua dureza enternecendo:
Da fera, que escondeu cova sombria,
Te deixe seu bramido estremecendo;
Porque possa parar-te nesta esfera,
Fonte amante, ave branda, dura fera.

☞ Estrofe XVI. Desta estancia em diante, até ao fim do poema, já não existe no *manuscrito d'Evora*. E' portanto copiado do volume de *A Preciosa*, com a pontuação pouco mais ou menos igual.

XVIII

Já assim persuadindo a Parca dura,
Que tanto contra Paulo receava,
Voz de sentido pranto lhe afigura
O eccho, que nas penhas se quebrava:
Se é canto, ou se é lamento, não segura
O quebro com que a ave o saudava,
E rompendo das brenhas o agreste,
Tudo palma encontrou, tudo acipreste.

XIX

Vê as flores nas côres desluzidas,
Nas lagrimas da Aurora burrifadas,
Do mais escuro verde revestidas,
As selvas na alegria já mudadas;
As arvores, nos ramos descaídas
E até, no duro tronco, quebrantadas;
E o ar lhe pareceu, que tanto admiro,
Se transformava todo em um suspiro.

XX

Assim caminha com temor interno,
E sua planta ali, tão agil era,
Que nesta ligeireza, seu inverno
Competia com sua primavera;
Em Paulo já previa o bem eterno,
Já prevenia em si a pena fera;
E assim, vencendo foi sem descaminho,
Ao primeiro sol de seu caminho.

CANTO SEXTO

Vê Antão no caminho do deserto
A Paulo glorioso, ao ceu aberto!

I

Do muito que correu, finou Apolo,
E suas luzes sepultadas jazem,
Sem que as sombras, que são seu mauseôlo,
A Antão em seu caminho o passo atrazem:
Té que aclarando um, e outro polo,
Lua e Aurora para vê-lo nascem;
Eraclita e Democrita em tal hora,
Uma ri, vendo ao mundo, e outra chora.

II

Derramando nos rusticos outeiros
As primicias do aljofar, seus albores
Eles, que nesfa acção, já não grósseiros
Se oferecem politicos ás flores:
Sendo-lhe, já quebrados, já inteiros,
A's sêdes agua, perola aos primores:
Aqui saiu o sol ferindo fogo,
Porque tarde chegou, chegando logo.

III

Ao Momarca da luz esclarecido,
As aves com seu canto saudaram;
Porém vendo-o nas flores divertido,
Ciumes por amores lhe cantaram:
Té que á aguia, que já tinha subido,
As invejas da rosa defazaram,
E quando penetravam aquele lume,
Não se queimou na luz, mas no ciume!

IV

De seguir seu caminho Antão só trata,
Já magoado na timida pena,
Quando suave canto o arrebata,
Na infancia pura da manhã serena:
Ficou suspenso, vendo que retrata
Ao serafim, e não á Filomena,
Musica duas vezes peregrina,
Sendo em esfera humana, voz divina.

V

A penha se moveu ao doce canto,
A ave se parou á melodia,
A pedra se estremece ao raro encanto,
A fonte sem correr, se suspendia;
O musico de Tracia, com espanto,
Pergunta quem furtou sua harmonia;
Para esta paridade mal a tomem,
Que aqui é voz de anjo, e lá de homem.

VI

Olha Antão, vê angélicas creaturas,
Que os doces cantos entoado haviam;
E penetrando estas esferas puras,
Com Paulo glorioso ao Ceu subiam:
Os de maior lugar nessas alturas,
A córos companhia lhe faziam,
Apostolos, profetas, lhe são guia,
Qua entre os de mais valia tem valia.

VII

Quanto á vista da Gloria, enardecido,
Fica á vista da perda maguado;
O fogo, que no peito se ha crescido,
Com a agua do pranto ha mitigado:
No coração se sente entristecido
E nos olhos se vê glorificado;
A celestial visão desaparece,
A gloria diminue, a pena cresce!

VIII

—Desertos de Tebaida, portentosos,
(Exclamou maguado em pesar tanto)
Chorae vosso Primaz, e saudosos,
A luz do sol apague vosso pranto:
Duras penhas, carrascos espinhosos,
Abrande caudeloso vosso pranto,
E vossa saudade, e tal conflito,
Da terra até ao Ceu levante o grito.

IX

O' Ermos do Egito, solitarios,
Que Athante sustentaes, tanto alto monte,
Lamentae, lamentae os tempos varios,
Que hoje não vereis já, quem vistes honte;
Nos futuros Pacomios e Macarios,
Vossa perda fatal se não desconte,
Porque este que de vós se ha despedido,
Não terá semilhante, nem o ha tido.

X

Páramos, que vestidos de aspereza,
As feras abrigaes em vossa esfera,
Domestica vereis sua braveza,
(Que a saudade abranda até a fera!):
Senti vosso habitante com fineza,
Que já estrela é, se antes flor era;
Soe por toda vossa imensidade
O ar suspiro, a terra saudade.

XI

Bosques silvestres, brenhas sem saida,
Que ao sol defendeis vossos caminhos,
Em sinal desta dor que nos convida,
Rasgae a verde gala nos espinhos:
E se o leão voraz (quem o duvida?)
Tem em vossas entranhas os seus ninhos,
Fazei que um brado dê como lamento,
Que faça estremecer o Firmamento.

XII

Sonóras fontes, mimo da espessura,
Que do sol temperaes tantos ardores,
Hoje lagrimas dae pela verdura,
Se hontem pérolas destes pelas flores:
De vossas frescas aguas a doçura
Se converta em amargos dissabores,
E todo o que gostar vossa corrente,
Amargo beba, pois amargo sente.

XIII

Flores, que madrugaes na manhã fria
A ver nascer o pae de Fäetonte,
Não saiaes do botão, a ver o dia,
Porque o sol se apagou neste horizonte:
Escondei essas côres de Alegria,
Que de luto se vista todo o monte;
Tu rainha das flores, lá no prado,
Não te vejam vestida de encarnado.

XIV

Aves que penetraes a esfera pura,
Ramalhetes do ar, asas da esfera,
Trocae de vossos cantos a doçura
Em lamento, sinal da pena fera:
A doce filomena se se apura,
Chorára amarga, se chorar soubera;
Que em perda tão fatal, a bruta ave
Pode cantar, porque chorar não save.

XV

Duras penhas, do tempo respeitadas,
Só de vossa constancia defendidas,
Nunca de pé humano quebrantadas,
De ferro cortador nunca feridas:
Já lugar não darão vossas quebradas
Ao Varão de virtudes tão subidas;
Senti não vé-lo, já, por estas brenhas,
Que uma ausencia, quebranta até as penhas.

XVI

Silvestres fáunos, que, pela espessura
Rompeis seguindo a ninfa desdenhosa,
E quando a vossos passos é mais dura,
Então é que parece mais formosa;
Outra empresa vos chama mais segura,
No deserto, por sorte rigorosa,
A Paulo pranteae, que hoje vos deixa.
Sendo a gloria do Ceu, da terra queixa.

XVII

Solitarios do Êrmo, que esquecidos,
Do Mundo estaes, e só de Deus lembrados,
Para a terra tesouros escondidos,
E para o Ceu amantes declarados;
Senti em vossa perda conhecidos,
O exemplar maior dos retirados;
Já não vereis a Paulo soberano,
Que só em ser mortal, parece humano.

XVIII

Assim provoca Antão, na dor que tinha,
Todo o deserto agrave sentimento,
Quando á cova de Paulo se encaminha
Com o mais apressado movimento.
A terra, que amigavel o sustinha,
Se queixa, porque pisa pelo vento;
Mas ele, por chegar ao que anhelava,
Do ar, e não da terra, se fiava.

XIX

Apareceu de Paulo o horizonte,
A donde todo o ar fragancia dava,
Já a falda tocou do alto monte,
Donde a ditosa cova profundava;
Ligeiro a busca, entra, escuta a fonte,
Para ouvir se da Parca murmurava;
A's flores perguntou pelo que ouviam,
Elas, pelos suspiros respondiam.

XX

Pela mina de ouro mais prezado,
Penha do diamante do mais fundo,
Segredo do amor mais acendrado,
Arquivo do silencio mais profundo;
Caverna, digo, do Eremita amado,
Antão a vista estende; e me confundo
Em dizer como achou a Paulo santo:
Fique suspensa a voz té outro canto.

CANTO SETIMO E ULTIMO

Morto Paulo, mas vivo na postura,
Lhe abrem dous leões a sepultura.

I

Com os joelhos sobre a terra estava,
O rosto para o ceu, como elevado,
Viva a côr, donde a lua reverberava,
E todo de uma graça realçado,
As mãos erguidas como quem orava;
Assim Antão achou seu Paulo amado,
Para morto mui vivo, ao transe altivo,
Mas estava já morto para vivo.

II

O Principe do Êrmo soberano,
Vendo ao santo Primaz sem mais mudança,
Tocando no caminho o desengano,
Ainda sustentava a esperança;
Chega-se, escuta, sae de seu engano,
Porque o vital alento não alcança,
Conhecendo, que Paulo em tudo forte,
Depois de falecer, desmente a morte.

III

Com grave dor, e pranto magoado,
Recebe o desengano indubitavel,
E ao santo cadaver enlaçado,
Fragante o advertio como tratavel;
Da folha o despe, com que seu cuidado
O tecido teceu tão memoravel!
Eu dera aqui em glorias sucessivas,
Por folhas mortas, esmeraldas vivas.

IV

No manto de Atanazio decantado
Envolve o corpo, por mortalha dina,
E as fragancias, que puro ha exalado,
Lhe serviram de incenso e de bonina;
Na verde relva do agreste prado,
A tarimba lhe faz, donde o reclina,
E em tanta solidão, em pena tanta,
Lagrimas chora, quando psalmos canta!

V

Já a terra esperava o seu tesouro,
Mas falta para abri-la o instrumento,
E ela, que na demora faz desdouro,
Esteve por romper-se em tal intento.
Pois, de quanto ao mundo dá em ouro,
Se paga, sendo a Paulo monumento;
Porque com estas cinzas, presumia,
Nem o filho do sol tinha valia!

VI

Vendo Antão, que instrumento lhe faltava,
Com que poder ferir a terra dura,
Com lagrimas correntes a abrandava,
Para abrir com o pranto a sepultura.
— Senhor! dizia, quando o ceu olhava:
Remedio preveni nesta amargura,
Ou ficará aqui no transe esquivo
Guardando o corpo morto, o amor vivo.

VII

Logo viu, que desciam da montanha,
Rompendo o ar no brado pavoroso,
Dous brutos coroados, cuja estranha
Vista deixou ao santo temeroso;
E não buscando o campo por campanha,
Param junto ao cadaver venturoso;
Que aqui na furia do leão altivo
Domina um morto o que não pode um vivo!

VIII

A dourada melena sacudindo,
Como quem as acções desentorpece,
Com os olhos a terra vai medindo,
Que na sanhuda vista se estremece;
E as afiladas unhas esgrimindo,
O seio opaco rompem, que se oferece,
Deixando a Paulo aberta a sepultura
Branda memoria sobre a terra dura.

IX

Com acção, os dous brutos, reverente,
Do santo aos pés se lançam sem espera,
E depois de afaga-los brandamente,
Dão um bramido com que treme a esfera,
Por sinal, não da furia mais potente,
Mas por lamento, sim, da pena fera,
Que na ausencia de Paulo, com verdade,
Até as feras sentem saudade!

X

Aqui do Ermo ao Princfpe passaram,
Meneando a cabeça incompetida,
Como que do trabalho em que afanaram
A paga lhe pediam merecida.
A benção lhes lançou, com que voltaram
Melhorados no ser, mansos na lida;
Que aqui se viu dos brutos o Mavorte,
Brando leão ao Eremita forte.

XI

Logo Antão, entre lagrimas e goso,
O santo corpo deu á sepultura,
A qual, ali, supriu no prodigioso,
A quanto lhe faltou na arquitectura!
Diria o epitafio glorioso,
Posto que não houvesse pedra dura:
— Aqui jaz no silencio mais profundo
O primeiro Eremita sem segundo!

XII

Ao despedir-se do lugar deserto,
Diria saudoso entre rigores:
— Adeus cerrado Ermo, ou ceu aberto,
Que ao mesmo paraiso daes primores.
Adeus cova onde o sol se ha encoberto,
Adeus fonte, adeus palmas, adeus flores!...
Mas dão diz: Paulo adeus! E isto foi arte,
Porque, com Paulo fica, inda que parte!

XIII

Com os olhos na ausencia maguados,
Volta Antão e no amor se fica preso,
Com passos não velozes, mas cançados,
Porque uma saudade é grande peso.
E depois de tres soes serem passados,
Seu domicilio vê, mas com despreso,
Porque lhe pareceu, e não o erra,
Aquela cova ceu, tudo o mais — terra!

XIV

Revelou o tezouro precioso,
Que no campo escondido tinha achado,
Deu ao Mundo o informe portenso,
De Paulo celestial antes que olhado;
E só por sua voz com alto goso,
Entre os santos, por santo foi contado;
Elogio de Antão, o mais profundo,
Pois em Paulo deu fé a todo o mundo.

XV

Este foi o achado peregrino,
Nos Ermos da Tebaida descoberto,
Donde, dos solitarios o mais dino,
Faz em cova cerrada Ceu aberto.
E nele o grande Antão sempre benino,
Nomeou seu Primaz ao deserto,
E em alviçaras deram, com primores,
Fruto as arêas e os penhascos flores!

XVI

Este foi Paulo santo, de quem falo;
Mas pare Musa, aqui, tua harmonia,
Porque de Paulo quando atenta calo,
Só outro Antão por mim dizer podia.
No poetico coro, sem abalo,
A lira se suspenda em tal valia,
Humilhe-se o Parnaso, cale a fonte,
Que este Êrmo é mais alto que esse monte.

XVII

Tu, Egito, que estás vanglorioso
Em tua maravilha decantada;
Tu, que sendo do Mundo alto colosso,
A vinte mil cidades déste estada;
Tu, de Pomona, e Cêres, tão mimoso,
Que a teu terreno dão porção dobrada,
Não faças destes timbres, não, memoria,
Que em ser berço de Paulo, tens mais gloria!

XVIII

E tu, gigante Nilo, cristal claro,
Donde a Africa adusta se pentêa,
E cujas aguas passam sem reparo,
Crocodilo voraz, branda serêa,
Inda que regue com protento raro
Uma parte do mundo, tua vêa,
A grandeza maior que tens agora,
E' ser de Paulo o espelho em sua Aurora!

XIX

Tu, aspera Tebáida monstruosa,
Que duro não admite teu terreste,
O domestico bruto, a linda rosa,
O leão bravo, sim, a flor agresta;
Inda que, tão esquiva e espinhosa,
Já teu verde compete com o celeste,
Pois se achou em teu Ermo, por mais bela,
Uma flor que excedeu a tanta estrela!

XX

Tebaida, Nilo, e Egito, celebrados,
Que teatros vos vistes desta gloria,
Em táboas de diamantes vinculados,
Eterna gravareis sua memoria.
E tu, que nestes cantos mal limados
Mereces encontrar a grave historia,
Seu exemplo tomando raro e certo
Faze em teu coração o teu deserto!

AVE PEREGRINA

EM CUJA MUSICA ESTEVE EXTATICO
SETENTA ANOS O S.TO ABADE PEDRO.
OITAVA RIMA EM QUE SE POETISA
ESTE EXCESSO MENTAL.

CANTO PRIMEIRO

Do grande Heroe refere a lyra amada
De David nas palavras agitada.

I

Não canto, não, do arabico protento,
mpulso raro a tanta pena altiva;
Narrar da só, não levo por intento,
empre mortal, e sempre sucessiva;
A fenix não levanto o pensamento,
Nas luzes morta, se nas cinzas viva;
Uma ave canto de melhor memoria,
audades do ceu, da terra gloria.

Estrofe I. Todas as estancias deste poema até á XVII, clusivé, do canto IV, faltam no manuscripto d'Evora, que sem duvida o original de toda a obra.

II

Não canto, não, da parda imperiosa,
Que os segredos do sol apura ousada;
Da rainha das aves luminosa,
Já nas luzes de Apolo endeusada,
Da só entre as aladas magestosa
Que nos raios do Sol está sentada;
Canto de outra ave a melhor corôa,
Que como Serafim amante vôa.

III

Desse Orfeu entre as aves não relato
Os doces ecos, graças superiores;
O Anfião com asas não retrato,
Clarim da Aurora, musico das flores;
Da Filomena, aqui, cantar não trato,
De Progne zelos, de Tereo amores;
Não pinto, não, do rouxinol os quebros,
Que doutra ave melhor canto os requebros.

IV

Não canto, não, a doce despedida
Do arminho das aguas, em tal sorte,
Que tal se conhece o que é a vida,
Nos ultimos deliquios canta a morte;
Não narro, não, do cisne a despedida,
Sonora Parca, sim, no transe forte;
De ave canto, que traz em tanto afogo
O ar nas azas e na voz o fogo.

V

O papel nos suspiros mal seguro,
Que facil vôa, quando grave o prendo;
Mesclada a tinta com o pranto puro,
Que ao compasso dos ais vae correndo;
Tremula a mão no enigma escuro,
Que doce narro, quando amarga emprendo,
Assim começo: ai Ceus! e não me espanto,
Pois choro invejas, quando glorias canto.

VI

O murmuro das fontes já parado,
Ave canora sofra o canto rudo;
Das feras cale o espantoso brado,
O eco nos rochedos fique mudo;
O sol suspenda o carro descançado;
Até o leve ar pare sisudo;
Todos silencio porque canto grave
Vôos de um homem, suspensões de uma ave!

VII

Na ilustre Luzitanea generosa,
Credito das Nações, nunca aplaudido,
Sceptro de tanta coroa imperiosa,
Memória só de si, do mais olvido,
Fragua de tanta espada protentosa,
Mãe de tanto heroe esclarecido,
Que do Mundo assim é, porque me sôa,
A cabeça não foi, por ser a coroa.

VIII

Nesta, digo, de Europa ceu luzido,
De tantos astros divos ilustrado,
Que ao visinho afastou de competido,
E ao remoto chegou ao conquistado;
Da Africa o assombro mais temido,
Da America o dominio mais notado,
Que armada, e vista foi, visto seu fundo,
Mimo da terra, sim, raio do mundo.

IX

Nesta pois, de Tubal, pedra lavrada,
Nunca vencida, sempre vencedora,
Parca contra as Nações mais denudada,
Até no Indico mar a triunfadora;
Se algum dia de Roma só domada,
De Roma brava, não, Roma traidora,
Esteve assim, porém cantar não trato
Traições de Galba, glorias de Viriato.

X

Nesta pois, Luzitanea esclarecida,
Entre o Douro e o Minho cristalinos,
Que de prata e cristal tem guarnecida
Tanta esmeralda de louvores dinos,
Adonde tanta fabrica luzida
Se levanta soberba até aos signos,
Terra que foi, por sorte verdadeira
Do portuguez leão, côrte primeira;

XI

Leguas duas de Braga celebrada,
Que no Primaz de Espanha leva a gloria,
No ilustre Roxete laureada,
De tanta competencia com vitoria;
Uma só de Barcelos afastada,
Vila, que a excelsos duques dá memoria;
Mimo do Fauno, côrte de Napêa,
Jaz o Ayro nos braços de Amaltêa.

XII

Entre os dois rios, pois, o Ayro ameno
Para tanto prodigio destinado,
No verde alegre, se no ar sereno,
No protento mais raro endeusado;
Promontorio de amor, alto terreno,
De tantos visto, por um só notado,
Monte, que do Tabor tomou a gloria,
De Heroe a chama, só de si a historia.

XIII

O pé lhe lava o Prado cristalino,
Campo no nome, rio na entidade,
E ali vae murmurando de continuo,
Da flor o ser, da rosa a vaedade;
Espelho é da manhã ao nacar fino,
Na tarde desengano a persuade:
Torno a dizer que o prado ao pé lhe ata
Fivela de cristal, cinta de prata.

XIV

Do monte veste abril a formosura,
Côrte de rosas, teia de açucena;
Bramido ali não ha, de fera dura,
O canto, sim, da doce filomena;
Aos suspiros do ar a flor segura,
Não dobra folha na manhã serena;
Se Jove fôra Deus, qual se reveste,
Dera por este verde o seu celeste.

XV

Ali, toda a bonina foi mimosa,
Não ha rustica flor, toda é polida;
Nenhuma tem inveja, não, da Rosa,
Ela a purpura rompe de sentida;
O monte, que de gala tão vistosa
Se vê, levanta a pompa presumida;
E Narciso do rio, que o adora,
Ao cristal de si mesmo se enamora.

XVI

Ali do manso rio no ruido,
Do eco no rochedo saudoso,
Da ave amorosa no cantar sentido,
Do zéfiro nas folhas belicoso;
Da solidão no pasmo enternecido
Sentem, porque até nestes é forçoso,
Aos suspiros do ar, aos quebros da agua,
Saudade as feras, os penhascos magua.

XVII

O sol, que nas esferas cristalinas
Descança de seu curso prolongado,
Na morada no monte das boninas
Quiz seu leito fazer de alto colado;
E embuçado no verde das cortinas
Ja parava nas flores reclinado;
Porém bramou o mar, e a ninfa pura,
Embargos lhe deitou, que esposo a jura.

XVIII

Ilustre emporio a Bento sacrifica
A devoção aqui de ardente flama,
E nas altas paredes, que edifica,
As luzes mostra da amorosa chama;
Com piedade e grandeza o reedifica
O grão Viegas, novo Heroe de fama,
E um sacrario tal, se bem se apura,
Veste sagrada noite a estrela pura.

XIX

De Salvador, o nome incompetido
A' casa dão, que a deixa mais ilustre,
Donde os filhos de Bento esclarecido,
Nem o tempo recêam que a deslustre.
Porém este, que vario se ha vestido,
O dominio mudou, e não o lustre,
Porque se hontem de Bento a viu o Minho,
Hoje de aguias azues é alto ninho.

XX

Um Bento em cada monge se admirava,
Porque em todos o santo ali se via;
E aquele sol, que singular estava,
Em cada resplendor aparecia;
E como a perfeição o retratava,
Um Ceu cada bosquejo parecia,
Pois de Bento divino, de quem trato,
Menos que o ceu, não pode ser retrato.

XXI

Estava o rendimento tão constante
Neste, da perfeição, lugar sagrado,
Que o aceno, não mais do dominante,
Era a operação do dominado.
O alvedrio, no nascer reinante,
Escravo fica aqui de amor ferrado;
E a vontade, que em nenhum se via,
Só servia de amar, por isso ardia!

XXII

De seu silencio, aqui narrar aspiro,
Porque só se atreveu a seu sagrado
Os afogos de amor com um suspiro,
Os soluços da dor, com um cuidado;
A mesma solidão, em seu retiro,
As lições do silencio lhe ha tomado,
Parecendo os varões, em tanta calma,
Almas de pedra não, — pedras cem alma!

XXIII

Ali, quasi de amor só se via
Que a doçura do amor os sustentava:
No grosseiro alimento bem morria
Quem no licor divino bem durava;
E houve algum, que ao preceito que atendia,
Até bruta raiz escaceava,
Trazendo estes extremos, por efeito
Palida face e abrazado peito.

XXIV

Penitente ruido estremecia
A penha, que vestia de dureza;
A penha com os ecos não podia,
Podendo com os golpes a fineza!
De coral a esmeralda se vestia,
Admirada das selvas a aspereza;
E na guerra do amor, que em sangue o banha,
O campo se passou a ser campanha!

XXV

Entre as puras estrelas sol se via:
Estactico varão, que as dominava,
Abade no convento, as presidia,
O sol no Ceu do monte, as ilustrava!
Portuguez, na Nação em tal valia,
Quem duvída que o ser, lustre lhe dava?
Lucio na Patria, Pedro no renome,
Que a tão grande varão, tão grande nome.

XXVI

Neste ilustre Moisés contemplativo,
Todos a perfeição, creio, estudavam;
Porque de seu exemplo sempre vivo,
As virtudes aos mais se derivavam;
No fogo de seu peito nunca esquivo
Liam lições de amor, que praticavam;
Que de amor, na sciencia em tanta chama,
Não ensina quem sabe, mas quem ama!

XXVII

Ao golpe do rigor, diamante estava!
No sofrimento, bronze parecia;
No silencio, qual pedra se portava,
Na abstinencia, invivente se atendia;
No olhar, que sem vista se admirava,
No ouvir, qual sem alma se advertia,
Parecendo o varão, a quem retrato,
Homem na essencia, sim, penha no trato!

XXVIII

As memorias do Empirêo saudosas
Seu doce pensamento suspendiam,
Donde tantas ideias luminosas,
Logradas, um instante pareciam.
Nestas graves ideias amorosas
Os amantes cuidados se prendiam,
Adonde remontado, o pensamento,
Param fogo, se voava vento!

XXIX

— Doce gloria, dizia, Patria amada,
(Absorto nas esferas diamantinas);
— Vejam-te já meus olhos decifrada,
Este celeste corre das cortinas;
Mostra-me um dia a vista desejada,
E logo esconde as luzes zafirinas;
Largo tempo, ha, suspiro esta alegria,
Oh, quantos anos que me custa um dia!

XXX

Mostra-me gloria, num amado ausente,
Que é rigor, té das penhas admirado.
Que o que para o afecto está presente,
Esteja para a vista retirado!
Todo o ser de seu ser faze patente,
Corre o veu celestial a meu cuidado,
Que pois posso de amor em taes verdades,
Não me quero morrer de saudades.

XXXI

Se é o amado, por razão, sabida,
Do amante alma e vida por mais palma,
— Qual a alma estará sem ver a vida?
Qual a vida estará sem ver a alma?
A alma, sim, da vida dividida,
A vida separada em tanta calma;
O' amor, ó saudade, ou mal esquivo,
Dize, — sem alma e vida, como vivo?!...

XXXII

O' rosas da constante primavera,
O' luzes da alegria não diurna,
Umas, que a eternidade lhe dá éra,
Outras, nenhuma sombra lhe dá furna;
O' fogo, que ao amor tens por esfera,
O' sol, que nem ao mar terás por urna,
Mostra-me nesse imperio remontado,
Quem — luz, fragancia e vida — te ha dado?!

XXXIII

Coração, que teu mal, penando intimas,
Olhos, que vendo sombras luzes credes,
Ausente de teu bem, para que animas,
Sem ver a quem quereis, para que vedes?!
Afogado no pranto, te lastimas,
No fogo daes corrente a tantas sedes!
Ai! que abrazam o monte, em tais abrolhos,
Agua do coração, fogo dos olhos!...

XXXIV

O' tu, que ouves da ave a melodia,
O' tu, que vês da flor a formosura,
Tu, que do sol reparas a alegria,
Tu, que do campo louvas a verdura;
Tu, que do ouro esimas a valia,
Sabe, que essa que tens por graça pura,
Se á gloria de meu bem for comparada,
Tudo é flor, tudo sombra, tudo nada!

XXXV

Se ante ti, formosura sempiterna
Dizem ser a constante eternidade,
Qual o dia de hontem, sendo eterna,
Como a gloria será dessa deidade;
O dia que passou a gloria interna
O dia que já foi, a firme idade!
Que dizes rei David, como ha podido
Ser a gloria que é. dia que ha sido?!...

XXXVI

Dias mil pelo eterno figurados,
A um só dia de glorias reduzidos!
E esse dia, o que foi fortes cuidados,
E essa gloria, a que é duros sentidos!...
Arpista soberano, decifrados
Me sejam teus enigmas escondidos,
Como gloria subtil, nessas alturas,
Instante passas quando eterna duras?!...

XXXVII

Mas ó gloria de amor incompetida,
Quem ousou a expremir-te, não acabe!
Como no coração terá cabida
O que no coração dizem não cabe?!
Olhos não podem ver a luz subida,
Ouvidos de teus ecos nada sabe...
Quando em teus braços, me verei, constantes,
Logrando seculos e contando instantes?!

XXXVIII

Assim o Santo Abade em taes memorias,
Nas ideias celestes abstraido,
Chorava penas, suspirava glorias,
O sentimento vê, perde o sentido!
E saindo a um pensil, donde as vanglorias
De Flora debuxava o mais florido,
Suave ouviu, mas fique por espanto
O prodigio maíor para outro canto!

CANTO SEGUNDO

Sae o Ilustre Pedro ao campo grave;
Amor o leva e o suspende uma ave.

I

Não de fogo voraz, ardente chama,
Que a introduzir-se eterna acende a ave,
Não da propria reliquia, que da flama
Filha materna a faz em trance grave;
Não do lenho aromatico, que a chama
Sendo pira cruel, berço suave,
O Fenix dos Planetas sae luzente,
Sim, da caverna undosa fogo ardente,

II

Fenix do mar, Apolo renascia,
Que já Flora de Tetis murmurava;
A flor nos resplendores se luzia,
A perola na dor se congelava,
A ninfa por prendê-lo em tal profia,
O canto da serêa provocava;
Mas já o carro posto, do profundo,
Saiu o carro a passear o mundo.

III

A aurora enxuga o pranto enternecido,
A fera deixa a gruta pavorosa,
A ave vôa ao vale apetecido,
Do leito de esmeralda sae a rosa.
A rez torna da relva ao mais provido,
O rustico á tarefa proveitosa;
A ave, flor, homem, bruto, na alvorada
Saudavam do sol a madrugada.

IV

Correu o veu opaco noite escura
Ao bastidor florido de Amaltea,
Donde Flora debuxa á sombra impura
Quanto a Aurora descobre á luz febea.
Diana só deixou sua figura
Na açucena, das flores pura deia;
Já Apolo, que na luz a sombra sorbe,
Já prodigo de si, dourava o orbe.

V

Quando o ilustre varão, que sucessivo
Nos altos pensamentos remontado,
O claustro deixa absorto, e discursivo
Busca o campo de assombro iluminado,
E ali, quando da gloria o bem altivo,
Era lida fatal de seu cuidado,
Suave o convidou o grave canto
De peregrino ser, luzido encanto.

VI

Olhou, e viu a portentosa ave,
Negra na cor, angelica no canto,
Aos olhos pareceu melro suave,
Aos ouvidos soou sublime encanto;
A alta melodia, o metro grave,
Não lograda outra vez foi raro espanto;
O homem no Paiz que a ave encerra
O suspeitava ceu, pisando terra.

VII

Passeava do ar a esfera pura
A ave peregrina sem receio;
O ilustre Pedro cheio de doçura
Segue com passo lento o caro enleio;
Já vôa, já se pára, já o apura,
Sem que ao suave metro ponha freio;
Porém ela voava, ele corria,
Quando amor suas asas lhe oferecia.

VIII

Por detê-la o amante em tal intento,
Vendo-a de rosa em rosa e rama em rama;
Quando alargava a mão, prendia o vento,
Porém, já nos suspiros solta a chama.
Aligeira o fogoso movimento,
Que asas de fogo lhe vae dando a flama;
E ancioso disse, já, no do canto grave:
— Que me levas a vida; tem-te ave!...

IX

Uma foge, outro segue em tanta lida
Até pensil terreno, e emboscado,
Que do convento é cerca florida,
Donde o cravo, da rosa enamorado,
Do rouxinol com zelos perde a vida.
Aqui parou da ave o remontado
Com que o lugar de Flora mais reverde,
Se hontem foi campo azul, hoje ceu verde.

X

Fez alto em um pinheiro levantado,
Soberbo trono já ditoso ninho,
Para o maior prodigio destinado,
Que o orbe todo viu, não só o Minho.
Com razão no tal lance transmutado
O cedro se trocara pelo pinho,
E o loureiro que olhava tanta gloria,
Logo inveja ficou, se antes victoria.

XI

As arvores do pinho engrandecido,
Invejavam a dita com efeito;
Té o bronze do campo competido
Te rompe na paixão já imperfeito.
Em pedaços se faz o endurecido,
Que invejas, té os robles tem desfeito!
Tambem a palma disse em tanta calma:
— Como se palma sou, não levo a palma? —

XII

O sicomoro sempre venerado
Na emulação, dizia, já notoria:
— Como este dia a gloria me ha voado;
Se algum dia de mim se viu a gloria?!
O fúnnbre cipreste encapotado
Mais triste se ficou sem a vangloria;
Só a sacra oliveira nunca esquiva,
Olhando para o pinho, disse viva.

XIII

As filhas de Amaltea primorosas
Para alcatifa todas se ofereciam,
Do peregrino pé ambiciosas
O florido tapete já teciam.
As silvas por prendê-la cavilosas
Gaiola de esmeralda lhe faziam.
E a rosa, que rainha a tudo estava
Com trono de coral a convidava.

XIV

Porém, a ave, no pinheiro indino,
Continua a celeste melodia;
E ao metro angelical, canto divino,
O monte se moveu com alegria.
Ficou suspenso o ar; ó caso dino!
As fontes já não correm com profia
E ao peregrino canto que ali sôa,
Param os rios quando Pedro vôa.

XV

Da musica do mar, o doce canto
Que penetrando tanta esfera pura,
Começa admiração, acaba encanto,
Cresce perigo; sim, nasce doçura.
D e aquela voz, iman em caso tanto;
Que incauto lenho atrae na brandura,
Não direi que semelho o canto grave,
Que a sereia é do mar, do ceu a ave.

XVI

Do musico de Tracia, celebrado,
Cuja voz, entre as sombras sempiternas,
De Plutão suspendeu o decretado,
Soube abrandar as avernaes cavernas:
Do rouxinol do mar sempre admirado,
Comparado a glorias tão internas;
Ainda a ser verdade, se te assombra,
Orfeu e Anfiam ficarão sombra.

XVII

Do melhor rei, a citara canora
A que eternos amores se cantavam,
Em cuja melodia, por sonora;
As ninfas de Judea se elevavam,
Esta, que na memoria sempre mora,
Desta ave nos portentos olvidavam;
Porque com maior gloria nos convida,
Que a arpa de David, de Saul vida.

XVIII

Deste instrumento, pois, a harmonia,
Do Orfe melode o admirado;
Da suave sereia a melodia,
Da filomena o quebro enamorado.
De alto coro a voz de mais valia,
De mão subtil o toque delicado,
São vistas da nossa ave com o canto,
Rouca voz, eco torpe, triste pranto!

XIX

Ao tenro portuguez qual deixariam
Os divinos acentos, que soavam...
De um doce coração que não fariam,
Quando duros penedos abrandavam?!...
Nos amantes excessos já feriam,
Nas soberanas glorias já curavam;
Pouco a pouco o varão, bebendo alentos,
Os sentidos perdeu no sentimentos!..,

XX

A memoria calava seus ruidos,
O pensamento em ocio se passava;
Os cuidados ficaram suspendidos,
Vaga imaginação calada estava!
Em pasmo, toda a esfera dos sentidos,
Só a vontade activa se portava;
E como o fogo tal materia via,
Arderia; ai amor! e quanto ardia?!...

XXI

A alta inteligencia soberana
Pouco a pouco subindo á gloria dina,
Transcendeu sobre si, que estava humana;
E no colmo da luz ficou divina.
Bem assim como a alva quando mana
Brando albor desde a esfera zafirina,
Luz a luz e levando a melhor hora
Se transforma a ser sol, nascendo aurora.

XXII

O corpo sobre as flores peregrinas,
A alma sobre as luzes sempre belas,
Ele estatico está sobre as boninas,
Ela absorta se vê sobre as estrelas.
Um passêa as esferas diamantinas,
Outro jaz de Almatea sobre as telas;
Separados, e unidos em tal calma,
Não sabe o corpo do que logra a alma.

XXIII

Bebia na torrente soberano,
Com que o Profeta brinda aos peregrinos;
Ali se via estar o Sêr humano
Hidropico dos nectares divinos.
Padecendo na posse sem engano,
Ardente sede de desejos finos;
Donde tempo crescido, instante breve;
Em fogo paga, quanto em glorias bebe.

XXIV

Nos divinos escuros engolfado,
Com quem ficam as luzes inferiores,
Ao mais intimo arquivo retirado
Donde se deixa ver o deus de amores;
Ali, gosta, ditoso convidado,
O suave convite de amadores;
E pelo licor doce, que continha,
Digo, que do pinhal sobiu á vinha.

XXV

Neste mar de doçuras se engolfava,
Donde as enchentes são impetuosas;
Ali maré de rosas navegava,
Porque é maré de amor, maré de rosas!
O ar que nele, brando se assoprava
Respirações de amor são, amorosas:
Assim, que ao alto norte estando atento,
Um amor se bebia em cada alento.

XXVI

Nas altas, soberanas eminencias,
Por raro excesso do favor divino,
Logrou de cidadão as preheminencias,
Estando ainda na via peregrino.
Nesta esfera de altas excelencias
O fez amor de seus paizes dino,
Onde, sem espreitar o pé do gado,
Tantas sestas passou com seu amado.

XXVII

As rosas e maçãs de Dorotêa,
Mimos do Paraizo, superiores,
De quem a mesma Flora e Amaltea
Debuxo não tirou com seus primores;
Pedro não invejou em tal ideia,
Se algum dia pediu maçãs e flores;
Que ali na diferença mais formosas,
Teve as mesmas maçãs e as proprias rosas.

XXVIII

De Paulo, que se viu arrebatado,
Da esmeralda ao Zafir em um repente;
Da Magdalena, que por seu amado
Sete excessos no dia vôa ardente;
De Estevam, que o Ceu vê desembuçado,
E Pedro, que inveja não consente,
Porque saibam que aqui a tal se atrevam,
Vio o que Paulo, Magdalena, Estevam!

XXIX

Vio repousando as glorias desejadas,
Do Peregrino aos olhos, escondidas,
De muitos, por clemencia, bem logradas,
De poucos, por valor, bem merecidas.
De um vôo sobre as luzes endeusadas,
Dias tantos, por outros, pretendidas,
E ali descança como morto vivo,
Já no peito de amor, já no arquivo!

XXX

Tu, Prado, cujo intrepido ruido
Para lima das pedras se desata,
Pára um pouco, te peço, adormecido,
Se é que o mesmo prodigio te não ata!
Manso, sereno, quasi não sentido,
Toca suave a citara de prata;
Suspende o passo, ó rio, a teus rumores,
Que descança o amor, sobre estas flores!

XXXI

O' tu fonte, que tersa e cristalina,
Os incendios do sol matar procuras,
Adonde a bela ninfa peregrina
Solio tem nos cristaes das aguas puras;
Tu, que toda a montanha disto indina,
Tantas contas lhe dás do que murmuras,
Prende a lingua de prata, põe-lhe medo,
Porque de amor não rompas o segredo.

XXXII

Calae, aves, o canto requebrado,
Deixae livre o afecto sucessivo,
Prendei tambem o vôo remontado,
Que é o bater das asas som esquivo.
Olhae, que um portuguez enamorado
Descança á sombra de seu bem altivo!
Calae, guardae-lhe o sono com segredo,
Que o mesmo amor, na boca põe o medo!

XXXIII

Ares mais brandos, zéfiros briosos,
Mais suaves chegae, menos sentidos,
Não sopreis sobre as arvores ruidosos,
Suspirae sobre a flor adormecidos.
Não admitaes os Euros estrondosos,
Chamae, só os favonios suspendidos;
Manso, que este que jaz, assim o tomem,
Dormido é serafim, desperto — homem!

XXXIV

O' tu fera, que tens tua caverna
Visinha ao pinheiro esclarecido,
Sofre um pouco, te peço, a furia interna,
Cala agora sagaz o teu bramido.
Ruja só o leão da gruta averna,
Do homem no ciume embravecido;
Tu fera sorve — o espantoso brado,
Que descança o amor com seu amado.

XXXV

Tu cordeiro do campo arminho puro,
Que neste vale, de matiz vestido,
Da fonte bebes o cristal seguro,
E da flos pizas o viver mentido;
Ainda que o pastor te deixe duro,
Peço-te ó manso, que não dês bramido,
Emquanto neste monte vires grave,
Dormindo um homem, e cantando uma ave.

XXXVI

Ó tu, simples pastor, que sem cuidado
Passeias este vale, alegremente,
E o bem de tua sorte, celebrado,
Vaes cantando, de magoas inocente,
Deixa já de um salgueiro pendurado
O rustico instrumento, de repente;
Cala, porque respeite em tal espanto
O canto humano, este sonoro canto!

XXXVII

Tu, das flores Cupido, abelha esquiva,
Que empregas na bonina a seta dura,
Pagando-lhe em rigor, qual fera altiva,
Quanto, ingrata, lhe bebes em doçura,
Silencio teu sussurro; já não viva;
Que este homem que vês, de graça pura,
Passa um sono, ó deliquio endeusado,
Mais suave que o mel que has fabricado!

XXXVIII

Tu, dos planetas rei, Febo luzente,
Se respectivo a face endeusada,
Dissimula com ela a ira ardente,
Só no frio da sombra, declinada;
E para que a nenhum seja patente,
Cega no raio puro a vista ousada;
Porque o segredo que é na luz perdido,
Aqui no mesmo sol fique escondido.

XXXIX

O' tu, Diana; cujos puros raios,
Do sol emulação em tais candores,
Influem no jasmim brandos desmaios,
Á açucena lhe dão tersos candores;
Se acaso lince humano em tais ensaios
Quizer ver os segredos superiores,
Porque até das estrelas os encubras,
Pede á noite uma sombra com que os cubras.

XL

Tudo silencio, neste monte estavel,
Que dos humanos vale o mais ditoso,
Por decreto de amor, sempre admiravel,
Jaz peregrino, e gosa luminoso.
De uma avesinha a voz (caso notavel)
Estatico ficou (lance espantoso)
E tempo esteve assim, porém o quanto,
Com assombro dirá terceiro canto!

CANTO TERCEIRO

Refere o pranto amargo enternecido,
Pelo Abade buscado e não perdido.

I

Aquele riso precursor do dia,
Entre pardo candor de graça pura,
Adonde a ave estuda a melodia,
Adonde a flor compõe a formosura,
Vaticinio suave da alegria,
Nuncio da luz oposto á noite escura,
O riso da alva, de quem falo agora,
Transformado nas lagrimas da aurora.

II

Aquele pranto, aljôfares, vertido,
Que bebe o sol em púcaros de rosa,
Perolas com que a flor borda o vestido,
Grão de cristal á ave calorosa;
Mimo do campo, chuva sem ruido,
Nectar de que Apolo ao sair gosa;
Da aurora digo o pranto celebrado,
A quem o sol enxuga enamorado.

III

Aquelas horas, em que o raio ardente
Ao Etiope a côr queima vibrante,
Ostenta do seu fogo o mais ardente,
De sua luz intima, o mais brilhante;
Fogueira em que se abrasa o mar potente,
Braseiro em que sei queima a flor fragante;
Do tempo em que o sol arde, aqui converso,
Servindo-lhe de lenha o universo.

IV

Aquela divisão do sol e a sombra
Que a tocar dois extremos aparece,
Pois ao nascer, na luz se desassombra,
E ao acabar, na noite se entristece;
Aquela, que entre parda não assombra,
E ao mundo apaga a tocha quando cresce;
Da tarde falo aqui, da tarde fria,
A ultima estação do claro dia.

V

Aquela escura, alguma vez formosa,
Imperio de Morfeu sonolento;
Suspensão da tarefa ruidosa
E pausa do inquieto pensamento;
Silencio universal, sombra mimosa,
Mata luz no celeste firmamento;
Da noite falo, que talvez brilhante,
Se touca com estrelas de diamante.

VI

A aurora, o sol, a tarde, a noite escura,
Passou, indo em seu curso remontado,
Quando Pedro, ditoso em tal ventura,
Dos seus era querido e não achado.
Passa outro dia; o caso não se apura;
Dobra-se o tempo, incita-se o cuidado!
Ficando, com afronta do impossivel,
O que buscam, entre eles invisivel.

VII

Buscam logo do bosque o intrincado,
Averiguam da gruta o escondido,
Visitam do retiro o apartado,
Do povoado escutam o ruido;
Examinam da selva, o embuçado;
Do páramo encoberto o esquecido;
Porém, em tudo que a fadiga alcança,
Responde o desengano á esperança.

VIII

—Donde, amado pastor, estás, exclamam!
A teu triste rebanho quem te esconde?!...
Que ás clamorosas vozes, que te chamam,
O eco nos rochedos só responde!
Reciproco aos afectos que te amam
Adonde estás, declara, dize, adonde?!...
Se as entranhas das pedras te são brenhas,
As lagrimas quebrantam té as penhas!

IX

Adonde vás, de nossos passos — guia,
Já tropeços serão em noite escura?
Que nuvem rebuçou nossa alegria?
Que pedra sepultou nossa ventura?
Se foges do amor, á companhia,
Cremos, que vás buscar a fera dura;
Torna, que desmaiamos nesta esfera,
Não troques as entranhas com a fera.

X

Que desvio, te obriga rigoroso,
A deixar teu imperio dominante?
Que páramo te chama caviloso
A apurar finezas inconstante?
Se a solidão tu buscas vigoroso,
Para suspiros de teu peito amante,
Torna, que aqui, já tens, e com verdade,
Val de suspiros, monte de saudade!

XI

Torna a face serena e desejada,
Que em precioso candor talvez abunda,
Do natural verdor antes rosada,
Do buscado rigor já pudibunda;
No penitente golpe desmaiada;
No amoroso excesso rubicunda;
Torna, amado pastor, a face amante,
Que a luz se nos esconde em teu semblante.

XII

Adonde vás? nos dize sem cuidado,
Que não te encontrem, sim, porque é forçoso
De nosso pranto o curso desatado,
De nossos ais o vento saudoso!
Agua e vento farão, sendo admirado,
O caminho, em taes passos, perigoso
Com que o nosso clamor, que se acrescenta,
Tornarás, obrigado da tormenta!

XIII

Se foges nossos erros ofendido,
Vendo que tua luz não persuade,
Sabe que do edificio mais sentido
E' dobrado castigo a saudade.
Se de perdida ovelha vaes ferido,
Por não veres seus deslises com verdade,
Olha que o bom pastor em taes assombros,
Não as costas lhe dá, senão os hombros!

XIV

Se desertas Tebaidas, por milhores
Com teu rapto impensado solicitas,
Dize, em que neste monte teus rigores
Desdizem dos Macarios e Estilitas?
As finezas fataes de teus amores
Nestas penhas com sangue estão escritas;
Torna, que a tal exemplo te descudas,
Se não mudas de amor, para que mudas?

XV

Não ha ja neste monte penha dura,
Em seu verde não vê planta florida,
A penha, a nosso pranto tem brandura,
A flor, a taes suspiros não tem vida!
Os rochedos se vestem de ternura,
A montanha se despe de florida,
Deixando, no rigor, com que os desdenhas,
Mustias boninas, e quebradas penhas.

XVI

A que Carih e Horé corres fogoso?
Que Jesabel te busca pavorosa?
Que idolatra te segue rigoroso?
Que Samaria te assusta belicosa?
Que Baal te desgosta mentiroso?
Que Achale, dize, com alma cavilosa?
Mas ai, que eles, sem razão te enoges,
Do odio fazem só, tu do amor foges!

XVII

Altos montes, que ao Ceu tocaes ousados,
Dos primores Gigantes persuadidos;
Serras, cujos penedos levantados,
Estão nas pardas nuvens escondidos;
As soberbas cabeças inclinados,
Abaixae, de piedade convencidos,
Que não é razão se veja seu horizonte
Incorrer na pena de Faëtonte!

XVIII

Asperas silvas, que os desdens das rosas
Fomentaes, na esperança pensativas;
Héras, que nos enlaços amorosas
Os corações unis, nisto excessivas;
Sarças, que em melhor monte e tão mimosas,
Ardentes, imortaes, que sempre vivas,
Todas prendei em vossos embaraços
Quem a vida nos leva nos seus passos!..

XIX

Opaca gruta, que na terra dura
As lobregas entranhas examinas;
Quebrada penha, que na fenda escura
Segredos guardas, por deixar ruinas;
Serrado bosque, que á bonina pura
No ciume do sol corres cortinas,
Descobri vossos seios recatados,
Por se entranhaes em vós, nossos cuidados.

XX

Solidos Êrmos, vós, do mundo olvidos,
Saudades do Ceu nunca contrarias,
Páramos brutos de rigor vestidos,
Pisados só, de planta, temerarias;
Verdes desertos, que, desconhecidos,
Côrte sois de finezas solitarias,
Dizei, se em vossa dura soledade
Se esconde vossa branda saudade?!

XXI

Sagrados mares, cuja esféra pura
E' espelho do Ceu, do sol mortalha;
Constantes rochas, que á profia dura
Daes resistencia quando daes batalha;
Isentas ninfas, cuja formosura
Prende no belo, no esquivo atalha,
Dizei, se a vós correu, porque se cobre
Uma alma rica sôbre um lenho pobre?!

XXII

Famintas feras, de rigor horrivel,
Sanhas do monte, do paiz ruidos;
Vorazes, brutos, de pavor terrivel,
Ira da selva, do pensil bramidos;
Dizei, porque á crueldade tudo é crivel,
Se este, que fomentou nossos gemidos,
Dizei, ai dor! se em tanta desventura
Tem em vossas entranhas sepultura?!

XXIII

Altivos Ceus, a quem a glória dina
Se encerra da Deidade derivada;
Celeste esféra, em quem a luz divina
Arde imortal e vive endeusada,
Centro de amor, adonde se examina
A fineza no logro equivocada,
Dizei, se em vossa suma de beleza
E' alegria quem nos dá tristeza?!...

XXIV

Serras, montes, penhascos invenciveis,
Selvas, matas e bosques espinhosos,
Campos, prados e vales aprazíveis,
Grutas desertas, êrmos espantosos;
Féras, brutos, e monstros insofriveis,
Fontes, rios, e mares caudalosos,
Este, que chama nosso rouco brado,
Dizei, se por vós outros ha passado?!...

XXV

Assim, a amarga dor, o triste pranto,
Os monges saudosos lamentavam,
Quando de seus suspiros, por espanto,
Os écos nos rochedos abrandavam.
Estes ais maguados, com quebranto
As correntes prendiam, se voavam;
E pára para ouvir a pena dura,
Ave leve, ar lígeiro e fonte pura.

XXVI

Passados da esperança largos dias,
Em um do desengano triste e claro,
Vendo inutil tarefa de profias
A descobrir o escondido caro;
Mitigando da dor as demasias,
Todos resolvem, por buscar reparo,
A eleger um varão de tanto fundo,
Que possa substituir um seu segundo.

XXVII

Substituto da Estrela suspirada
Exaltam um varão em tudo dino,
Nas obras de pureza requintada,
Nos pensamentos de fervor divino,
Sublime a perfeição já levantada,
Prudente, justo, amavel e benino,
Porém, se entre os maiores excedia,
Com o nosso Heroe menor se via.

XXVIII

Este brando juiz em tal valia,
Completos de seus dias o reinante,
No sucessor, qual Fenix renascia,
Ficando seu dominio assim constante.
Até que o nosso Pedro em grave dia
Fez patente o prodigio relevante,
Quando já sepultava seu talento
A caverna fatal do esquecimento!

CANTO QUARTO

Pedro, que no excesso arrebatado
Torna a si, e acha tudo transformado.

I

O relogio fatal que nunca pára,
A ave mais veloz que sempre vôa,
O mostrador fiel que tudo aclara,
Vento que sempre corre e nunca sôa;
A carreira incansável, nunca avara,
Raio, que sempre passa e nunca atrôa;
Do inconstante vôo fala o verso,
Principio, meio e fim do Universo.

II

O medico maior, que tudo cura,
A traça, sim, mordaz, que tudo estroe,
Fogo lento e voraz que tudo apura,
A roda universal que tudo móe.
A tarefa tenaz que sempre dura,
A lima surda, sim, que sempre roe;
Falo aqui de tezouro incompetido,
De algum ganhado, se dos mais perdido.

III

Passou, passou o tempo destinado,
Decretado na mente soberana,
Os dias, em que amor sempre admirado,
Arrebatou a si a essencia humana.
As horas em que um vôo remontado
Na eminencia da luz, se desengana,
Passaram pois, para memória o tomem,
Voou a ave e acordou o homem.

IV

O cherúbico Pedro, que elevado
Deixamos só, de uma ave suspendido,
Digo que em si tornou, quando assombrado
Tinha ao mais bruto tronco seu olvido.
O mesmo Ceu, nos eixos, de admirado,
Chegou a estremecer-se, sem ruido,
Vendo de amor, no fogo, em tanta calma,
Vivendo a vida e ardendo a alma!

V

Qual ficaria o homem luminoso,
Já dos raros segrêdos despedido,
Da posse das memórias ancioso,
Dos afectos de amor enardecido;
Ficou como sem alma, saudoso,
Ficou como sem luz, entrestecido!
Ficou, em fim, que tudo aqui se encerra,
Como quem viu o Ceu, e vê a terra!

VI

— Amor, amor, dizia, suspirando,
Sendo a esféra do ar a esféra ardente;
Amor, torna a dizer, aqui ficando,
Que não passa de amor, quem amor sente.
Amor, (diz) que feriste e vaes voando;
Amor (diz) que gostei de tua enchente;
Amor, torna a dizer (aqui fez pausa,
Pois de tudo o que sente, amor é causa!).

VII

Ó doce manhã (diz), ó breve hora,
Que rápida no tempo te passaste!
Ó instantaneo albôr, suave aurora,
E como sò no pranto te deixaste?!...
Ó sol, adonde a luz eterna mora,
E como só no fogo te ficaste?!
Ó aurora, ó manhã, ó sol, ó dia!
Adonde se escondeu minha alegria?!...

VIII

Ai amor, lenho fui a teus ardores,
Como vivi na chama, tal admiro!
Ó que breves me foram teus favores,
Pois na glória passaram por suspiro!
No arquivo imortal de teus amores
Agora respirei, e já respiro!
Aqui ficou o homem, tal estava,
Que em seus mesmos alentos se abrasava!

IX

A face rubicunda e abrasada,
Os olhos de uma graça refulgente,
A acção, no insocêgo acelerada,
Na admiração a lingua balbuciente!
A voz já nos suspiros sofucada,
Trémulo o coração na chama ardente,
Parecia o varão em tanto afogo
Ao que notou João *Homem de fogo!*

X

Respirando, pois, fogo por alentos,
Vertendo, pois, incendios por ternezas,
Expressando só ais por sentimentos,
Reprimindo saudades por finezas,
Parando em suspensões por movimentos,
Voando por afecto em subtilezas,
Transformando em amor toda a bonina,
Ao proprio domicilio se destina.

XI

Mais em si, porem sempre em seus amores,
A pouco espaço do pensil pisado,
Transmutadas notou plantas e flores,
Não só na condição da flor mudado.
A arvore silvestre, em taes primores,
Já na mimosa planta se ha trocado;
O que antes campo foi de sarça irosa,
Ali côrte admirou de branda rosa.

XII

A tosca fonte, que nas rochas duras,
Da natureza as graças conservava,
Notou, e viu, que já nas aguas puras
As soberbas da arte retratava!
Hontem, na simples pedra com lisura,
Hoje, a si mesma, espelho se enfeitava;
Achou, pois, todo outro o horizonte,
Em pedra, em bosque, em planta, em flor, em fonte!

XIII

A apurar do enigma a novidade,
Apressa o movimento mal seguro;
E ao campo, que deixou, com liberdade,
Cingido encontra com prisão de muro.
Regista com a vista a novidade
Do verde horto, no assombro escuro,
Na confusão, que tal encanto esconde,
Se pergunta a si mesmo, e não responde!

XIV

Do sacro domicilio á porta pára,
A quem tambem a novidade tira;
Ao duro golpe que chamou, repara
Acudir um varão que nunca vira!
— Quem sois? lhe perguntou, por cousa rara;
A dúvida em tal lance, Pedro admira:
— Vosso abade; (responde) é dissonante,
Diz, porque em casa está meu dominante!...

XV

Resiste o monge; aqui, Pedro profia;
E já que cuidadoso, mais repara,
Nomeia-os, porque chame em tal valia,
Alguns do que na casa antes deixara;
Responde, aqui, que nela não havia
Taes nomes... o enigma não se aclara;
Já navegam os dous em tal encanto,
Nuvens de confusão, mares de espanto!...

XVI

Da estranha profia á novidade
O monachal congresso acode unido,
Sem que ao santo varão (dura verdade)
Entre tantos um haja conhecido!...
Apura o que domina, a entidade
Do mistério admirado e não sabido;
O estático aqui, de assombro cheio,
Responde tôrpe á voz no raro enleio.

XVII

— Eu, Abade, lhe diz, e o nome exprime;
Saí daqui ao rir da alva pura,
E indo aos mimos de Flora a conduzir-me,
Uma ave me prendeu com a doçura;
Da doce voz não posso despedir-me,
Suspenso me fiquei, na tal ventura,
De um pinho ao pé, adonde a glória cabe,
O que passei, não sei, amor o sabe!...

XVIII

— Finalisou a aurora, acaba o canto.
Fazendo-me de custo á saudade;
Torno a casa; acho tudo, com espanto,
Transmutado de estranha novidade!
Em caos de confusão, ao raro encanto,
Submergido fiquei, na escuridade...
Vendo, que em poucas horas de tardança,
Correram tantas Éras de mudança!...

Estrofe XVII. Até esta estância, inclusivé, falta, desde o princípio do poema no *manuscrito de Evora;* o resto existe lá, salvo um pequeno intervalo. Seguiremos desta estância em diante pelo *manuscrito*, apontando as diferenças respectivas no volume de *A Preciosa*.

XIX

O monge que, abade, dominava,
Dispois de haver no caso praticado,
Mandou ver o arquivo que guardava
Éras e anos, dos que no passado
Abades foram, por se ali se achava
O que na admiração os tinha atado:
Lê e nota que esteve, (o amor brilha!),
Suspenso anos setenta, ó maravilha!...

XX

Ános setenta, digo, que em excesso
Examinou que esteve o homem raro
Quando sagrado assombro em tal sucesso
O claustro ocupa no deliquio caro.
De remontada pena, alto progresso
Se devia ao portento em tal reparo;
Setenta anos de rauto (caso incrivel)
A afronta maior do Impossivel!

XXI

Que dirá, dize, amor, a frase humana,
De teus poderes, porque o não atino;
Quando só tua mente soberana
Conseito formaria de ti dino?!
Que dirá, quando o metro desengana
Alto segredo do valor divino?!
Fala amor, fala aqui do excesso amado
De ti, que tens ao Ceu como pasmado!

XXII

Com um sopro, não mais, com um alento,
Arrebatas a terra á Esfera pura;
Com um aceno só, um movimento,
Te equivócas, amor, na creatura.
Fazes passar os anos por momento,
Sómente em uma gota de doçura!
— O' amor, ó amor, já te hei achado,
Pois em dizer amor, te hei esplicado!

XXIII

Mas como amor, se sei tua entidade,
Na admiracão presente fico mudo,
Não eras tu, aquela Imensidade
A quem medir não pode humano estudo?
Não eras tu, o Trino em unidade
Fogo, voz e poder, distinto tudo?
— Logo, que não fará poder que ama,
Verbo que sabe e amor que chama!

XXIV

Não eras tu, o que em teu proprio fogo
Sem principio *ab eterno*, amor, ardias,
Quando por exaltar-te em tanto afogo
Parece que em ti mesmo não cabias?
Não eras, o que já, por desafogo,
Querias demonstrar o que querias,
Deitado ao Caus, que para gloria o cremos,
Um *fiat* por principio dos extremos?

XXV

Como digo no lance aqui presente
Me admiro se no mais te hei meditado;
Não eras tu, a forca omnipotente
Que o Impossivel trazes transmudado?
Não és, o que esse Impirio transluzente
Com uma só palavra has fabricado
O que só, com um *fiat* que te agrada
Encheste o Caus, e adornaste o Nada?!

XXVI

Não eras tu, o que na Esfera irante
O Fogo em seus limites reportaste?
Não eras, digo, o que em poder constante
As Aguas, sim, das Aguas apartaste?
Não eras esse incendio fulminante
Que ardor nas mesmas Aguas passiaste?
Não és, o que fizeste, por mais palma
Do lodo — o Homem, do assopro — a Alma?

XXVII

Não eras, digo, o Raio que fulminas
Incendios no principio de ofendido?
Não eras o que ás portas diamantinas
Cadeado prendeste, incompetido?
O que a primeira côrte das boninas
Com querúbica guarda has defendido?
E quando, Raio, a culpa te disparas
Corres ferino, mas a muito, paras?

XXVIII

Não eras, torno, o que a remir ardente
Te arrojaste do Impirio sem mais guerra,
Medindo, só de um vôo impaciente
A distancia que vai do Ceu á terra?
Não eras o que gloria permanente
Ao vale dos gemidos se desterra
Adonde (porque amor é desatino)
Baixaste Deus para chorar menino!

XXIX

Não eras tu o que na humana Esfera,
No ambito terreno conculcaste?
Não eras o que aqui, sem mais espera,
As maravilhas no comum deixaste?
Não eras tu o que entre a turba fera
Pedras sofreste almas conquistate?
Como em memoria dizem, sempre estantes
Perfidias duras, lagrimas amantes?

Estrofe XXVIII. Em *A Preciosa:*

Não eras quem do Empyrio, fino amãte
Desceste, por remir ao homem em guerra,
Medindo só de hum voo *em hũ instãte*
A distancia, que vay do Ceo á terra?
Não eras o que *á gloria triumfante*
Deste vale subindo, o mal desterra,

XXX

Do Ceu admiração, da terra encanto,
Não eras amor, tu, o que assombroso,
Do abismo inveja, de ti proprio espanto
A excessivo passaste de extremoso
O que estreitar podeste em pasmo tanto
A um bocado a deidade protentoso,
Deixando o Deus e o Homem, se se apura,
Não só em união, mas em mistura?

XXXI

Não eras, ó amor, de alta classe,
O que sofreste a singular ferida,
Sem que tua fineza aqui deixasse
Uma gota de sangue á tua vida?
Não eras o que a afronta, por realce
Escolheu, na fineza pretendida
E assim fizeste (para pasmo o tomem!)
Morrer um Deus para viver um homem?!

XXXII

Não eras o que rompe veemente
O seio graço na caverna escura?
Não és o que quebraste em força ardente
O cadeado á lobrega clausura
Adonde te mostraste derrepente
Creador por resgaste á creatura,
Em teus triunfos levando, por mais palmas
Tantos trofeos quantas foram almas?

XXXIII

Não és o que em ti mesmo renasceste
Fenix divino na melhor aurora,
O que sobre as estrelas descendeste
Arvorando a bandeira triunfadora?
O que sobre o Zafir apareceste
Triunfante, com a turba vencedora,
Ficando sobre trono de diamante
Capitão, redemptor, senhor amante?

XXXIV

Não eras tu, o que no sólio divo
A terra com saudade olhaste logo,
E a ela te arrojaste, Raio vivo,
Queimando em linguas e falando em fogo?
O que fizeste que o teu Sêr altivo
Vozeou ruda voz em tanto afogo?
Não eras tu, mas calo em tal reparo;
Não eras Amor, tu, que é o mais raro?!

XXXV

Como me admiro, pois, se em caso tanto
Amor de maravilhas te hei notado
No excesso presente em que me espanto
Se nos excessos mais, te hei mediato?
Como absorto me fico neste encanto
Se prodigio a prodigio te hei contado?
Mas a dúvida, amor, tu proprio a tiras
Que sendo sempre o mesmo, sempre admiras.

XXXVI

Ante claro varão todos prostrados
Dispois do raro assombro digerido,
Rogam concordes, da razão levados,
Torne a ser seu abade esclarecido;
Insta mais eficaz nos congregados
O abade que estava obedecido;
Porem, Pedro, que só ao Ceu aspira
Os rogos ouve, o conceder retira.

XXXVII

— Meus dias, disse, já sobre o terreno
Breve tempo serão, como imagino;
Neste verde teatro, vale ameno;
Poucos sóis me vereis de peregrino;
Porque segundo estou, segundo peno;
Já morro, já fenêço, já termino
De aquela febre, que em ardente calma
Conforme a vida, quando anima a alma.

Estrofe XXXVI. Em *A Preciosa*:

Ante *o caro* Varão todos prostrados

XXXVIII

O breve termo de meu curto alento
Quero livre correr do pêzo grave,
Entregue só ao doce sentimento,
Em paz serena e em mansão suave;
Com que vossa porfia, a meu intento,
Não poderá vencer, por mais que cave;
E pois morro e suspeito que de amores,
Sómente me oferecei maçãs e flores.

XXXIX

As horas, que respiro brandamente,
Vivo eu, já não eu; tende notado
Que este vácuo que anima o sêr vivente,
Não de mim, mas de amor é ocupado!
Tomou em si a alma o fogo ardente
Havendo-a em seu incendio transformado
Com que possa dizer com Paulo divo:
O amor vive em mim, eu já não vivo.

Estrofe XXXVIII. Em *A Preciosa*.

Em paz serena e *quietação* suave:

Estrofe XXXIX. Em *A Preciosa*.

Com que posso dizer com Paulo *antico*,

XXXX

Nesta resolução desenganados,
Das ardentes palavras persuadidos,
As constantes razões de profiados,
Aos respeitos passaram de advertidos;
E na doce prisão de seus cuidados
Já a Pedro deixaram convencidos,
Doede o raro varão, (que tal estava!),
Agua gemia, fogo suspirava!...

CANTO QUINTO E ULTIMO

Acaba Pedro a vida em doce sorte,
E se faz venerar dispois da morte.

I

Nos doces braços do amor formoso;
Brando reclinatório de assucenas,
Donde toque suave, ar amoroso,
Recreio e insentivo era de penas,
No amante seio do querer ditoso
Descanço de boninas sempre amenas,
Pedro, que só de amor adoecia,
Bem amava, direi, e mal vivia.

II

Padecendo de amor a febre amante,
A sêde ardente do desejo amado,
A ferida da seta penetrante,
A grande dor de unido e separado,
As ancias de presente e de distante,
A poucos dias de seu raro achado,
Tocando se viu já, no transe forte,
Entre os extremos dous, de vida e morte!

Estrofe II. Desta estancia (inclusivé) até á VI, inclusivé, falta no *manuscripto d'Evora*.

III

Do divino alimento prevenido,
Para a maior jornada preparado,
Com os esforços da fé frtalecido,
Desmaiado ao deliquio de abrazado,
Pizando as raias, já, de amortecido,
Na ultima estação, desenganado,
Aos presentes lhes disse em voz suave,
Com ar benigno, se com modo grave.

IV

Aquela sombra, de terror vestida,
Dura separação da união mais forte;
Aquela, do mortal, ultima lida,
Aquela do imortal, primeira sorte;
A que ao perfeito chama como vida,
A que ao errado assusta como morte,
Em seus braços me tem já semivivo,
Morto do golpe, da esperança, vivo!

V

O divo amor, na hora formidável,
No transe grave e ultímo suspiro,
Tão benigno se mostra, tão tratavel,
Que espirando de mim, nele respiro!...
Se quereis, pois, no dia lamentavel
Não temer o rigor, como refiro,
Servi e amae, e seja com extremo;
Que eu amei e servi... e ainda assim temo!...

VI

E se de amor nas chamas relevantes
São os vitaes alentos apurados,
Seja vossa eleição morrer de amantes
Que é melhor que viver de descuidados,
No afecto ardentes, no valor constantes
Caminhae aos segredos deificados;
Adonde vos darão, ditosa sorte,
Viva fé, brando amor e zelo forte!

VII

Este aviso vos deixo meditado,
Em prendas da vontade penhorada,
E vos rogo a piedades que hei notado
Graveis em minha urna assim lavrada,
Firme letra que diga com cuidado:
— « Hontem, pó; hoje, horror, amanhã, nada! »
Mas se de amor á Esfera vôo logo
Poreis: — « Em cinza jáz, e vive em fogo! » —

Estrofe VI. Retoma a narração em *A Preciosa*.

Estrofe VII. Em *A Preciosa*:

Hontem pó e *horror*, ámanhã nada.

VIII

Disse, e a pouco mais somno ditoso
Dormiu, até ao dia formidavel;
Voou o Imortal ao Luminoso,
O caduco ficou para admiravel,
Do olfato aos melindres oloroso
A experiencia do tacto trateavel,
Vendo-se em sua face nunca esquiva
A morte alegre, quando a Parca viva!

IX

Vôa ilustre varão ao sólio raro,
Vôa estático assombro á Esféra pura,
Donde logres, sem ser por tempo avaro,
Divino canto de melhor doçura,
Atende altivo ao Emporio caro,
Remonta-te eminente á suma altura,
Donde vejas arder e cantar grave
Ao Serafim sem dissimúlo de Ave.

Estrofe IX. Em *A Preciosa:*

Ao mesmo Serafim, *que ouvistes* Ave.

X

Transcende, digo, aos muros diamantinos
Vôa raro aos assentos elevados,
Sóbe, torno a dizer, aos córos dinos
Sempre supremos, nunca cogitados;
Exalta-te nos órbes zafirinos
Deifica-te nos raios acendrados,
Donde logres em glórias relevantes
Unas as horas, firmes os instantes.

XI

Lápida dura, em singular vanglória
Erario é do tezouro mais que humano,
Levantou-se no Claustro para glória
Se outras vezes se viu, peior desengano
Adonde em pira de imortal memória
Descançou o cadáver soberano,
E renascendo em sua ardente chama
Na terra dorme, no impirio ama.

Estrofe XI. Em A *Preciosa*:

Pedra dura, que em singular vanglória
. . . . . .
Se outras vezes, se vio por desengano;

XII

A maravilha nas memórias viva,
Do assombroso excesso horror divino;
A fé constante nos mortaes aviva
Seja já natural ou peregrino,
Na urna de protentos sucessiva
Buscam remédio a toda a pena dino,
Donde o que toma da sagrada terra
Desvia a Parca, a opressão desterra.

XIII

Do Santo Abade o epiteto ilustre
A devoção lhe dá, que assim o chama,
Com que escondida luz em tanto lustre
Ficou seu nome no de maior fama.
Menos nome a seu ser era deslustre,
Com que atenta a piedade, tal o aclama,
Do grande varão que tanto brilha
Deveu a antonomázia, a maravilha

Estrofe XIII. Em *A Preciosa :*

Do *heroico* Abade o epiteto ilustre.

XIX

Ali, de a muito culto respeitado,
Ou já do rogo, ou já do sacrificio,
Era na dina urna venerado
Pagando á devoção o beneficio.
Via-se o Mauseôlo todo adornado
De pia oferta ao favor propicio;
Porém a ingratidão, monstro de neve,
Paga em tibezas, quanto em gloria deve!

XV

Pouco a pouco o amante rendimento
Exalou o calor que o agitava;
Adormecida a fé ao passo lento
A raia do olvido já tocava.
Solido se atendia o monumento
Que côrte de fineza suportava;
E a pedra, que hontem lagrimas partiam
Já hoje ingratidões endureciam!

Estrofe XIV. Em A *Preciosa*:

Ali de *amante* culto respeitado,
. . . . . .
Via-se o *mausoleo* todo adornado

Estrofe XV. Em A *Preciosa*:

Do esquecimento a raya já tocava:

XVI

O sagrado lugar pisa animoso
Incauto bruto, a culpas do olvido;
Que sendo o racional indecoroso
Só pode o irracional ser atrevido;
O clausto a quem emulo alto colosso
Já de planta animal é ofendido;
E faz a indevoção, horror lhe tomem,
Que pise o bruto o que adorou o homem!

XVII

Mas a rustica planta, a que não ata
A devida atenção, que se merece,
Se a vlolar o sagrado se desata,
Ao pisar pela urna se entorpece;
Fere pio o rigor, porém não mata;
E repetida a causa o golpe cresce,
Porque permite o Ceu neste insocego
Cure bruto ferido o homem cego.

Estrofe XVI. Em *A Preciosa:*

O claustro, a quem *imita* alto coloso

XVIII

Ao reparo da rez entorpecida,
Sendo em tantos o golpe repetido,
Renasceu a atenção, que adormecida,
Nasceu obzéquio e acabou olvido,
Já da urna, a protentos defendida,
O indecoroso passo é escluido;
Chegando só á pedra, em tanto afogo,
Reverente temor, humilde rogo.

XIX

Assim o mauseôlo veneravel,
A dina urna, o marmore sagrado,
Fez Pedro, veneravel, respeitavel
Sendo já da torpeza conculcado.
A cinza amante, que guardava amavel,
Memoria do prodigio mais notado,
Fez renascer da devoção a flama
Que é braza, até, a cinza de quem ama!

XX

Neste marmore dino, de amoroso,
O insigne varão foi adorado,
Até que braço amante e poderoso,
Assento lhe lavrou mais elevado;
Rouba á claustra o tesouro protentoso,
Colocando-o no templo venerado,
Quando já no inconstante firmamento
Era estrela de Eloi a luz de Bento.

XXI

Urna, digo, ficou, da cinza amada
Erario do tesouro esclarecido,
Sacrario da reliquia venerada,
Ocaso do planeta mais luzido;
Colosso da grandeza deificada,
O marmore, do ouro incompetido,
Donde descança em imortal memoria
Maravilha do Ceu, da terra gloria!

XXII

Este sucesso foi, nunca narrado,
Este o protento é, nunca aplaudido,
Este o assombro foi, nunca imitado
Este o milagre é, nunca advertido;
Este o excesso foi, nunca admirado,
Este o prodigio é, nunca admitido,
Que ousado escrevo, que atrevido conto,
Com pena de aguia não, — com voz de espanto!

Estrofe XXI. Em *A Preciosa:*

Colosso da grandeza *illuminada,*

XXIII

Tu, Portugal, que em tudo remontado
Ao singular aspiras relevante;
Tu, que em teu mesmo timbre sublimado
És na soberba Esfera dominante;
Patria foste do varão mais elevado,
Teatro do protento mais constante,
A teus lustres ajunta esta vitoria,
Para louro imortal de tanta gloria!

XXIV

Do aço forte o eco belicoso
Soar fizeste ao clima mais distante,
O orbe estremeceste pavoroso,
Na voz de Palas, sem igual descante;
Tuas glorias cantaste, vitorioso;
Aus rumores do Indo; qual triunfante;
Faze agora que soe em toda a parte,
Que eras mimo de amor, se ira de Marte!

Estrofe XXIV. Em *A Preciosa:*

Que eras mimo de amor, *gloria* de Marte.

XXV

Tu, claustro insigne, domicilio ilustre,
Do protento memoria peregrina,
Que esfera foste, ao sol de maior lustre,
Concha serviste, á perola mais fina,
Teu esmalte acendrado não deslustre
Do atrevido tempo a força indina,
Pois ficas nas memorias sempre interno
Imortal esplendor, padrão eterno!

XXVI

E tu, ditoso pinho, que elevado
Sobre a palma transcendes excessivo;
Tu, que aos mesmos cedros empinado
Te fizeste do Ceu figurativo;
Tu, que nos proprios signos exaltado,
Sobre as estrelas sobes semidivo,
Plantas e luzes te respeitem belas
Pois sobes sobre a palma, cedro, estrelas.

Estrofe XXV. Em *A Preciosa:*

Teu esmalte *luzido* não deslustre

Estrofe XXVI. Em *A Preciosa:*

Sobre as Estrelas sobes *todo altivo,*

XXVII

Tu, Minho, que da gloria foste Atlante,
Do ilustre português berço ditoso;
Em folha de aço, táboa de diamante
Faze escrever o caso protentoso!
Em firme rocha, em penha impenetrante,
Grava severo o coração fogoso;
Impresso fique, quando se assegura
Em brando coracão, em penha dura!

XXVIII

Mortal que estudas no protento raro,
Tu, que meditas no mental sucesso,
Alma, que invejas o deliquio caro,
Vida, que anhelas o subido excesso;
Pois absorta te ficas, no reparo,
Pois amante te mostras no progresso,
— Óra — se queres escutar suave
A voz de amor no dessimúlo de ave!

FIM GLORIA A DEUS

Estrofe XXVIII. Em *A Preciosa*:

Se quer agora escutar suave (7.º verso).

(FRAGMENTO)

(I)

.....

Ficando, o deus do Mar, enamorado
Quando já mais seguro se presume,
Começou a ansiar, o bem amado,
— Que isto te der amor, é ter ciume!
Manda ás perolas, logo, arrebatado,
Que lhe prendam a ninfa, raro nume;
Em cordões se enfiaram nesta empreza,
E uma perola de outras se vê presa!

(II)

Vendo-se a ninfa pelo deus atada,
Para ele virou a bela face;
Um sorriso a deixou mais engraçada...
— Aqui tendes a alva quando nasce!
De seu amor, estava, já prendada,
De cujo incendio Fenix se renasce;
E entre dois afectos superiores,
Na prisão dos ciumes canta amores.

(III)

Na maritima concha, que a guardava,
A recolheu o deus, sem liberdade;
Donde em prisões de ouro, a enfiava,
Como perola fina, na verdade.
E se o sol atrevido a espreitava,
Neptuno lhe apagava a claridade,
Mandando nuvens, para desafogo,
Carregadas de agua contra o fogo.

(IV)

Qual o fino diamante, sempre puro,
Que na prisão do ouro encastoado,
Qual a rosa, das silvas no seguro
Que o ciume do sol a tem guardado,
Qual o tezouro, que o ferrolho duro
Aos perigos do ver, tem recatado:
Tezouro, pedra fina, rosa pura,
Guardada está, de Nila, a formosura.

(V)

Aqui, Neptuno, convidado havia
As deidades do Mar, as ninfas puras;
Para um banquete, donde repartia
Nectares e ambrozías, por doçuras;
E por frutos, ali, tambem trazia
O coral tenro, as perolas maduras,
Sendo a copa, e mantéis, ali notada;
Tesido, aljôfar, agua congelada.

(VI)

Já nas cadeiras, de cristal, sentados
Ao banquete, que a todo o mar recreia,
Para maior prazer dos co.:vidados
Toca o búzio o Tritão, canta a Sereia,
Apolo, nos seus raios ilustrados,
Para a letra lhe manda a sacra veia,
E a musica divina que prepara,
Fez o carro parar, — que nunca pára!

(VII)

Um dos marinos deuses inferiores
Vendo as menzas de ninfas, coroadas,
Vestidas de velilho sobre flores,
Em coraes as madeixas enlasadas,
E de Tétis as graças superiores
Em cada uma delas retratadas,
Disse, no termo de uma menza pura:
— Está de todo o Mundo a formosura!

(VIII)

Ouvio Neptuno o deus, como afirmava
Estar ali do Mundo a gentileza,
Quando a sua ninfa lhe faltava,
Sem ser Venuz a coroa da beleza.
E acezo, na paixão que o insitava,
Não podendo tragar sua brabeza,
Deu uma grande voz cheia de ira,
E disse: — té nos deuses ha mentira!...

(IX)

Ouvindo-o, as ninfas, antes presumidas,
Já sem saberem de quem estão ciosas,
(E nas faces, de côr revestidas,
Se viam várias flores entre as rosas),
E Tétis mais sentida que as sentidas
Julgando-se a formosa das formosas
Se ficou, muda, fria, e enfiada,
No cristal da cadeira equivocada.

(X)

— Tragam-me, aqui, a Nila, ninfa rara,
Neptuno proseguiu, — sáia o tezouro
Escondido, que a sorte me depara,
E leve desta menza a maçã douro.
Se acaso a competencia se prepara,
Seja a ela, realce, — ás mais, desdouro;
E então, direis, com vista mais segura,
Se estava aqui, do Mundo, a formosura!

(XI)

Logo, Nila, ao banquete foi trazida,
— Que assim a bela ninfa se chamava,
E das brandas prisões desempedida
Pelo mesmo que nelas a enlaçava.
De verde-mar, apareceu vestida;
E de azul-ceu, tão bem composta estava!
E ali admirada a face serena,
Foi do amor, glória, — e do ciume, pena.

(XII)

Ao ver a graça donde a graça estuda,
Estão os marinos deuses admirados.
Ás ninfas, a inveja o rosto muda;
Elas frias estão, — eles abrazados.
E Tétis, mais que todas, carrancuda,
Como os olhos de iras, arrazados,
— Se sae, sem despedir-se, e diz sem medo:
Foi convite de um deus banquete azedo!...

(XIII)

— « Esta é a beleza que escondida,
A nossos olhos seu recato teve,
Quando em sua pureza defendida,
Qual perola na concha, oculta esteve,
— Neptuno diz, — e a fiz aparecida,
Qual o sol, que se põe por tempo breve,
— Para que visse o deus que assim falava,
Que tudo aqui faltava, se faltava »!

(XIV)

Os semideuses, calam, de advertidos;
Toda a ninfa, de ali, sae arrufada;
Os tritões, já por elas vão sentidos,
A sereia não canta, de enojada.
Nila torna à prisão, sem mais ruidos,
De ninfas e nereidas praguejada;
E assim se acaba este banquete pleno
Adonde o nectar se tornou veneno.

(XV)

Tétis, que arde e gela em sua pena,
Parte logo a buscar de Nila — o Fado —;
E achando-o entre rosas e assucena
Chegou com o cabelo desgrenhado,
Chorando brasas pela face serena,
O endeusado manto já rasgado!
Assim se apresentou ao belo nume,
Pouca demonstração para um ciume.

(XVI)

— Donde o fado se viu, lhe diz chorosa,
Trocar-se o fino ser pelo inconstante?!
Pela humilde papoila, a bela rosa,
Por um seixo da praia ao diamante?!
Pela simples mulher, deusa gloriosa,
Pela rede, a corôa dominante?!
— Pois Neptuno me deu este vil trato;
Que ha deidade infelice e deus ingrato!

(XVII)

Do grande pescador desta ribeira
Unica filha, é, a Nila bela,
Por quem Neptuno passa tal cegeira,
Que a trata de sol, e a mim, de estrela!
Na menza, a preferiu, de tal maneira
Que eu fiquei a mulher, e a deusa ela,
E se viu ultrajada (ó triste hora!)
Uma deusa por uma pescadora!...

(XVIII)

As deidades marinas, afrontadas,
Os titões, nas cavernas escondidos,
As ninfas, nos seus seios retiradas,
Falando os mudos peixes, de sentidos.
As ondas dão nas rochas, de agastadas;
O mar, de quando em quando dá bramidos
E ás nuvens, lhes pede, por tributo,
Que lhe deem dos seus córtes para o luto!

(XIX)

— Assim venho a rogar-te, ó santo Fado,
(Que em ti, minha esperança se convida),
Decretes. em teu celo interrogado,
Que Nila mude a fé, ou perca a vida;
Ou Neptuno, cruel, seja deixado
Por um mortal, ou ela fenecida,
Das duas penas, sinta, de uma a furia:
Ou padeça na magua, ou na injúria.

(XX)

E pois eras o Fado peregrino
Desta beleza, contra mim severa,
Ou lhe põe a mudança em seu destino,
Ou a Parca na sua Primavera.
Com lagrimas, aqui, Fado divino,
Te persuade minha pena fera;
Pois se tudo alcança, — mulher que implora.
— Que não acabará — deusa que chora?...

(XXI)

Ouvindo, o Fado, a deusa vingativa,
Com seguras promessas a conforta.
Assim que na esperança tornou viva
A que chegara na inveja morta.
O deus do Mar, que no amor se estriva,
(E já em seus receios se reporta)
Rompe a Nila a prisão, porque presume
Ser maior sua fé, que seu ciume!

(XXII)

Um dia, que pescava, oficiosa,
Ouviu que lhe diziam na marinha:
— « Olha o meu coração, Nila formosa,
Preso na rede o tens, e livre vinha!
Logo arrojou a rede, vergonhosa,
E com a ira a pisou, que assim convinha.
— De fazer teu reparo, aqui, não deixes,
Pois pisa corações quem busca peixes!

(XXIII)

Ao seu albergue, vae, sem mais sentido.
E um dia estando nele descuidada,
Estrondo percebeu, sentiu ruido!
E logo qual a rosa, que cercada
Se vê do espinho de rigor vestido,
— De soldados se olha rodeada!
Vinha entre todos, um de melhor arte
— O armado Cupido ou brando Marte.

(XXIV)

— Não te assustes, ó ninfa dominante,
Este lhe disse com desembaraço,
De ver que em tua esfera rutilante
Armado entre, com ligeiro passo,
Porque a oferecer-te venho, por triunfante,
Um coração de cera, neste aço,
Para que teu valor dê mais ruido,
Vencendo amor armado e não despido.
. . . . . .

REVELAÇÃO EMOCIONAL!

LOCAL PRECISO NOS ARREDORES DE COIMBRA ONDE NASCEU A ALMA DE CAMÕES!

Coimbra, 31 de Maio de 1921.

Vamos ás fontes; descobrir é encontrar as fontes! A Intimidade é a fonte da Imensidade! Ha para cada poeta uma paisagem que lhe ficou sangrando em outras paisagens; quanto mais o poeta se aproxima dela e a purifica na memória da vista, mais ela se tornou em visão de Poeta!

Quando creança, veiu Luiz de Camões residir em Coimbra a principiar seus estudos; ahi tinha dois tios, Bento de Camões, prior geral do mosteiro de Santa Cruz, e o morgado João Vaz, irmãos do pae. João Vaz de Camões, conhecido por *João Vaz de Vila Franca*, tinha um filho Simão, que por seu genio irriquieto e aventureiro sofreu prisões, sofreu desterros, e andou vagueando por terras distantes;.— e do segundo matrimonio com Branca Tavares, teve a formosa Isabel Tavares.

Esta era a testa de neve e oiro, a perturbante *Beliza* de Camões; esta era aquela que lhe havia de turbar o sentido da Vida, e atira-lo ao Mundo em busca de uma agitada biografia!

Agora sei onde morou João Vaz e a loira Beliza, e por muitos anos Luiz de Camões, té que crescendo os amores após a edade, se irritaram os parentes, e vieram as dissenções e apartamento:

Aquela leda e triste madrugada,
Toda cheia de mágua e de piedade,
Emquanto no mundo houver saudade
Quero que seja sempre celebrada!

Ela só, quando amena e marchetada
Saía, dando á terra claridade,
Viu apartar-se duma, outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada!...

Estranhava eu a designação de *Vila Franca,* para quem tão apartado vivia do Tejo, quando me disse o Poeta Afonso Duarte, que tambem nos arredores da cidade de Coimbra, havia Vila Franca, solar em ruinas! Não havia duvida; ali era o berço de Camões, solar de familia, campos saudosos, paisagem camoneana de choupos e ôlmos, sintese de todas as tradições de luar! Abandonada ás aguas do Mondego, era a paisagem mais triste de Coimbra, soando de longe como um clarim no

dobrar das gerações! Na maior emoção de Luiz de Camões, tudo são suspiros, tudo Belizas, tudo esta paisagem; em tudo mais, transfigurações desta Beliza, transfigurações desta paisagem!

Esta é a visão vaga e profunda que deu principio á tragédia de Camões; a que se alongou nas meninas dos seus olhos a repassar as paisagens mais longinquas!

Lá está Vila Franca, terra de varzea! Vila Franca de Coimbra! Abraça-a em cinto um beijo do Mondego e uma orla circundante de montes azues!

Nós fomos os homens que primeiro, á luz duma visão superior, em nossos olhos exultamos estes solemnes arredores de Coimbra, abertos ao de lá do Pinhal da Tragédia! Paisagem absorta como uma cabeça pendente, murmuradora de solemnidades dum outro Mundo, ar meditabundo de Pantheon! Este o recinto singular e estranho, sintese da existencia mais febril, onde despertou o *Novo Pensamento* entre a leveza do gorgeiar das aves e a loira voante, de quem hoje do seu ar e do seu vulto, resta apenas no ar um sulco de sonho!

Morrêra João Vaz; e ela mimo da mão

> De sua mãe cuidada e glória pura,
> Como a mim foi a inculta formosura

e ela, filha de poetas, loira e inconstante, pouco a

pouco indiferente ao amor dum poeta, obstinava-se agora em viver apartada! Por ali rondava o vulto de Luiz de Camões o alto muro e a luz dos seus aposentos:

O ouro nada vale se está escondido
Em sua propria mina
. . . . . .
Porque sem a humana companhia
Nenhuma cousa tem sua valia.
. . . . . .
Pois teu cabelo d'ouro e branca testa,
Rostro belo, florida edade ufana,
Gastas sem companhia em deserta vida.
O' ingrata, cruel desconhecida!
O campo que merece,
Ou que te agradece,
Gastares nele edade tão sublime?
Dás-lhe o que não estima,
Dàs-lhe com larga mão o que me négas,
Emfim, a luz lhe dás, a mim as trevas.

Veio a mocidade incauta de Isabel; e Camões perdoava-lhe:

Ali as gárrulas aves levantando
Vozes não ordinárias em seu canto
Como eu no meu desejo, se encendiam.
As fontes cristalinas não corriam
De inflamados na vista linda e pura;
Florecia a verdura,
Que andando, co'os divinos péstocava.
. . . . . .

A parte racional m'entristecia
Vê-la a um apetite submetida.
Mas dentro d'alma o fim do pensamento,
Por tão sublime causa me dizia
Qu'era razão ser a razão vencida.
Assim que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restaurava.

Era irremediavel, tudo acabára:

Amada Circe minha,
Posto que minha não, contudo amada;
. . . . . .
Que sendo tão formosa,
Folgues de te queimar em flamas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais que emquanto alumia o Mundo a lua;
. . . . . .
E quási a todos dando
Aquele bem que a todos vós negando;

Em 1552, casa Isabel, com Alvaro Pinto; o irmão, radiante, dá-lhe em dote quasi tudo quanto tinha. Luiz volta a Coimbra, ronda a casa deserta de Vila Franca, e consternado, á margem do Mondego, escreve estes versos:

Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param;
Por onde as minhas máguas

Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Ali se me mostraram
Neste lugar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e douro,
Riso brando e suave, olhar sereno,
Um gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estará pintado.
Nesta florida terra
Leda fresca e serena,
Ledo e contente para mim vivia,
Em paz com a minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão belos olhos procedia.
. . . . . .
Tempo longo passei
. . . . . .
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?
Oh, quem me ali dissera
Que de amôr tão profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudéra
Que houvesse ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha senhora!
Para que desde agora
Já perdida a erperança
. . . . . .
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena.
. . . . . .

Morra eu, senhora; e vós ficae contente.
Tu canção estarás
Agóra acompanhando
Por estes campos estas claras águas;
E por mim ficarás
Com chôro suspirando;
Porque ao mundo dizendo tantas mágoas,
Como uma larga historia
Minhas lágrimas fiquem por memória.

Tudo acabou; pouco depois, lá vae Luiz de Camões levado na armada a demandar as terras do Oriente!

Vila Franca, este o rincão de seus primeiros amores, donde um grito profundo d'ancia e de gloria, o fêz abrir em o *Novo Pensamento!*

Ali a génese da Epopeia Nacional, sintese da Patria!

Que se possivel fôsse que tornasse
O tempo para traz, como a memória.
Por os vestigios *da primeira idade;*
E de novo torcendo a antiga história
De meus dôces errôres me levasse
Por as flôres que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave.
Onde uma e outra chave
Estere de meu Novo Pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,

A vista, a *neve,* a rosa, a formusura,
A graça, a mansidão, a cortezia,
A singela amizade que desvia
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais...
Ah vãs memorias! onde me levais
O débil coração.... ....
.....

A Epopeia Nacional nasceu, ela propria, dêsse absoluto mundo hoje mais elequente e mais solemne que o Pensamento de descobertas de mundos! Foi ahi em Vila Franca da Portela, fronteiro ao convento de S. Jorge, pouco acima da Lapa dos Esteios, o golfo de sonho em que nasceu a alma de Camões, e com ela a Epopeia Nacional!

A aurora no Principio do verão
A's flôres dando a graça costumada,
Como a formosa mansa féra quando
Um *Pensamento vivo* me inspirou
Porquem me desconheço.

A paisagem lá está! Ha centos d'anos que por ali andava errante nas perturbantes vozes do Mondego o vulto esquecido de Camões! Centos d'anos de poentes estranhos passaram por ali, sem que olhos parassem, sem que ouvidos ouvissem!...

Aquela mesma amplidão cercada de montes, as mesmas aguas saudosas do Mondego, o ciciar da saudade nos salgueiraes, o correr das fontes!...

Mario Saa.

CORRIGENDA

onde se lê	leia-se	Pg.
era mais branda	era mui branda	27
no inverso	no imenso	35
em vaga	em voga	43
almofadae	almofada e	62
São Paulo	Santo Antão	70
em 1911 com 84	em 1914 com 87	80
manseolo	mauseôlo	99
esimas	estimas	176
flos	flôr	192
fazem só	fogem só	202
conforme	consome	222
Doede	Donde	224
fretalecido	fortalecido	228

: : : : : : : : : : : : : : : Dentro em alguns dias CAMÕES NO MARANHÃO, livro de revelações por Mario Saa, auctor do EVANGELHO DE SÃO VITO :

TABOA

Pg.

INTRODUÇÃO AOS POEMAS 5
O Padre Simão Vaz de Camões e os seus poemas. 7
Um caso bibliográfico 45
Suposta Autora 51
Simão Vaz de Camões e os seus actuaes representantes 75
PRIMAZ DO ÈRMO 83
Canto I 85
Canto II 97
Canto III 109
Canto IV 119
Canto V 131
Canto VI 141
Canto VII. 151
AVE PEREGRINA 161
Canto I 163
Canto II 179
Canto III 195
Canto IV 207
Canto V 225
(FRAGMENTO) 241
REVELAÇÃO EMOCIONAL! 253

ACABOU A IMPRESSÃO DÊSTE LIVRO,
EM SETE DE JUNHO
DO ANO DE MIL NOVECENTOS E VINTE E UM.

BINDING
JUN

PQ
9231
C36P6

Camões, Simão Vaz de
Poemas heróicos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 05 06 017 8